UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO
PRETO

MATHEUS GUENZO ZEOTTI TOKAIRIN

Jovens universitários e engajamento político partidário em
Ribeirão Preto – SP

Ribeirão Preto – SP

2016

MATHEUS GUENZO ZEOTTI TOKAIRIN

Jovens universitários e engajamento político partidário em
Ribeirão Preto – SP

Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto como parte das
exigências para a obtenção de título de Mestre em
Ciências, Área: Educação.

Área de concentração: EDUCAÇÃO

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida.

Ribeirão Preto – SP

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Tokairin, Matheus Guenzo Zeotti Tokairin

Jovens universitários e engajamento político partidário em
Ribeirão Preto, 2016.

154 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto – SP. Programa de pós-graduação em
Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida.

1. Jovens Universitários; 2. Engajamento Partidário; 3. Independência; 4.
Autonomia

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: TOKAIRIN, Matheus Guenzo Zeotti

Título: Jovens universitário e engajamento político partidário em Ribeirão Preto – SP

Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto como parte das exigências para a obtenção de título de Mestre em Ciências, Área: Educação.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatórias

Ao leal e incansável Professor Elmir de Almeida por caminhar ao meu lado neste imenso desafio.

A Andrea de Jesus Cabral, sempiterna jovem e militante. (*In memoriam*).

Agradecimentos

À minha esposa amada, verdadeira companheira, que optou por comigo enfrentar todas as provas da vida.

Aos meus pais, Sirlei e Paulo, que tanto lutaram pela proteção de minha autonomia.

Aos meus outros pais, Sônia e João, por todos os suportes que a generosidade é capaz de criar. A toda a minha família, pelo amor, compreensão e apoio.

Aos 6 jovens entrevistados nesta pesquisa, que concordaram plenamente em participar deste estudo, sempre dispostos e solícitos.

Aos solidários amigos Marcelo Regula Maçonetto, Saulo de Souza Rodrigues, Carlos Alberto Fugita, Matheus Alves e Daniel Gaya, parceiros antigos.

Aos brilhantes sociólogos Rafael Kenji Kuriyama e Thiago Leibante, pelos exemplos de respeito e amizade.

Ao Prof. Dr, Geraldo Romanelli e Prof. Dr. Sérgio César da Fonseca pelas valorosas contribuições na banca de qualificação desta dissertação.

Ao escritor e amigo Thiago Basílio Donoso por todas as discussões e reflexões.

A CAPES por conceder a bolsa de estudos que me permitiu desenvolver esta pesquisa.

Ao amado e bem-vindo João Paulo Yamada Tokairin, que desde seu surgimento tem me ensinado as verdadeiras alegrias desta vida.

Epígrafe

Aloha – Legião Urbana – Renato Russo

Será que ninguém vê
O caos em que vivemos ?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber
Eu tenho um coração
Eu tenho ideais

Eu gosto de cinema
E de coisas naturais
E penso sempre em sexo, oh yeah!
Todo adulto tem inveja dos mais jovens
A juventude está sozinha
Não há ninguém para ajudar
A explicar por que é que o mundo
É este desastre que aí está
Eu não sei, eu não sei

Dizem que eu não sei nada
Dizem que eu não tenho opinião
Me compram, me vendem, me estragam
E é tudo mentira, me deixam na mão
Não me deixam fazer nada
E a culpa é sempre minha, oh yeah!
E meus amigos parecem ter medo

De quem fala o que sentiu
De quem pensa diferente
Nos querem todos iguais
Assim é bem mais fácil nos controlar
E mentir, mentir, mentir
E matar, matar, matar
O que eu tenho de melhor: minha esperança
Que se faça o sacrifício
E cresçam logo as crianças

Resumo

TOKAIRIN, M.G.Z. **Jovens universitários e engajamento político partidário em Ribeirão Preto – SP**. 2016. 154 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Apresenta-se e analisa-se resultados de estudo acadêmico sobre o engajamento partidário, a busca de autonomia e processos de individuação de jovens universitários. A pesquisa é de abordagem qualitativa; dialogou-se com seis estudantes, homens e mulheres, entre 21 e 26 anos, da USP-Ribeirão Preto, e distintas agremiações. Mesmo em circunstâncias históricas e sócio-políticas adversas, jovens se engajam e militam em partidos políticos. Para alguns, o engajamento tem relações diretas, ambíguas, tensas ou lúdicas com processos socializadores primários. Outros destacaram a centralidade de “correntes de sociabilidade” da escola básica ou da universidade. Para alguns, o engajamento militante é incorporado ao projeto de futuro; para outros, uma significativa experimentação. Para todos, ele é conquista de autonomia, um esforço de construção de visões de mundo próprias e de como agir nesse mundo, em meio a um jogo em que nem todos os valores, ideias e crenças internalizados no “*palimpsesto* de socializações” foram/são efetivamente incorporados.

Palavras-chave: Jovens Universitários; Engajamento Partidário; Independência; Autonomia

Abstract

TOKAIRIN , M.G.Z. University students and partisan political involvement in Ribeirão Preto – SP. 2016. 154 f . Dissertation (Master) - Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto. University of São Paulo

It presents and analyzes academic study results on the party engagement, the search for autonomy and individuation processes of young collegians. The research is a qualitative approach; Dialogues were held with six students, men and women, from 21 to 26 years old, from USP-Ribeirão Preto, and different associations. Even in historical and sociopolitical adverse circumstances, young people engage and militate in political parties. For some of them, the engagement has direct, ambiguous, tense relationships or play with primary socialization processes. Others highlighted the centrality of "sociability chains" at school or university. For some, militant engagement is incorporated into future project; for others, a significant experimentation. For all, it is the conquest of autonomy, an effort to build worldviews and how to act in their own world, in a game in which not all values, internalized ideas and beliefs in "palimpsest of socialization" were / are effectively incorporated.

Key words: Young Collegians, Party Engagement; Independence; Autonomy.

Lista de quadros

Quadro 1 – Descritores ou palavras-chave utilizadas nas buscas nas bases de dados da CAPES, USP/Dedalus e Plataforma Democrática do IFH.

Quadro 2 - Jovens universitários que contribuíram com a pesquisa, idade, trajetória no ensino fundamental e médio, curso que realizavam no ensino superior na USP, partido político que militavam, 2015.

Lista de Partidos

DEM	Democratas
NOVO	Partido Novo
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCO	Partido da Causa Operária
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEN	Partido Ecológico Nacional
PHS	Partido Humanista da Solidariedade
PMB	Partido da Mulher Brasileira
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PP	Partido Progressista
PPL	Partido Pátria Livre
PPS	Partido Popular Socialista
PR	Partido da República
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PROS	Partido Republicano da Ordem Social
PRP	Partido Republicano Progressista
PRTB	Partido Renovador Progressista Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSDC	Partido Social Democrata Cristão

PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PTdoB	Partido Trabalhista do Brasil
PTN	Partido Trabalhista Nacional
PV	Partido Verde
REDE	Rede Sustentabilidade
SD	Solidariedade

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	16
------------------------	-----------

1. As motivações para realizar um estudo sobre o engajamento militante de jovens em partidos políticos.....	16
2. O tema do estudo e a questão central da investigação e o contexto histórico que ela se situa	18
2.1 Objetivos do estudo.....	24
2.2 Aportes teóricos e procedimentos metodológicos adotado.....	24
2.2.1 Procedimentos metodológicos adotados nas diferentes etapas da pesquisa.....	26
2.2.2 Sobre a entrevista e o roteiro de questões.....	29
2.2.3 Escolha dos jovens e atividades de campo.....	29
2.2.4 A Universidade de São Paulo – <i>campus</i> Ribeirão Preto: breves considerações.....	30
2.2.5 A imersão nas atividades de campo.....	17
2.2.6 Notas sobre os momentos das entrevistas.....	32
2.2.7. Notas sobre as transcrições das entrevistas.....	33
3. Notas sobre a estrutura do texto dissertativo.....	33

CAPÍTULO 1 – JUVENTUDE, JOVENS, SOCIALIZAÇÃO E ENGAJAMENTO MILITANTE

1.1 Juventude, jovens e processos socializadores.....	35
1.2. Processos socializadores dos mais novos: algumas distinções.....	36
1.3 Apontamentos sobre noção de socialização política.....	39
1.4 A juventude como fase da vida e como “prova”.....	40
1.4.1 Os jovens frente ao desafio da conquista da independência e da autonomia.....	43
1.5 Engajamento militante e jovens.....	46
1.6 Partido político e as funções dos partidos políticos.....	50

CAPÍTULO 2 – OS JOVENS DA PESQUISA E PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA NO CÍRCULO FAMILIAR

2.1 Retratos dos jovens universitários que colaboraram com a pesquisa	54
2.1.1 Uma fotografia de conjunto dos jovens universitários	62
2.1.2 Jovens universitários de IES estatal: iguais, diferentes, engajados em partidos.....	64
2.2 Percursos socializadores e possíveis efeitos sobre o engajamento partidário de jovens-estudantes da USP-RP.....	65
2.2.1 Herdeiros e heranças do círculo familiar ampliado: práticas e valores políticos.....	66
2.2.1.1 Heranças políticas pelas vias do trágico e do lúdico.....	66
2.2.1.2 Do pai ao filho, do pai à filha: transmissões, heranças e ambivalências.....	68
2.2.1.3 Nem tudo que é internalizado é incorporado: recusas aos valores e práticas políticas herdadas da família.....	70
2.2.1.4 Trocas e transmissões políticas com a mãe: alteridade, cuidado e socialização de mão dupla.....	72

CAPÍTULO 3 – JOVENS UNIVERSITÁRIOS: ENGAJAMENTOS EM PARTIDO POLÍTICO E OUTRAS DIMENSÕES DA VIDA JUVENIL

3.1 “Grupo ensino” e “correntes de sociabilidade” de escola pública de ensino médio.....	77
3.2 “Correntes de sociabilidades” do ensino médio e engajamento partidário.....	78
3.3 O espaço da universidade: estranhamento, “princípio de realidade”, “ir atrás das coisas” e engajamentos.....	80
3.4 Ação sindical, círculo de amigos e lutas feministas: induções ao engajamento.....	83
3.5. Engajamento e outras dimensões da vida juvenil: lazer, namoro e amizades.....	85
3.6 A construção e a manutenção dos círculos de amizade a partir da militância.....	88

CAPÍTULO 4 – ENGAJAMENTO PARTIDÁRIO, PLANOS PARA O FUTURO E APRENDIZADOS DA MILITÂNCIA

4.1 Projetos para vida acadêmica: reversão de escolha, formação <i>omnilateral</i> e pós-graduação afinada com a militância.....	96
4.2 Formação acadêmica, engajamento e planos de (re)inserção laboral.....	99
4.3 A saída da casa dos pais e vida conjugal: possibilidades adiadas.....	100
4.3.1 A partida definitiva da casa dos pais: um projeto postergado.....	100
4.3.2 Vida conjugal e constituição de família: um futuro incógnito.....	102
4.4 O engajamento partidário no tempo: planos de futuro.....	104
4.5. Os sentidos e aprendizados do engajamento partidário para os jovens entrevistados.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
APÊNDICES E ANEXOS.....	122

INTRODUÇÃO

1. As motivações para realizar um estudo sobre o engajamento militante de jovens em partidos políticos

A experiência de ser jovem no Brasil, nos anos iniciais do século XXI e, sobretudo, jovem universitário em universidade pública (Universidade Estadual de Londrina), proporcionou-me uma intensa vivência política e social. Estudante do curso de Ciências Sociais, ingressante em 2002, meses antes do pleito eleitoral que elegeria pela primeira vez o Presidente Luís Inácio da Silva, pude experimentar um espírito ávido, popular, constituído por uma contigante expectativa de que grandes transformações económicas e sociais estavam prestes a ocorrer no interior da sociedade brasileira.

À época, vivíamos a eminência de que um representante das classes trabalhadoras acendesse ao cargo de Presidente da República: o ex-metalúrgico Lula era oriundo das camadas populares, dos movimentos sindicais, com histórico de posicionamento político em defesa da classe trabalhadora; era também apreendido, por determinados segmentos da sociedade, pela figura estereotipada do migrante nordestino.

A expectativa daquele pernambucano e ex-operário tornar-se chefe do poder Executivo Federal configurou um momento inédito na história da Nova República¹ (a partir de 1985), e fecundava expectativas de que ele pudesse liderar um movimento que significasse uma nova relação entre o Estado e a estrutura social brasileira.

É importante reconhecer que a Nova República expressou o resultado de um movimento social reformista encarnado na promessa de um novo Estado e de uma nova relação entre Estado e sociedade. O novo da Nova República não era a República, mas essa promessa de uma nova relação (SOUZA, H. 1987,p.24).

Lula se erguia neste contexto como algo insólito, figurava enquanto homem e ator capaz de combater as velhas estruturas de poder, desrepresando as históricas demandas sociais dos segmentos mais pobre e dos mais necessitados. Naquele período, o PT - Partido dos Trabalhadores vivenciava mais uma de suas profundas transformações internas onde, segundo Secco (2010), a vitória nas eleições de 2002 provocou a passagem de partido de “Oposição parlamentar” (1990-2002), para “Partido de governo” (2002-2010), concomitantemente ao

¹Optei por utilizar o termo Nova República (1985 – atual) também classificado como a Sexta República para designar o período posterior a ditadura militar que vigorou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

progressivo afastamento de suas principais lideranças das bases sociais e populares daquela agremiação. Esse momento foi marcado também pelo grande aumento de “quadros políticos profissionais”, mais comprometidos com projetos pragmáticos do que necessariamente com projetos político-ideológicos de mudanças radicais e necessárias de uma sociedade com história de desigualdades múltiplas e de longa duração.

Mesmo diante de mudanças que viriam a comprometer as lutas históricas da legenda, no início dos anos 2000, percebia-se uma perspectiva de ascensão de um governo popular e próximo da classe trabalhadora, uma condição inédita que direcionaria a nação para um futuro de combate as contradições promovendo a distribuição de riquezas. Tal esperança inflamou determinados agrupamentos políticos partidários, sobretudo alinhados à esquerda democrática, que somaram suas bandeiras institucionais em direção a um otimismo inédito no país.

No meio universitário em que eu estava imerso, o ano de 2002 ficou marcado pela alegria da conquista da Copa do Mundo e a forte possibilidade de consagração de um projeto político partidário de esquerda, afinal era o triunfo do PT e suas defesas históricas, além da abertura para as outras frentes de esquerda nacional. Tais condições peculiares eram sentidas nos interesses dos jovens universitários de forma específica, a partir da vivência de uma tensão libertadora que se formalizou com os resultados finais do pleito eleitoral de 2002.

No território da UEL, já eram percebidas as presenças dos partidos políticos em atos, debates, reuniões, disputas eleitorais do movimento estudantil e sindical, mas esses atores operavam pontualmente nas agendas exclusivas do debate político e ideológico. O fato novo era que as vésperas das eleições, aparentemente, não se tinha receio qualquer sobre a afirmação partidária entre estudantes, funcionários e docentes, mesmo esses sendo representantes da minoria na comunidade universitária. Outros se somavam, tomando por empréstimo os símbolos do PT, motivados pelo espírito social de forte otimismo.

O sentimento estava focado na expectativa da vitória de Lula e do PT, fato histórico e muito aguardado, capaz de promover um momento singular na jovem democracia brasileira. Mesmo com o cenário propício ao partidarismo, ou de menos preconceito, notava-se que a escolha pelo engajamento militante partidário se restringia a uma cota mínima da população jovem universitária. A escolha pela vivência partidária era partilhada por pouquíssimos jovens, que se articulavam em poucos grupos juvenis e partidários, em geral pertencentes ao espectro ideológicos de esquerda. Percebiam-se também narrativas contrárias as organizações

representativas através de discursos ideológicos das mais distintas naturezas que descreditavam qualquer estrutura de poder ou delegação de decisões.

Meu interesse pelo tema do presente estudo surge já naqueles tempos, quando procurava entender porque a maioria dos jovens que comigo coabitavam e se socializavam no cotidiano da universidade discursavam em sentido contrário aos partidos políticos e encontravam dificuldades de se posicionarem de forma institucionalizada.

Para mim, era evidente que a organização coletiva dentro dos partidos era a ferramenta mais importante de transformação da sociedade, era legítima e única capaz de consolidar e defender interesses sociais, políticos e ideológicos históricos da coletividade.

Além de perceber o distanciamento que havia entre os jovens universitários e os partidos, comecei a notar que tais sujeitos demonstravam não apenas desinteresse, mas repúdio ao modelo representativo partidário, aplicando a ele responsabilidade direta sobre os problemas da sociedade. Por não partilhar da mesma descrença, experimentei a vivência partidária nos anos de Graduação em Ciências Sociais, também militei no movimento estudantil universitário, acessando as agências socializadoras presentes nos movimentos sociais e na sociedade civil. Credito hoje às experiências partidárias vividas, parte de minha formação cidadã e política.

O estudo que empreendi apresenta percepções das experiências militantes nos contextos de jovem universitários em situações análogas ou próximas às que vivi, apesar de reconhecer diferenças importantes no contexto político e social na sociedade brasileira entre as épocas.

2. O tema do estudo, a questão central da investigação e o contexto histórico que ela se situa

A respeito do tema central da investigação e seu contexto histórico, e às distantes condições político-econômicas dos anos de 2002 e 2003 em relação aos dias atuais, naquele tempo, mesmo que pudéssemos perceber um número pouco significativo de jovens militante em partidos, sentíamos uma atmosfera de mudanças que pendiam para os movimentos sociais de esquerda e de alternativas a lógica neoliberal, no Brasil e em outros países da América do Sul. O que vemos agora mostra-se como uma grande articulação dos setores mais conservadores da sociedade e da política institucional brasileira exercendo maior poder de atratividade em segmentos amplos de jovens brasileiros, que se mobilizam publicamente, tanto no universo físico como no território virtual da Internet, se opondo ferozmente contra o

Partido dos Trabalhadores (e outros partidos considerados de esquerda), ao governo federal sob a gestão do PT², e também aos movimentos sociais e populares que apresentem concepções sociais e políticas tradicionais de esquerda, tais como o as reivindicações dos trabalhadores, reforma agrária, direitos sociais e civis de grupos minoritários e etc.

A participação dos jovens em protestos e manifestações públicas entre 2013 e 2015 é notável e em sua maioria estas mobilizações declararam repúdio a participação dos partidos políticos de qualquer natureza ideológica. Este fato traz não só o descrédito dos partidos junto a juventude contemporânea, mas sugere que essa geração esteja questionando todo um modelo ou forma de democracia experimentada que fora formulada e aplicada pelas gerações adultas de outrora, portanto, mesmo que os dados colhidos pertencam ao universo específico de jovens engajados em partidos políticos, embriona-se outra questão: tais manifestações sugerem transformações também no modelo democrático ou apenas recai como uma crise de legitimidade do sistema representativo ?

O modelo democrático contemporâneo tem como princípio cardeal o exercício da vontade do povo na persecução do bem comum; o mecanismo responsável pela efetivação desse princípio é o da escolha dos governantes pelos governados. Deste sistema democrático, portanto, origina-se o modelo representativo de governo, cujo princípio de ação governamental e obediência cidadã é regulado pela capacidade do representante em traduzir a vontade popular sob a forma de políticas públicas (DIAS, 2004, p. 237).

Dias (2004), atenta para uma possível sofisticação das demandas dos cidadãos ao Estado (continente europeu) e a redução progressiva de sua capacidade de atendê-las mediante a execução de políticas públicas. Outro ponto que a autora observa é sobre o paradigma da distância entre o Estado e a sociedade que já fora observada em outros momentos.

A distância que separa o Estado da sociedade não é uma constatação recente. Schattschneider (1960), no início da década de 1960, associou a falta de transparência dos governos ao desinteresse da população pelos assuntos políticos. O povo semi-soberano seria fruto de uma arraigada tradição política voltada para o isolamento do Estado e de uma estrutura governamental labiríntica, responsáveis pela manutenção da grande maioria da população ignorante com relação ao curso das decisões governamentais (DIAS, 2004, p.244).

² Considera-se período anterior a 13/06/2016 quando Michel Temer (PMDB) assume interinamente a presidência da República.

Uma outra estratégia de análise da questão partiria da ideia de que a juventude estaria tentando experimentar uma democracia direta em face ao desgaste da democracia representativa conduzida pela estrutura partidária no Brasil, posicionando-se a frente de seus representantes, uma vez constatada a sua não representação.

A consolidação da democracia representativa, porém, não impediu o retorno da democracia direta, embora sob formas secundárias. Ao contrário, o ideal da democracia direta como a única verdadeira democracia jamais desapareceu, tendo sido mantido em vida por grupos políticos radicais, que sempre tenderam a considerar a democracia representativa não como uma inevitável adaptação do princípio da soberania popular às necessidades dos grandes estados, mas como um condenável ou errôneo desvio da ideia originária do governo do povo pelo povo e através do povo (BOBBIO, 2004,p.154).

Desta maneira, a pesquisa desenvolvida tem por objetivo produzir conhecimento acerca da participação de jovens universitários, de meio urbano, em associações partidárias por meio do engajamento militante, a partir da hipótese de que tal movimento adensa seus processos de conquista de autonomia relativamente aos adultos e as instituições do mundo adulto.

Percebe-se nos dias atuais que os sujeitos juvenis têm buscado formas de vivenciar a experiência do agir político em um contexto histórico e social peculiar – tanto em nível global como local, tal como explicita Danilo Martuccelli (2015), ao descrever a dupla transformação estrutural que ocorre na esfera pública em diferentes escalas territoriais - nível global, regional e local.

Essa primeira grande mudança estrutural que se consolidou na América Latina, com importantes variantes nacionais, nos anos 1980-90, dá lugar a uma redefinição das relações de força entre os que eram, tradicionalmente, os três grandes blocos da esfera pública. Não é exagero descrever o estado efetivo da força presente em cada um deles como uma tensão entre, por um lado, o poder da ação e, por outro, o poder da enunciação (MARTUCELLI, 2015, p.63).

Por outro lado, é preciso considerar que as ações e a participação política dos atores sociais – juvenis ou adultos, no cenário da sociedade brasileira, ocorrem em meio a significativas transformações estruturais de sua esfera pública, tal como preconizado por Martuccelli (2015).

De acordo com aquele sociólogo, a primeira transformação estrutural da esfera pública da sociedade brasileira – e de outras sociedades latinoamericanas - “mais tradicional”, esteve associada às “transições democráticas” dos anos de 1980 e 1990, e provocou alterações que afetaram o equilíbrio de poder entre os principais blocos estruturais da esfera pública, tais como o sistema político (partidos e governos), a sociedade civil (sindicatos, ONGs, mobilizações sociais) e o espaço público (sobretudo os principais órgãos dos *mass media*). Naquele cenário, e em seus desdobramentos históricos, nenhum dos blocos mencionados logrou impor sua vontade de forma unilateral aos demais blocos.

Mais recentemente, podemos verificar uma nova transformação basilar na esfera pública, – também em níveis mundial, regional e local - uma mutação que tem relações diretas com o surgimento de um “quarto bloco estrutural de poder” que se articula no território digital da Internet – a “Galáxia Internet” - que interfere no *mainstream* do espaço público e na esfera pública mais ampla.

À primeira grande transformação estrutural, que continua em trânsito e se aprofunda, devemos adicionar as mudanças engendradas pela Internet e seus usos desde os anos de 2000, pois segundo Martuccelli (2015):

A importância dessa situação é tal, e suas consequências tão diferentes e imprevisíveis, que (...), para entendê-la, é preciso dissociar a Internet do bloco ao qual ela é muitas vezes associada — os meios de comunicação e o espaço público. (...) Faz mais sentido (...) conceber a ‘galáxia da Internet’ como um quarto componente estrutural da esfera pública. (...) Por causa da galáxia da Internet (a própria *web*, blogs, redes sociais, *tweets* etc.), a esfera pública não está mais estruturalmente dividida em três, mas em quatro grandes blocos. A ‘galáxia’ (...) provoca na verdade uma transformação generalizada das estratégias na esfera pública, visível em todos e em cada um dos demais blocos (MARTUCELLI, 2015, p.66).

O sistema Político é fortemente impactado pela ascensão da “Galáxia Internet”, uma vez que há grande dificuldade em compreendê-la e indentificar sua magnitude.

Em primeiro lugar , a galáxia da Internet aprofunda e, por fim, transforma um dos grandes temores recorrentes e ativos entre os atores do sistema político: um sentimento de opacidade frente a uma sociedade da qual sentem desconhecer muitos elementos e, sobretudo, a imprevisibilidade de suas reações (MARTUCELLI, 2015, p.66).

Associado a esse temor, a Internet também torna mais denso o “sentimento desestabilizador” que os atores do sistema político experimentam diante da opinião pública, todavia, de modo diferencial do que sentem diante dos modos de agir dos meios de comunicação, pois os *mass media*, nos dias que correm

tem sido criticados por sua tendência de ‘espetacularização’, o que alimenta uma luta cotidiana e desmedida por visibilidade, questão que se viu fortemente acentuada há alguns anos por conta do surgimento dos canais de informação contínua que estão obrigados, por razões de produção industrial e interesse comercial, a ‘produzir’ sem parar informações, discussões, debates e ‘agendas’ sobre a atualidade (MARTUCCELLI, 2015, p. 69).

Em relação à democracia, o “novo bloco estrutural” da “galáxia Internet” faz emergir um novo perfil de ator e também “a figura de uma nova minoria, a dos “ativistas internautas”, que complementa, dessa forma, “outras minorias da esfera pública – representantes políticos, jornalistas e minorias ativas”. “De maneira muito mais importante, [ela] introduz modificações na própria prática da democracia” (MARTUCCELLI, 2015, p. 74).

Martuccelli (2015) assinala ainda que uma contribuição importante que a Internet oferece às experiências da democracia e da cidadania consistiria no fato de que

em seu próprio funcionamento (lógica de navegação, interconexão entre os *websites* etc.), [ela] suscita mudanças na relação que os cidadãos — sobretudo os ativistas internautas — mantêm com a democracia representativa. Assiste-se, globalmente, à consolidação de um tipo de cidadão cuja exigência a respeito da democracia (...) cresce. É possível até mesmo considerar que se esteja diante de um novo rosto da *accountability*: à *accountability* tradicional, de natureza propriamente institucional, (...) acrescenta-se um domínio de *accountability* não institucional e em tempo real (...). Uma exigência de prestação de contas que não se limita somente à ação dos governos, como também se exerce em direção aos meios de comunicação, e que é, inclusive, capaz de dar conteúdo prático às críticas intelectuais, por vezes ferozes, dirigidas por exemplo à televisão. (...) O significativo para a cidadania não é, portanto, a generalização do uso argumentativo da razão graças à Internet, mas a modificação das exigências de uma minoria de cidadãos em relação à democracia (pp. 77-78).

A recomposição da esfera pública em quatro blocos estruturais tem implicações importantes sobre a cidadania dos jovens, “verdadeiros atores sociais e políticos nas sociedades latino-americanas”, ainda que “sob forte clivagem social” (Idib, p.87). Há décadas a

região tem sido o palco de muitos movimentos estudantis (mais que movimentos de jovens propriamente ditos), nos quais a inclusão de temas nacionais foi muitas vezes uma constante. Obviamente, os jovens também têm sido atores centrais em muitos outros movimentos sociais ou partidos políticos, até mesmo quando seus temas não estavam diretamente ligados a temáticas juvenis (como o trabalho, o feminismo, os direitos humanos, o meio-ambiente etc.). É importante lembrar: a ação dos jovens se desdobrou muitas vezes em ações coletivas que não defendiam reivindicações especificamente de juventude, e a partir delas participaram da esfera pública (p.87).

Ao relacionar o advento da Internet - quarto e novo bloco estrutural na esfera pública, com os jovens e a “cidadania - capacidade efetiva de transformação social”, Martuccelli (2015) compreende as relações entre os três polos como sendo “culturalmente natural”, pois o território virtual tem se estruturado como “principal zona de expressão” dos jovens na atualidade, lugar em que se constituem mais como “atores culturais” do que como “atores políticos” (p.89). A respeito, diz o autor:

É verdade que a grande maioria dos adolescentes e jovens não usam, ou o fazem apenas marginalmente, a galáxia da Internet com finalidades políticas. Mas é nesse bloco, às vezes em relação aos meios de comunicação, que expressam seu ativismo e suas ações culturais. É por essa via que se expressam e tornam visíveis no espaço urbano as modas de vestimenta, as atitudes e as expressões idiossincráticas, os diversos símbolos corporais. Atividades que dão conta, por sua vez, também do perfil politicamente “discreto” dos adolescentes e jovens: o que anseiam é poder experimentar livremente sua cultura e sua identidade, uma possibilidade de que gozam amplamente na sociedade atual, diferentemente de como era há apenas algumas décadas, nas quais, seja sob regimes ditatoriais ou sob o peso da tradição, esse ‘direito’ de expressão pública era mais restrito. Não surpreende: como sentem que gozam, no marco das indústrias culturais, de uma verdadeira liberdade cultural, não veem necessidade de demandar, com a força com que fez a geração que a precedeu, direitos culturais ou políticos. E não se observa, entre a grande maioria dos adolescentes ou jovens — como antes aconteceu com os operários ou as mulheres, o desejo de politizar suas experiências sociais e culturais (p. 90).

No interior deste complexo cenário de mutações culturais, sociais e políticas em que este estudo empreendeu e situou-se, fixei minha intenção de não examinar e compreender as interações e a participação dos jovens no interior do “quarto bloco estrutural de poder”, mesmo considerando o cenário apresentado por Martuccelli (2015). Meu intento foi de analisar e compreender o processo de aproximação e engajamento de jovens universitários em partidos políticos — ou seja, em uma das formações coletivas do sistema político

representativo que marcaram a primeira transformação estrutural da esfera pública, e trouxeram importantes mudanças no sistema político representativo de nossa sociedade.

2.1 Objetivos do estudo

A partir das referências acima, sobre as mutações históricas ocorridas nas formas atuais de mobilização, ação e participação política dos jovens em geral, e dos jovens brasileiros em particular, a pesquisa desenvolvida teve por objetivo compreender os processos e experiências socializadoras – primárias e secundárias, que contribuíram para que jovens universitários se engajassem em associações partidárias, tomando como hipótese central de que o engajamento e a militância dos mesmos em partidos seriam expressões objetivas e simbólicas de como enfrentam o desafio contemporâneo de conquista de independência e autonomia em relação ao mundo adulto e suas instituições (SINGLY, 2005). Em outras palavras, a questão fundamental do estudo é: quais processos socializadores ou outras mediações conduzem jovens universitários do meio urbano a se engajarem em partidos políticos, num contexto histórico global e nacional de forte descrédito dos mecanismos e canais institucionais de representação política?

2.2 Aportes teóricos e procedimentos metodológicos adotados

Em anos recentes, nas avaliações públicas sobre as grandes manifestações de rua no Brasil, e em especial em suas relações com as gerações jovens, ainda é quase que automática a evocação dos movimentos de determinados setores juvenis dos anos de 1960 e 1970, em que parte significativa dos atores vivia o estatuto de estudante secundarista ou universitário, que se posicionavam pela ampliação das oportunidades de acesso ao ensino superior e a reforma universitária, confrontavam os atos de repressão do regime militar que se instaurava no país em 1964, ou, ainda, delatavam a espoliação econômica do capitalismo brasileiro com palavras de ordem tais como: “Você é explorado, não fique aí parado” (MISCHE, 1997, p.136).

No universo acadêmico, nos *mass media* e no interior de instâncias tradicionais de participação, o agir político de setores juvenis³ daquele período foi alçado a marcador histórico, redundando na generalização de um modelo de sociabilidade política juvenil com força tal que se pode falar de um “antes”, mistificado e mitificado - “a geração jovem politicamente engajada”, e um “depois”, a juventude atual – “individualista”, “consumista”, “apática” em relações as cruciais questões econômicas, sociais e políticas que singularizam a nossa sociedade.

A respeito das representações acima, Souza (2006) argumentou que nos anos de 1960 a literatura acadêmica considerava o jovem brasileiro como “agente político”, exercendo um papel nos rumos do desenvolvimento de país, capaz de intervir numa sociedade que se encontrava em trânsito, em crise. Na década seguinte, mesmo que as manifestações públicas do movimento estudantil tenham ingressado numa fase de latência, isto não impediu que fosse “transformado em mito e referência de ação política de juventude, e o discurso acadêmico (mas também o não acadêmico) passou a registrar a alienação da ‘Geração AI-5’”. Todavia, desde aquele período o que podemos verificar foi a manutenção do “mito do jovem como agente político” e “os pesquisadores seguem reagindo à imagem de apatia, individualismo e conformismo juvenis, e vêm procurando a ação política na juventude” (Ibid., 2006, p. 21).

A descrença na capacidade de ação política dos jovens na arena pública e o suposto desinteresse desses atores em estabelecerem relações e vínculos de pertencimento com movimentos sociais e populares e formações associativas tracionais de participação e representação política, partem, na maioria das vezes, de um olhar que evoca a alteridade dos “mais velhos”, que tomam as experiências pessoais de juventude (muitas vezes idealizadas) como referências inquestionáveis para avaliarem a sensibilidade política e o engajamento dos jovens da atualidade em questões sócio-políticas e públicas.

Dadas as mudanças econômicas, culturais e tecnológicas em décadas recentes, os jovens tiveram ampliado e diversificado seus círculos de socialização e produção identitária, evidenciando que escolhem participar em coletivos, movimentos e mobilizações diversos: organizações independentes, de resistência social, contestações e protestos, formações sindicais, associações profissionais, movimentos socioambientais, de luta pelos direitos humanos, dos negros, dos segmentos LGBTT, feministas, em redes de ações coletivas de

³ Nos anos 60 e 80, a partir das categorias estudante e geração, Marialice M. Foracchi (1965; 1982) realizou um conjunto de investigações que enfatizava a importância política do jovem estudante na realidade social brasileira, compreendendo-o como “personagem marginalizada”, destituída de poder, mas que tocava “diretamente os processos políticos fundamentais de nossa sociedade”. (Martins, 1982, p. 9)

juventude situadas no território da Internet, e também em partidos políticos (MISCHE, 1997; MÜXEL, 2008; BRENNER, 2011, 2014; RUSKOWSKI & SILVA, 2013; SEIDL, 2014a, 2014b; SPOSITO, 1994, 2014; SOUSA, 2003; 2015; MARTUCCELLI, 2015).

Ao analisar o conjunto diversificado de ações em que o jovem é ator central e produtor de conflitos, Sposito (2014) argumenta que a percepção das supostas apatia e incapacidade de ação política de diferentes segmentos juvenis trata-se, na realidade, de um “anacronismo”, pois, a partir do leque de atuações diversificadas, os jovens evidenciam “novas modalidades de práticas e ações coletivas que desnudam a frágil capacidade de compreensão dos atores jovens por chaves reiteradas em torno de seu egoísmo ou individualismo narcísico” (Ibid. p.113).

Se a diversidade de percursos da participação e ativismo político dos jovens brasileiros pode ser identificada em estudos acadêmicos pós-graduados sobre juventude, em especial nas áreas da Educação, Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas (SPOSITO, 2009), o que Sposito, Brenner e Moraes (2009, p. 119) explicitam é que os trabalhos vinculados aquelas áreas dirigiram o foco investigativo para diferentes espaços e tempos em que a cultura e socialização políticas dos jovens se objetivam, não se interessando pelo “envolvimento de jovens em partidos, sindicatos, associações de moradores”, entre outros.

Na busca de respostas às questões centrais da pesquisa, nos apoiamos em obras de autores da Sociologia que se voltam ao exame da juventude, da socialização, da individualização e do engajamento militante (SPOSITO, 1994; 2014; FILIEULLE, 2001; SETTON, 2002; SINGLY, 2005; SILVA & RUSKOWSKI, 2010; SAWICKI & SIMEANT, 2011; RUSKOWSKI & SILVA, 2013; BRENER, 2011, 2014; SEIDL, 2014a; 2014b), entre outros.

2.2.1 Procedimentos metodológicos adotados nas diferentes etapas da pesquisa

Ao tomarmos o estado do conhecimento dos estudos de juventude realizado por Sposito (2009) como uma referência metodológica, um caminho que adotamos foi o de empreender uma revisão bibliográfica sobre o tema da participação política de adolescentes e jovens em partidos políticos, a partir da busca de estudos pós-graduados ou não, entre 2007-2015, em três bases de dados: o Banco de Teses do Portal CAPES/MEC, o Banco de Dados

Bibliográficos da USP/Dedalus, e no sítio eletrônico da Plataforma Democrática do IFH⁴. As buscas realizadas nessas bases foram realizadas a partir do uso dos descritores apresentados no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 – Descritores ou palavras-chave utilizadas nas buscas nas bases de dados da CAPES, USP/Dedalus e Plataforma Democrática do IFH

Descritores ou palavras-chaves
1. Adolescente(s) em agremiação(ões) partidária(s)
2. Adolescente(s) em partido(s)
3. Adolescente(s) e partido político(s)
4. Adolescente(s) e engajamento político
5. Adolescente(s) e militância partidária
6. Adolescente(s) e militância
7. Jovem(ns) em agremiação(ões) partidária(s)
8. Jovem(ns) em partido(s)
9. Jovem(ns) em partido(s) político(s)
10. Jovem(ns) e engajamento político
12. Jovem(ns) e militância partidária
13. Jovem(ns) e militância
14. Jovem(ns) em agremiação(ões) partidária(s)
15. Juventude em partidos políticos
16. Socialização política

Como em alguns estudos sobre a participação política dos jovens brasileiros é aceita a importância das “correntes de sociabilidade” do mundo escolar ou universitário para a socialização e o engajamento político daqueles atores (FORACHI, 1965; 1972; MISCHKE, 1997; BRENNER, 2009, 2014), definimos que a busca de respostas às questões centrais da pesquisa seriam obtidas nos diálogos com jovens universitários, com idades entre 17 e 29 anos⁵, homens e mulheres, matriculados em cursos presenciais, de diferentes carreiras oferecidas pelo *campus* da USP-Ribeirão Preto.

A deliberação por dialogar com jovens do sexo masculino e feminino teve por intenção identificar a existência ou não de variações relativas ao gênero no engajamento militante partidário. Para a escolha dos sujeitos que contribuiriam com a pesquisa, adotamos

⁴O levantamento de fontes bibliográficas realizado naquelas três bases de dados foi realizado entre o segundo semestre de 2014 e outubro de 2015, considerando dissertações e teses desenvolvidas nas áreas da Educação e Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), que investigaram temas e problemas similares aos do meu estudo.

⁵Na definição das idades dos sujeitos da pesquisa, lançamos mão do Estatuto da Juventude, que define como jovem a pessoa que tem entre 15 e 29 anos de idade (BRASIL, Lei Federal 12.852/2013).

como critérios: i) a heterogeneidade de cursos oferecidos na USP – bacharelado, licenciatura, pós-graduação; ii) a diversidade de partidos; iii) a disponibilidade dos jovens para colaborar com a pesquisa.

À identificação dos sujeitos do estudo, Duarte (2000) nos auxiliou, e usamos o “sistema de rede” para encontrarmos um “ego focal” portador de informações relevantes sobre o segmento social que queríamos investigar; dado o encontro e o diálogo, pedíamos a indicação de outros jovens universitários, com histórico de engajamento militante partidário.

2.2.2 Sobre a entrevista e o roteiro de questões

No cumprimento do roteiro semi-estruturado de entrevista, as perguntas pré-estabelecidas sofreram mudanças de acordo com o contexto e necessidade do entrevistado, ou seja, quando o jovem apresentou um processo reflexivo espontâneo, a partir de uma ou mais perguntas que lhe foi(ram) formulada(s), deixei que o jovem expressasse livremente sua reflexão, seu posicionamento, e só posteriormente retornava ao breve roteiro que formulei. “De facto, o discurso narrativo que é (co)produzido no seu decorrer é, não raras vezes, um encadeamento de ações e interpretações que talvez nunca tivesse sido formulado pelo entrevistado antes deste ser interpelado” (FERREIRA, 2014, p.984).

A partir das contribuições provenientes do domínio da Antropologia, observa Romanelli:

o pesquisador é também um mediador para o sujeito aprender sua própria situação de outro ângulo. Através de diferentes perguntas, o entrevistado conduz o outro a voltar-se sobre si próprio em um processo no qual este procura lembrar-se de acontecimentos, datas, relações por ele vividas, de modo a compor um relato coerente e organizado para si mesmo e para aquele que o ouve. É porque procura relações que o pesquisador incita o outro a procura-las e organiza-las. Durante as entrevistas, por várias vezes, tive a impressão de ter sido abandonado por meus interlocutores, quando estes precisavam falar mais para si do que para mim (1998,p126).

Neste estudo optou-se pelo recurso da *entrevista compreensiva*, com o intuito de obter as informações e dados aprofundados de natureza objetiva e subjetiva dos jovens e suas experiências conducentes ao engajamento partidário e sobre as experiências de militante. A escolha por esta modalidade de entrevista deveu-se ao fato de

tratar-se de uma técnica qualitativa de recolha de dados que articula formas tradicionais de entrevista semidiretiva com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica, na tentativa de evitar quer o dirigismo do modelo de questionário aberto, quer o *laissez-faire* da entrevista não diretiva. (FERREIRA, 2014, p. 981).

Parti da ideia de que o momento em que ocorre a entrevista compreensiva seja uma ocasião de reflexão entre entrevistado e entrevistador, de organização de ideias e de construção de uma narrativa personalizada. A reflexividade presente na entrevista coadjuvará na construção da horizontalidade da relação e da interação face-a-face, pois segundo Szymaski (2004):

Reflexividade tem aqui um sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de de aprimorar a fidelidade, ou como lembra Mielzinski (1998,p.132), [assegurar-nos que as respostas obtidas sejam verdadeiras – isto é, não influenciadas pelas condições de aplicação e conteúdo do instrumento]. Ao deparar-se com sua fala, na fala do pesquisador, há a possibilidade de um outro movimento reflexivo: o entrevistado pode voltar a questão discutida e articulá-la de uma outra maneira em uma nova narrativa, a partir da narrativa do pesquisador” (SZYMANSKI, 2004, p.15).

2.2.3 Escolha dos jovens e atividades de campo

Na história da participação política de atores juvenis brasileiros é recorrente a importância que tem para o seu engajamento e militância política os universos da escolarização secundária ou de ensino superior - universidades/centros universitários/faculdades, tal realidade foi descrita e analisa academicamente pelos trabalhos pioneiros de Marialice M. Forachi (1965) e por pesquisa mais recente como é o caso da tese de doutoramento de Ana Karina Brenner (2009; 2014).

Desta forma, e seguindo as orientações daquelas autoras, assumi que buscaria respostas a indagação fundante de meu estudo dialogando com jovens universitários, com idades entre 17 e 29 anos, homens e mulheres, matriculados em cursos presenciais, de diferentes cursos oferecidos pelo *campus* da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto.

No ponto de partida, a intenção foi a de dialogar com seis (6) jovens, três do o sexo feminino e três do sexo masculino com o objetivo de identificar ou não a existência de variações no grau de intensidade nos processos de engajamento militante em relação ao

gênero, pois como observou Brenner (2009; 2014), em sua pesquisa sobre jovens militantes de partidos políticos no Rio de Janeiro, “foram percebidas distinções por sexo no engajamento militante partidário – meninos eram mais interessados pela política que meninas. A variável sexo poderia, então, ser explicada pelo contexto em que se realiza a socialização” (ibid., p.36).

Considerando que no conjunto dos centros universitários em presença em Ribeirão Preto – público e privados, a Universidade de São Paulo é aquela que tem construindo uma tradição e memória históricas de presença e ação de movimento estudantil, desde os anos de 1960, articuladas por centros acadêmicos de diferentes cursos e faculdades, e pelo diretório central dos estudantes, e que esses espaços-tempos de participação podem se constituir em cenário social, geracional e etário fértil para o recrutamento de jovens estudantes pelas agremiações partidárias, pretende-se partir dos territórios mencionados, como referências indiretas, para se chegar aos jovens universitários que estejam engajados em partidos políticos, independentemente da posição das agremiações no espectro político, filosófico e ideológico.

Uma escolha de ação adota no campo foi o uso do expediente denominado “bola de neve”, procedimento que consiste na identificação de jovens universitários engajados em partidos que possam indicar outros jovens que vivem situação similar, evidenciando os três estatutos: jovens, universitários e militantes partidários.

Para a escolha dos sujeitos que contribuiriam com a pesquisa, considerou-se: a) inclusão de jovens do sexo masculino e feminino; b) heterogeneidade de curso e tipo de graduação; c) diversidade de partidos; d) disponibilidade dos jovens para colaborar com a pesquisa.

2.2.4 A Universidade de São Paulo – *campus* Ribeirão Preto: breves considerações

O *campus* da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto localiza-se no Bairro Monte Alegre, zona norte do município. O nome do bairro remete a origem da própria região, a área onde foi instalada a Universidade pertencia à antiga Fazenda Monte Alegre de natureza privada em nome de Francisco Schmidt, importante produtor de café da região.

Em 1929, com a quebra da Bolsa de Valores dos Estados Unidos e com a abrupta desvalorização do preço do café no mercado internacional, a economia brasileira sofre diretamente o impacto negativo desta derrubada de preços forçando a imediata redução na produção do grão. A partir disso os anos que seguem são de fraca recuperação da cafeicultura causando o endividamento da Fazenda Monte Alegre, que em 1942 é desapropriada e se transforma em sede da Escola Prática de Agricultura “Getúlio Vargas”. Data deste período a construção dos primeiros prédios que em 1952 abrigaria o funcionamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Hoje - dados oficiais de 2015 - o *campus* de Ribeirão Preto conta com 6969 estudantes matriculados nos 31 cursos de graduação, 3595 pós-graduandos em seus 48 programas de pós-graduação, 3195 alunos caracterizados como outros (ouvinte, especiais, temporários), 1005 docentes e 2075 funcionários. A Universidade está dividida em 10 Faculdades e organizada pela natureza dos cursos nas grandes áreas do conhecimento, funcionam também no campus estruturas da sociedade civil, Diretórios e Centros Acadêmicos, projetos sociais, organizações sindicais e de representação de classes, há serviços dirigidos pela iniciativa privada principalmente no ramo da alimentação e serviços de apoio ao estudante entre os quais: copiadoras, livrarias, caixas de bancos e outros. O Campus também abriga estudantes de graduação e pós-graduação participantes dos programas de moradia e assistência estudantil.

2.2.5 A imersão nas atividades de campo

Ao trabalho constante de levantamento e revisão da bibliografia pertinente à investigação (agosto de 2014 a outubro de 2015), realizei mapeamento prévio das agremiações partidárias presentes no *campus* da USP-RP por meio de pesquisa das estruturas do movimento estudantil (DCE – Diretório Central dos Estudantes e CAs – Centros Acadêmicos) e dos coletivos estudantis organizados. A partir deste primeiro contato, tive acesso a jovens engajados em partidos políticos ou a alunos que conheciam sujeitos que poderiam contribuir com a pesquisa.

Os contatos foram compartilhados via *Facebook*, *Watsapp*, telefone e *e-mail*. Nos contatos iniciais com os sujeitos entrevistados até o momento, apresentei as linhas gerais da pesquisa e o objetivo do estudo. A partir dos esclarecimentos iniciais do trabalho, obtive o assentimento de seis jovens-estudantes (três mulheres e três homens). Três deles vinculados ao curso de

Pedagogia, um vinculado ao curso de Música, um quinto estudante de Enfermagem⁶ e por fim o último de Física Médica.

2.2.6 Notas sobre os momentos das entrevistas

As entrevistas foram realizadas entre agosto e outubro de 2015 no *campus* da Universidade de São Paulo. As locações foram definidas pelos próprios entrevistados de acordo com suas preferências e condições de captura de áudio e registros escritos.

Nos minutos que antecederam as entrevistas, o pesquisador assegurou-se do interesse de cada participante, explicando-lhes novamente os objetivos do trabalho, e em seguida apresentou-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I), que foi lido em conjunto com cada entrevistado, assegurando-lhes o direito de interromperem a entrevista em qualquer momento que julgassem necessário.

Tayná (PSOL) e Bruno (PT) solicitaram que as respectivas entrevistas ocorressem no centro de convivência da FFCLRP, “Paraíso”, conjunto de mesas e bancos de alvenaria em espaço aberto e sob árvores, locado nas proximidades do Bloco Didático da Faculdade. O local é utilizado como um dos pontos de encontro e convívio de segmentos da comunidade discente daquela Faculdade.

As entrevistas de Rita (PSOL), Ana (PSOL) e Ivan (PCB) ocorreram na biblioteca da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, em salas reservadas para reuniões e estudos dos alunos. Jairo (PSOL) preferiu que a atividade ocorresse no “Paraíso”, mas diante da forte chuva que ocorreu no momento da entrevista, ela foi realizada no estacionamento de veículos, ao lado da praça de alimentação e cantina da FFCLRP.

Todas as entrevistas ocorreram em dias da semana, entre segunda e sexta-feira e fora dos horários de aula dos sujeitos da pesquisa, o tempo médio das atividades variaram de 45 minutos à 1 hora e 20 minutos e todas as perguntas pré-estabelecidas foram respondidas por todos os participantes.

⁶Houve apenas um caso em que o convidado a entrevista não aceitou o convite alegando estar distante da militância partidária.

A coleta de dados se iniciou depois que a pesquisa foi analisada e recebeu o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (Anexo I).

2.2.7 Notas sobre as transcrições das entrevistas

O material coletado em arquivos formato mp3 foi inicialmente ouvido e previamente analisado, procurando-se notar possíveis falhas e ruídos que pudessem comprometer a transcrições das informações. Cada entrevista foi gravada em dois dispositivos diferentes, um embutido dentro de um notebook e administrado por software específico da plataforma Windows e o outro em smartphone com aplicativo destinado especificamente para tal finalidade. Diante destas medidas, não foram encontradas dificuldades para a audição das informações.

As transcrições das entrevistas ocorreram entre os meses de setembro de 2015 e janeiro de 2016, durante semanas e dias diversos, de acordo com a possibilidade de execução da ação. Todas as transcrições foram feitas na íntegra pelo próprio pesquisador.

3. Notas sobre a estrutura do texto dissertativo

Além deste item introdutório, o texto dissertativo foi organizado em capítulos e as considerações finais.

O capítulo I foi dedicado à apresentação dos aportes teóricos, levantados nos domínios da Sociologia, acerca dos conceitos/noções de juventude, jovens, socialização e engajamento militante. A exposição mais detalhada dos sujeitos que contribuíram com o estudo, uma caracterização sócio demográfica e sociocultural dos jovens universitários e de seus núcleos familiares, bem como a análise das informações sobre os processos de socialização política que eles viveram no círculo familiar, conformaram o capítulo II.

No capítulo III, a preocupação foi a de discorrer sobre as interações sociais e os processos de socialização secundária que marcaram as experiências dos jovens pesquisados, e que contribuíram ou induziram a decisão dos mesmos pelo engajamento em partidos. Esta

seção também foi dedicada a exploração analítica sobre os efeitos do engajamento em outras dimensões da vida dos universitários, tais como atividades, de lazer, relações de namoro e rede de amigos e amizades.

O último capítulo (IV) foi reservado para a descrição e análise dos planos que os jovens vêm construindo para a vida pessoal – vida acadêmica, trabalho, saída da casa dos pais, união conjugal, e para a militância partidária. Também nesta seção, exploramos os aprendizados que os jovens vêm adquirindo a partir da assunção do estatuto de militantes e com a prática militante. Na continuidade, tem-se as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – JUVENTUDE, JOVENS, SOCIALIZAÇÃO E ENGAJAMENTO MILITANTE

1.1 Juventude, jovens e processos socializadores

Claudine Àttias Donfut (1996) e Bourdieu (1983) chamam a atenção para o fato de que a fase da vida que chamamos de “juventude” envolve elementos histórico-culturais, políticos e relacionais específicos, que seu estatuto não deve ser tomado como semelhante ao da categoria “jovens”, pois esses são os “seres” concretos que têm em comum a idade, mas são também expressões de múltiplos pertencimentos. Sobre as distinções entre as noções de juventude e jovens, argumentou Àttias Donfut:

Jovens ou juventudes? Essas duas palavras são correntemente confundidas, a juventude, geralmente, tem dois sentidos - o de geração e de fase da vida, entretanto, tais noções são semanticamente distintas. De fato, outros termos que designam as fases da infância, adolescência, maturidade, velhice, são pouco utilizados para nomearem aqueles que atravessam aquelas etapas, as crianças, os adolescentes, os adultos ou os velhos. Um mesmo hábito de linguagem pode ser observado nas sociedades tradicionais, organizadas segundo as classes de idades. (...) Seria o poder simbólico da juventude nas sociedades modernas a origem dessa concentração de sentido? Designar os jovens, seres concretos, situados historicamente, pela noção abstrada de juventude, não seria transcender essa posição efêmera [transitória, de quem está em transito]? (ATTIAS-DONFUT, 1996, p.13, tradução livre).

Autores como Bourdieu (1983), Pais (1993) e Sposito (1994) também nos orientam a apreender a categoria juventude como fase da vida e ainda como um agregado que apresenta uma dupla característica: ela é um conjunto internamente homogêneo, pois é composto por indivíduos⁷ com idades próximas, mas também um conjunto intrinsecamente marcado pela

⁷Neste caso, o uso do termo “indivíduo” é feito para circunscrever uma categoria empírica da vida cotidiana, do senso comum. Por outro lado, quando fizer a utilização do termo indivíduo como categoria analítica, seguirei as orientações de Martuccelli (2012), que em *Lecciones de sociologia del individuo*, a distingue das definições de **ator**, **agente** e **sujeito**. Deste modo:

“1) o **ator** é aquele que é capaz de modificar seu entorno. Esta definição (...), em todo caso, deixa em aberto a possibilidade de tomar-se em conta a existência de atores que não humanos porque, obviamente, existem dispositivos técnicos que transformam o entorno.

“2) a noção de **agente** (e inclusive **agency/agência**), mesmo que próxima a definição anterior, sublinha outra dimensão, a saber, o movimento recursivo pelo qual as estruturas reproduzem o agente e o agente, por sua vez, transforma as estruturas (pensem, por exemplo, os trabalhos de Pierre Bourdieu ou Anthony Giddens).

“3) quando se fala de **sujeito**, se insiste na representação normativa do indivíduo, ou seja, sublinha-se o fato de que toda visão de sujeito está ligada a uma tradição moral e a uma tradição histórica. De fato, as figuras mais ou menos ideais de sujeito são as grandes representações que do indivíduo possuem uma coletividade, e (...) estas

diversidade de situações que os jovens vivem aquela estação da vida, a partir de determinados pertencimentos de classe – situação e posição, de gênero, de raça/etnia/cor da pele, de situação de moradia, etc.

Deste modo, a partir das circunstâncias socioeconômicas e sócio espaciais em que se encontram, os indivíduos jovens estão imersos e vivenciam processos socializadores variados e históricos, desde os “primários” aos “secundários”, e a partir deles, na relação com a alteridade, tecem seus processos de identização, subjetivação e individuação (MELUCCI, 2004; MARTUCELLI, 2012).

1.2 Processos socializadores dos mais novos: algumas distinções

Danilo Martuccelli (2012) nos recorda uma definição ampla e recorrente da socialização, no âmbito da teoria social, afirmando que ela faz referência a um processo que envolve uma dupla dimensão, diz respeito aos modos como “uma sociedade se dota de indivíduos” e, simultaneamente, como “um indivíduo se converte em membro de uma sociedade”. A socialização é o processo histórico de “fabricação cultural, social e psicológica do indivíduo” (Ibid., p.69-70, tradução livre), trata-se de processo que é contínuo no curso da vida de todos os indivíduos.

Berger & Luckmann (1973) também contribuem para ampliarmos a compreensão do contínuo processo socializador, ao subdividi-lo em “primário” e “secundário”. No primeiro caso, a socialização tem a ver com as experiências que o indivíduo “experimenta na infância”, no universo das interações e relações que ela estabelece na família, através do qual ele se “torna-se membro da sociedade”.

Para Berger & Berger (1977), a família ocupa papel de destaque nos processos de socialização, articulando as relações de consanguinidade, afinidade e descendência⁸, constituindo-se como a primeira agência socializadora. Nela, o indivíduo transita em

figuras são diversas segundo as sociedades e, na modernidade, são múltiplas – e mesmo antagônicas – dentro de uma mesma sociedade.

“4) o **indivíduo é uma combinação entre um agente empírico e um modelo normativo de sujeito**. Por um lado, é um agente empírico posto que em toda coletividade existem entes singulares. Por outro, é um modelo normativo que, em nossa tradição cultural, sublinha sua independência, a separação entre o ator individual humano e seu entorno social” (Ibid., p. 26, tradução livre; grifos meus).

Para o autor, “ser um indivíduo é estar definido sobre a marca (...) da soberania sobre si e da separação em relação aos outros”. (...) O indivíduo é uma combinação entre um agente empírico e um modelo normativo de sujeito. Por um lado, é um agente empírico posto que em toda coletividade existem entes singulares. Por outro lado, é um modelo normativo que, em nossa tradição cultural, sublinha sua independência, a separação entre o ator individual e seu entorno social (MARTUCELLI, 2012, p.37, tradução livre).

⁸ Sobre a síntese da definição de família de Durham (1983,p.27).

diferentes idades, desde o seu nascimento à diferentes fases do curso da vida; pela família o indivíduo é preparado ou não para alcançar sua autonomia e independência. Nas experiências que vive na família, o indivíduo, sobretudo na fase infantil, incorpora padrões sociais tidos como absolutos, e eles resultam “de dois fatos bastante simples: o grande poder que os adultos exercem numa situação como aquela em que se encontra a criança e a ignorância desta sobre a existência de padrões alternativos (Ibid., p.173)”.

A família oferece padrões sociais de forma absoluta, oriundos de cada um de seus membros e de sua totalidade, considerando que cada um deles carrega significados e sentidos independentes ou comuns. Os padrões trazem complexas relações de sociabilidade legitimados e “aceitos” por seus próprios membros; essa comunhão de valores, experiências e práticas cerca a criança impondo-lhe o estabelecimento das primeiras respostas sobre sua própria existência; essa condição confere aos adultos do círculo familiar um poder avassalador sobre a criança: eles apresentam o mundo aos recém-nascidos, e para eles “este mundo é o mundo”. Só mais tarde, a criança, buscando se desvencilhar das amarras da heteronomia, “descobre que existem alternativas fora desse mundo, que o mundo de seus pais é relativo no tempo e espaço e que os padrões diferentes podem ser adotados” (Ibid., p.173).

Embora se reconheça que a busca pela autonomia pode levar adolescentes e jovens a se afastarem progressivamente do mundo configurado pela imposição dos adultos, há que se assentir que estas experiências individuais ocuparão boa parte de sua vida, formando um conjunto real de acepções outrora absolutas, recursos que talvez não se dissolvam plenamente, mantidos de forma permanente.

De acordo com Setton (2010), como primeira instância socializadora dos mais novos, à família cabe transmitir-lhes um patrimônio que não é apenas cultural, é também econômico, ela também é responsável pelo trabalho de construção da primeira identidade social dos herdeiros, seu “*habitus* primário”. Dessa forma:

de origem privilegiada ou não, a família transmite para seus descendentes **um nome, uma cultura, um estilo de vida moral, ético e religioso**. Não obstante, mais do que os volumes de cada um desses recursos, **cada família é responsável também por uma maneira singular de vivenciar esse patrimônio** (SETTON, 2010, p. 24; grifos meus).

Quanto aos processos socializadores “secundários”, eles podem atualizar e reforçar os volumes do patrimônio econômico e cultural que os indivíduos herdaram no círculo de

interações e relações primárias, mas, sobretudo, eles ampliam e diversificam aqueles capitais, a exemplo do que faz a escola e o seu específico processo de socialização, a escolarização, pois a escola

propiciaria aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não somente esquemas de pensamentos singulares (*habitus* escolar), mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares, **capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação** (SETTON, 2010, p. 24; grifos meus).

De acordo com Bourdieu (1983, apud SETTON, 2010, p.24), o conceito de *habitus*, faz referência ao conjunto de “esquemas de pensamento, (...) de disposições de cultura, disponibilizado pela família e pela escola e acumulado no percurso das trajetórias dos indivíduos e dos grupos”, ou seja, “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”.

A família e o mundo escolar - e podem-se acrescentar outros universos sociais tais como a universidade, o trabalho, o matrimônio, as formas associativas, os movimentos sociais, as ações coletivas - são círculos “produtores de valores morais e identitários”, eles contribuem à formação da “consciência, matrizes socializadoras (reprodutoras, difusoras) responsáveis por um conjunto de experiências, disposições e práticas de cultura” (Id., p. 10). Eles teriam a capacidade de “forjar, em tensas e intensas relações, disposições de *habitus*, um *modus operandi* de pensamento bem como um sistema de disposições que **orientaria as escolhas de uma variedade infinita de práticas de cultura e seus diferentes estilos** (Ibid., p.24, grifos meus).

Assim, “a noção de *habitus* encerra uma posição estratégica à medida que possibilita **articular influências externas de socialização (posição social), portanto, influências conjunturais na composição e formação cultural dos indivíduos e a construção de suas subjetividades** (SETTON, 2010, p.24, grifos meus).

É a partir dessas referências que se pode compreender o processo de socialização como “um espaço plural de múltiplas relações sociais”, um “campo estruturado por relações dinâmicas”, articulando um leque amplo e variado de “instituições e agentes, diferencialmente posicionados na estrutura da sociedade, em virtude da visibilidade e recursos” que dispõem. Assim, tal processo configura-se como “um fenômeno histórico complexo e temporalmente

determinado”, a partir do qual os jovens “têm modelado a estrutura de pensamento”, tomam contato **com/e** internalizam “concepções de mundo” e “uma gama variada de formas simbólicas” (SETTON, 2002 p. 109), tais como os valores e representações sobre o poder, a política, a política institucional etc.⁹

Dado o fato de que o processo socializador possui as propriedades anteriormente arroladas, é preciso relativizar a força de determinação dos processos de internalização intrínsecos à socialização nas experiências e escolhas dos indivíduos em geral e dos mais novos em geral, pois, com afirma Règeine Sirota (2001, p17), os indivíduos

se socializam mediante (...) diferentes aprendizagens e se constituem como sujeitos, **na medida de sua capacidade de dominar sua experiência, de se tornarem autores de sua própria educação.** Nesse sentido, **toda educação é uma autoeducação, ou seja, não é apenas uma inculcação [internalização], é também um trabalho sobre si mesmo**” (Ibid., p. 17, apud SPOSITO, 2003, p. 220, grifos meus).

1.3 Apontamentos sobre noção de socialização política

O processo de socialização política pode ser entendido como o conjunto de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, condutas, representações de mundo transmitidos e vivenciados pelos indivíduos. É pelas experiências vividas nesse processo que os indivíduos se introduzem e convivem com um emaranhado de significados inerentes à sociedade em que vive, e que lhes permitem desenvolver interações e relações sociais na vida privada e social, recebendo e doando valores individuais e coletivos, mas, sobretudo expandindo e adensando seu comportamento e participação política (BRENER, 2011, p.38).

Mesmo reconhecendo a importância da família enquanto agência socializadora e transmissora de patrimônios que podem induzir ao engajamento político não é possível admitir que ela seja mais importante que outras agências ou círculos socializadores que os jovens interagem na vivência da juventude (Ibid.,p.38).

Nesse sentido, a partir dos processos de socialização vivenciadas, que crianças, adolescentes e jovens mergulham na experiência da vida - individual e coletiva, aprendem “certas pautas de comportamento, de linguagem, assumem progressivamente papéis sociais”, tecem seus processos identitários e de subjetivação (MARTUCCELLI, 2012, p. 70), e

⁹ Próximo do sentido de internalização, incorporação, termos usados por Durkheim (1975).

enfrentam o desafio de superar a heteronomia e se esforçam por conquistar a independência - em sentido econômico, e a autonomia, em seu sentido político. (SINGLY, 2005, p. 110).

1.4 A juventude como fase da vida e como “prova”

Ao abordar os desafios que as “sociedades modernas avançadas¹⁰” impõem aos jovens para que se tornem indivíduos e transitem rumo à fase adulta do curso da vida, François de Singly (2005) assinala que

no marco da segunda modernidade¹¹, todos os indivíduos devem estar ‘individualizados’; isto é, devem demonstrar certas competências ‘pessoais’. Entre essas últimas, se pode distinguir três: a primeira é a de uma certa desfiliação necessária frente aos pais; a segunda consiste em conquistar uma certa coerência entre duas dimensões do processo de individualização, a independência e a autonomia e (...) a terceira é a formação permanente do Eu, imperativo contrário à concepção clássica da idade adulta (p. 111, tradução livre).

Para darem conta do processo de “individualização”, os jovens devem necessariamente experimentar “certa desfiliação do ‘Eu’ na qualidade de ‘filhos ou filhas de’, e conquistarem o direito de acesso e fruição ‘ao inventário da herança’ e à ‘transmissão’”. Além do mais, a “individualização” não resulta de um decreto, mas é fruto de um longo processo que tem início na infância dos indivíduos, tendo claras relações com as mudanças que ocorrem no âmbito da educação, “entre a primeira e a segunda modernidade” (Ibid., p. 111-112, tradução livre).

Tais noções são definidas por Singly (2000) como pertencentes às famílias denominadas por: individualistas e relacionais, que surgem na França entre a década de 1960 até os dias que ocorrem. Ele as classifica como “moderna 2” esta é definida a partir da instauração de um compromisso entre as reivindicações individuais em nome da autonomia,

¹⁰Para abordar as dificuldades que vivenciam os jovens para fazerem a “saída” da juventude e ingressarem na adultice, François de Singly (2008) fundamenta-se nas proposições teóricas sobre o **individualismo** e o **processo de individualização**, tal como defendidas por autores tais como: Anthony Giddens, *The transformation of intimacy : sexuality, love and eroticism in modern societies* (1991), Ulrich Beck, *La société du risque* (2001), Ulrich Beck & Elisabeth Beck-Gernsheim, *Individualism* (2002 e François de Singly, *L’individualisme est un humanisme* (2008) (Singly, 2008, p1; pp. 11-2).

¹¹Para Singly (2008) a “segunda modernidade” diz respeito ao período que, desde a década de 1960, causa uma ruptura com a maior parte dos freios que existia durante o período da primeira modernidade para conter, em especial, a expressão do individualismo, ou seja, todos os indivíduos devem demonstrar certas habilidades pessoais (id., 2008, p. 111, tradução livre).

com a vontade de viver a esfera privada social no seio da instituição familiar definida por laços de afeto e/ou consanguinidade.

As famílias atuais – que designo pelo termo de “moderna 2” – não estão em ruptura completa com essa família “moderna 1” na medida em que a lógica do amor se impõe ainda mais: os cônjuges só ficam juntos sob a condição de se amarem; os pais devem ainda dar mais atenção a seus filhos. A família “moderna 2” se distingue da precedente pelo peso maior dado ao processo de individualização. O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos. Isso é perceptível de numerosos indicadores do nível da relação conjugal, com maior independência das mulheres, a possibilidade de divórcio por consentimento mútuo (na França em 1975), a lei de 1970 que dá fim à autoridade paternal e etc.; e, no nível da relação pedagógica, com o desenvolvimento da negociação das necessidades da criança, de novas formas de pedagogia pelas quais a natureza da criança deve ser respeitada mais do que modificada (no período precedente a educação moral deveria retificar a natureza imperfeita da criança). Cada criança é única. (SINGLY, 2000, p.15).

Para este autor, a separação conceitual em dois modelos distintos de família se fez necessária em função das fortes transformações ocorridas na própria organização familiar a partir da década de 1960 na França e na maior parte dos países ocidentais, tais mudanças são apresentadas como:

O decréscimo dos casamentos, das famílias numerosas, o crescimento das concubinagens, dos divórcios, das “famílias pequenas”, das famílias monoparentais, recompostas, do trabalho assalariado das mulheres – é também necessário delas dar conta através de uma orientação teórica (SINGLY, 2000, p.15).

As transformações na estrutura familiar, conforme apresenta Singly (2000) apesar de indicar fortes diferenças em relação ao primeiro modelo moderno, não permitiram o rompimento total entre elas, ocorre que para ambas a lógica do amor possui papel central para compreendê-las. Este autor defende que para a família moderna 2 a união e manutenção do relacionamento depende obrigatoriamente da vontade de ambos os cônjuges, posto que o matrimônio foi condicionado principalmente pelo amor recíproco construído mediante a certa autonomia e independência individual, este poder de escolha ocorre do interior de seu processo de individualização, assim, no caso das mulheres, nesta família moderna 2, marido e amantes estão reunidos em consequência de sua escolha.

Se na “primeira modernidade”¹² a educação ancorava-se no binômio “obediência” e “disciplina”, durante a “segunda modernidade” o valor da autonomia compete com o valor da “obediência”, pois a criança deve desenvolver-se por si mesma e, para tanto, deve aprender a “separar-se progressivamente do mundo familiar, em especial de seus pais” (SINGLY, 2000, p.112, tradução livre).

“Hoje, é no espaço onde circula o amor que se constrói uma grande parte da identidade pessoal dos indivíduos. Nas sociedades individualistas, a “família” (qualquer que seja a forma ou a estrutura) toma para si a função de (tentar) consolidar em permanência o “eu” dos adultos e das crianças”. (Ibid., p.14).

Esse processo que leva os mais novos do mundo privado - dos afetos doados e das relações de consanguinidade, à vida pública, tem consequências para o processo de produção identitária dos jovens, pois implica uma “divergência de identidade”, no trabalho de “construção” do “indivíduo individualizado” e na conquista de uma “autonomia relativa”. Nas palavras do autor

o processo ‘normal’ de separação que ocorre na adolescência ou de divergência de identidade, isto é, de uma identidade que oscila entre as dimensões de filiação e a pessoal, torna-se inconcluso, e trata-se de um paradoxo de uma sociedade que foi denominada de narcisista. A ideia de um ‘indivíduo individualizado’ conduz frequentemente a uma viagem, [que se traduz] na liberdade de um movimento livre das identidades legais, impostas e recebidas, (...) e a afirmação de uma autonomia relativa (SINGLY, 2005, p.113, tradução livre)

Na atualidade, nos trânsitos que os jovens empreendem, é impossível que eles sejam eles mesmos num universo social e cultural projetado por outros, a partir de programas institucionais¹³ rigidamente delimitados, dessa forma, faz-se necessário que eles assumam um trabalho de autoria, de serem autores de suas vidas, ou ao menos se esforcem para darem conta de tal objetivo (SINGLY, 2005, p.113, tradução livre). Nas circunstâncias históricas do presente, para viverem a juventude e transitarem a outras fases da vida, competem aos jovens enfrentar o desafio de alcançarem

¹²Explica Singly (2005) que, grosso modo, a “primeira modernidade” compreende o período que vai do final do Século XIX até a década de 1960. Sobre a educação no período, o autor toma como referência Émile Durkheim e seu curso sobre a “educação moral”. (Ibid., p. 112).

¹³ A respeito, cf. François Dubet e Danilo Martuccelli, *Socialização e formação escolar* (1997).

esta formação do Eu, com frequência, graças uma tarefa de distanciamento da própria filiação com sua dimensão identitária de filho ou de filha, o que não exclui, segundo o contexto espacial e histórico, a defesa de suas raízes, e, além disso, conservarem relações estreitas com os pais, de modo a tornarem-se um jovens-adultos economicamente independentes (Ibid, p.113, tradução livre).

1.4.1 Os jovens frente ao desafio da conquista da independência e da autonomia

Para Singly (2005), não há uma identidade absoluta entre a educação dos mais novos na “primeira” e na “segunda” modernidade. Na primeira, disciplina-se a criança, de forma que ela aprenda as regras da vida social e ela seja socializada o mais completamente. Na segunda temporalidade, a educação oscila entre duas lógicas distintas: a da “transmissão” e a da “revelação”, e no âmbito dessa dualidade o jovem age de modo a conformar um universo pessoal, o que envolve uma ação dotada de “autonomia”, em sentido estrito, e sem que o processo de socialização tenha uma definitiva finalização.

A função do segundo programa na vida dos jovens é que eles vivenciam “uma autoprodução de si”, sem que o “controle” dos professores e das pessoas que lhes são próximas deixe de ser exercido (Ibid., p. 114, tradução livre). Ademais, viver a juventude entre aquelas duas lógicas socializadoras acaba por introduzir nas experiências juvenis uma “tensão” no plano de sua dimensão identitária; tensão que tem como um de seus desdobramentos a emergência de uma “identidade dividida”.

Sob a “divisão” identitária, os jovens transitam por um universo social e cultural que lhes é próprio; na dimensão sob a socialização por transmissão, eles se movimentam num mundo imposto por seus pais, assim como por seus professores. As experiências que os jovens conformam nos contornos da socialização por revelação são basicamente de sua responsabilidade e têm a ver com as escolhas e sociabilidades que concernem aos pares, aos amigos, a amizade, a “vida sexual, ao lazer, pois as fronteiras do mundo pessoal não são estáveis, e [os jovens põem] em prática ‘estratégias de destruição lenta’ para prolongar seu domínio” (Ibid., p. 114, tradução livre).

Nesse contexto, a “especificidade da juventude” na “segunda modernidade”, é também expressão de uma outra disjuntiva: aquela que se dá entre as dimensões da “independência” e da “autonomia” dos jovens nas relações que estabelecem com o mundo adulto, seja no contexto das relações primária do mundo familiar ou dos círculos de relações e interações que envolvem as instituições sociais e políticas.

Essa segunda separação, fundamenta-se na distinção possível de ser compreendida a partir de duas noções da filosofia política: a “autonomia” e a “independência”. A primeira noção, fundamentada “na concepção monadológica de Leibniz”, implica que o indivíduo não tem que prestar contas a ninguém, pois dispõe de recursos que lhe permite desenvolver-se de forma independente”. A noção de “autonomia”, a partir das contribuições de Emmanuel Kant e da “sociologia construtivista”¹⁴, diz respeito “a capacidade do indivíduo em outorgar-se uma lei própria, de formar uma visão de mundo” (SINGLY, 2005, p.114, tradução livre). Deste modo

os jovens se encontram em condições sociais e psicológicas que lhes permitem aceder a uma certa autonomia sem dispor de recursos especialmente econômicos para serem independentes de seus pais. Neste âmbito, é possível compreender, em teoria, a ajuda financeira do pai e da mãe como uma das formas pelas quais se garante a necessária proteção do filho (Ibid., p.114, tradução livre).

Assim, nas sociedades avançadas, podemos entender a fase da vida juvenil a partir daquelas duas dimensões da “individualização” ou “individação”¹⁵, e a sua atual disjunção, - a autonomia e a independência, na medida em que “os jovens experimentam condições sociais e psicológicas que lhes permitem acessar [e fruir] de certa autonomia, sem possuir recursos econômicos suficientes para serem independentes de seus pais”. (Ibid., p. 115, tradução livre).

As contribuições de Singly (2005) sobre a “especificidade da juventude” na contemporaneidade não podem ser transpostas de modo linear à realidade da juventude e dos jovens brasileiros – suas experiências socializadoras, de independência, de autonomização e individação, pois nossa ordem societária comporta especificidades que condicionam e tendem a estruturar os modos como os jovens, situados e posicionados nas diferentes classes sociais, vivenciam a condição juvenil.

No conjunto das especificidades que matizam nossa estrutura social, temos as desigualdades econômicas e sociais de longa duração, além daquelas concernentes as origens étnicas, às relativas ao sexo/gênero, à pobreza e à miséria renitentes, sobrepostas às desigualdades regionais e sócio espaciais. Além dessas circunstâncias, temos a conquista

¹⁴ Sobre as sociologias construtivistas, cf. Philippe Corcuff, *As novas sociologias: construções da realidade social* (2001), em especial Capítulos 1 e 2; veja-se também Zaia Brandão.

¹⁵ Ao tratar dos processos de constituição do indivíduo nas sociedades contemporâneas avançadas, Singly (2004; 2008) trabalha com o termo “individualização”. Danilo Martuccelli (2012) na leitura sociológica que formula sobre a modernidade e as especificidades da modernidade no contexto do ocidente europeu, propõe o uso do termo “individação”. À compreensão desta distinção feita por Martuccelli, veja-se: *Lecciones de sociologia del individuo* (2012, pp. 25-26 e 37) e a *Introdução* e o capítulo 1, *Soposte*, de *Gramaticas del individuo* (2007).

tardia dos direitos sociais – educação, cultura, lazer, e o fato do valor da igualdade se fazer acompanhar, recorrentemente, com o sinal da hierarquia.

Exemplos de desigualdades sociais e culturais de longa duração de nossa formação é fato de que, somente na segunda metade do século XX, termos conquistado a expansão quantitativa das etapas do ensino fundamental (quase que universalizado) e do ensino médio, e ainda termos uma restrita oportunidade de acesso e fruição do ensino universitário a muitos jovens, em especial àqueles situados nas bases da estrutura social, sejam eles brancos e não brancos (NEVES, 2012; ALMEIDA *et al*, 2014).

As particularidades de nossa sociedade têm como uma de suas consequências, nas palavras de Sposito (2005, p. 202), a incontornável realidade de que o “trabalho também faz juventude” de muitos jovens brasileiros. Desta forma, a modernidade e os processos de constituição dos indivíduos, e em especial de adolescentes e jovens, se dão também através de processos socializadores – primários e secundários, de processos de construção identitária, de conquista da independência e da autonomia (sempre relativa), todavia, mediante percursos e experiências sociopolíticas e culturais distintos daqueles que predominam nas sociedades avançadas do hemisfério Norte ocidental (MARTINS, 2008; MARTUCCELI, 2012).

Porém, mesmo considerando as especificidades de nossa estrutura social e suas desigualdades, é possível levantar a hipótese de que as contribuições de François de Singly (2005) acerca da “especificidade da juventude” em seus “processos de individuação” nas sociedades avançadas nos permitiria melhor compreender as interações sociais e os processos socializadores vivenciados pelos jovens quando se aproximam e se engajam em formas associativas diversas, inclusive em partidos políticos.

As contribuições de Singly (2005), associadas às de Filleule (2003) permitiram que levantássemos uma hipótese: como “ninguém nasce militante, mas alguém se torna, temporária ou permanentemente um militante, de acordo com o contexto e circunstâncias próprias das trajetórias pessoais” (FILLEULE, 2003, p. 1¹⁶), tradução livre), ao perscrutarmos e analisarmos as interações e os processos de socializadores – primários e secundários vividos pelos jovens, talvez seja possível compreender as escolhas e decisões dos mesmos em se engajarem em movimentos sociais e ações coletivas de base juvenil e também de agremiações partidárias de diferentes posições político-ideológicas (BRENNER, 2011; 2014, SEIDL, 2014), como expressão de internalizações processadas em seus percursos socializadores –

¹⁶Disponível em: https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_40490.P001/REF. Acessado em outubro de 2015.

também de socialização política, assim como de seus movimentos por conquista de autonomia na fase da juventude.

1.5 Engajamento militante e jovens

Segundo Frédéric Sawicki & Johanna Simeant (2011, p.201), a noção de engajamento militante pode ser compreendida “como toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa”.

Além de indicar uma ação ativa e positiva dos indivíduos (MARTUCCELLI, 2015, p. 9, tradução livre) que pode se prolongar no tempo, o engajamento militante pode ser também apreendido como um processo que envolve o contato, a interação que o indivíduo estabelece como formações associativas, organizações, movimentos ou ações coletivas, tendo relações com as “disposições anteriormente construídas no processo de socialização”, pois o indivíduo precisa travar contato com a formação associativa ou ação coletiva seja mediante um contato “direto – mediante o recrutamento” ou um “contato indireto – por meio de alguma pessoa próxima” (RUSKOWSKI & SILVA, 2013, p. 1).

Nas áreas das Ciências Sociais, o engajamento militante pode ser apreendido e analisado a partir de três abordagens analíticas distintas: a da *contentious politics* “política do confronto”¹⁷, a das “organizações e da socialização política”, e a abordagem “disposicional” ou da “sociologia do militantismo”, de origem francesa.

Na perspectiva da “política contenciosa”, a investigação do engajamento e da ação coletiva toma como centralidade os “conceitos de estrutura de oportunidades políticas, quadros interpretativos, repertórios de ação e estrutura de mobilização”; nessa perspectiva o foco recai, invariavelmente, sobre o “alinhamento identitário” ou a identificação dos indivíduos com a ação coletiva ou as formações associativas. De acordo com Ruskowski & Silva (2013),

o alinhamento identitário ocorre quando líderes e organizadores de movimentos e associações efetuam uma conexão entre algum(ns) elemento(s) da cultura da população a ser mobilizada e dotá-lo(s) de valor, articulando(s) com os objetivos do movimento num dado contexto. (...) Quando há sucesso nesse alinhamento, provavelmente se produzirá o engajamento na ação coletiva (Ibid., p. 3).

¹⁷Ou ainda “política contenciosa; ligada mais à sociologia norte-americana. A partir dos trabalhos de Sawicki & Simeant (2011) e de Ruskowski & Silva (2013), pode-se inferir que duas referências teóricas fundamentais da *contentious politics* seriam os sociólogos Charles Tilly e Sidney G. Tarrow. Sobre Charles Tilly, cf. Alonso & Guimarães (2004) e Alonso (2012).

A segunda abordagem toma como objeto de investigação as interações no interior das “organizações e o processo de socialização política” dos atores envolvidos, tendo centralidade no, **“processo de tomada de decisão dos atores em relação ao seu engajamento”** e nas **transformações subsequentes dos mesmos após o engajamento** (Ibid., p. 3; grifos meus), ou seja, os efeitos do engajamento sobre os valores internalizados em processos socializadores precedentes, sobre as experiências e condutas posteriores dos indivíduos após a decisão de engajarem-se.

Ao priorizar as interações sociais no processo de engajamento militante, tal abordagem sugere que a investigação se preocupe com as seguintes dimensões desse específico processo: **“as características culturais e sociais dos indivíduos”**; **a evolução do mesmo “em um contexto relacional específico”**, e a avaliação que o indivíduo realiza sobre o seu engajamento em uma formação associativa ou ação coletiva e a intensidade do vínculo por ele estabelecido. Nessa possibilidade analítica,

o engajamento é determinado pelo contexto sociocultural do ator, pois **serão suas raízes sociais que, num determinado contexto, o incentivam ou não a aderir a uma ação e determinam em que tipo de movimento ele se vinculará**. Já o contexto relacional é o segundo elemento da dimensão estrutural do modelo. A estrutura relacional do ator tem a função de socializar o indivíduo e permitir sua inserção em redes, mediar ou recrutar e modular suas preferências. **Por fim, a intencionalidade de se engajar ou não se dará com base em certos parâmetros (custos, sucesso, riscos), já que esta decisão não é livre de restrições, pois é moldada, influenciada e avaliada de acordo com as interações que se desenvolvem entre o indivíduo e seu meio social** (RUSKOWSKI & SILVA, 2013, p.4; grifos meus).

A terceira perceptiva, a da “abordagem disposicional” ou da “sociologia do militância”, nutre-se das contribuições de Pierre Bourdieu - e seu conceito de *habitus*¹⁸ (Ibid., p.4), e também de formulações de Bernard Lahire sobre as “disposições”¹⁹. Nesta

¹⁸Segundo Setton (2010), pode-se entender o *habitus* como “um sistema de esquemas, individual e socialmente constituído, de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido na e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de socialização), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática à medida que a conjuntura de um campo o estimula” (Ibid., p. 24-5).

¹⁹Em *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*, Bernard Lahire (2004, p. X-XI e p. 27), assim define as “disposições”: “de alguma maneira, cada indivíduo é o ‘depositário’ de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais. (...) Uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar em disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas,

abordagem, busca-se situar e reconstruir as “disposições” ao engajamento, na medida em que elas

pressupõem um processo de interpretação para que se possa ‘fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas’. Segundo Lahire, a noção de disposição supõe que seja possível observar comportamentos, atitudes ou práticas que contenham a ideia de recorrência, de repetição, de práticas, de série ou classe de acontecimentos (Ibid., p. 4).

Lembram Ruskowski & Silva (2013), ainda, que a noção de engajamento

constitui-se como um processo relacional, a partir de um conjunto de condições que requer do envolvido certas disposições, que envolvem interesses, crenças, valores e que possibilitem a identificação com uma “causa”, além de competências, recursos disponíveis e acesso a oportunidades de mobilização. (RUSKOWSKI & SILVA, 2013, p. 5).

Segundo os pesquisadores, a “literatura existente sobre processos de engajamento destaca como pontos importantes de análise tanto a dimensão estrutural, vinculada à posição social dos envolvidos, quanto a dimensão relacional, vinculada aos processos de interação” (Ibid., p. 5).

Assim, as “interações sociais” e “disposições derivadas do processo de socialização” tornam-se fundamentais para que o indivíduo decida se engajar, pois ele conecta suas necessidades às do movimento do qual participa”. Por outro lado, a participação com duração se efetivará **“quando as motivações ou as retribuições pessoais produzirem um alinhamento com os quadros interpretativos de cada grupo associativo”** (RUSKOWSKI & SILVA, 2013, p. 1; grifos meus).

Contudo, Brenner (2014) chama também a atenção para o fato de que o engajamento é fruto de uma ação do indivíduo, de uma aposta feita por ele, que implica a expressão de uma vontade intrínseca, trata-se, portanto, de uma escolha que pode ser racional ou tornar-se consciente, desse modo:

o engajamento pode ser resultado de uma ação racional ou tornar-se consciente apenas após ocorrerem mudanças tão significativas que deixem claro para o sujeito o que ganhou ou deixou de perder ao se engajar em determinada ação, até então não era consciente. A pessoa engajada deve ter consciência de que foi ela que fez a aposta, que sua ação é gerada por um interesse, o qual deve ser percebido como necessário, pois o indivíduo não

opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores da disposição”.

agirá para realizar um interesse se não o perceber como necessário. (Ibid., p.36).

Outra forte variável que interfere no processo do engajamento militante é o do contexto histórico em que o indivíduo se situa, uma vez que as características temporais podem influenciar para condições de maior ou menor engajamento. Esta é uma das preocupações centrais deste estudo, uma vez que no presente há uma crise do sistema político representativo e suas principais instituições – partidos políticos, sindicatos, centrais sindicais, uma característica que se fez ouvir nas manifestações populares que ocorreram no país em junho de 2013²⁰ (SORJ & MARTUCELLI, 2008).

Deste modo, o engajamento militante pode decorrer tanto do período da socialização primária - por influências dos integrantes do circuito de relações familiares, quanto de processos socializadores secundários vividos no período da vida juvenil, quando da imersão de adolescentes e jovens em novos círculos sociais novos, em redes de relacionamento mais amplas e diversificadas.

As proposições acima nos devolvem a François de Singly (2005) e a problematização que fez das especificidades que marcam a juventude na atualidade, quanto à dissociação que há entre as dimensões da independência e autonomia nas vivências juvenis: se o engajamento militante dos jovens tem relações com as “interações sociais” que está imerso, com as disposições e a posse de capitais necessários ao engajamento, quando da análise dessas mediações sociais e culturais é preciso considerar também que os atos de agir e se engajar politicamente implicam uma vontade do indivíduo, uma decisão – racional ou não, movimento que tem relações diretas com sua busca por autonomizar-se, criar uma visão de mundo própria, movimentos que impactam seus processos de individuação.

Para o jovem a busca pela autonomia pode estar aparentemente significada através das vivências oferecidas pela militância político partidária, nas juventudes organizadas, no encontro com outros jovens que também buscam tecer suas próprias definições de mundo e acabam por se unirem num projeto comum.

²⁰ As chamadas “Jornadas de Junho de 2013” ficaram marcadas pela grande concentração de jovens em suas manifestações, as mobilizações ocorreram nos grandes centros urbanos em todo país motivadas por vários fatores, dentre eles os altos investimentos com a organização da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Outra característica marcante esteve presente na proibição de participação explícita dos partidos políticos que foram obrigados a se posicionarem de forma discreta a margem dos processos decisórios.

Tendo em vista os objetivos e a hipótese centrais do estudo, não houve uma escolha explícita por uma das três abordagens sobre o engajamento militante dos jovens investigados, anteriormente apresentadas: ao longo das etapas do estudo e, sobretudo na leitura e análise das narrativas formuladas pelos jovens em suas entrevistas, houve momentos que nos aproximamos mais das orientações contidas na perspectiva das “organizações e o processo de socialização política”, no que concerne às decisões dos jovens em relação ao ato de engajar-se em um determinado partido político e os efeitos do engajamento em suas experiências do presente e em seus planos de futuro; em outras ocasiões, nos avizinhamos de certas orientações presentes na “abordagem disposicional” ou da “sociologia do militantismo”.

O estudo desenvolvido teve por objetivo apreender e analisar as interações, relações sociais e processos socializadores que induziram jovens universitários a se engajarem em partidos políticos, tomando por pressuposto que uma decisão dessa natureza pode ser reveladora de movimentos que realizaram em busca de autonomia na fase da juventude, julga-se importante discorrer, ainda que brevemente, sobre a noção de partido de político lançamos mão e como ela foi incorporada ao longo da pesquisa.

1.6 Partido político e as funções dos partidos políticos

Uma das referências sobre a noção de partido político foi buscada em Max Weber (1977), no texto *Classe, “status” e partido*. Neste trabalho, tem-se que uma das principais características dos partidos políticos é que eles, diferentemente da classe e dos grupos de “status”, “vivem sob o signo do poder” (Ibid., p. 81).

Na vertente weberiana, o partido é considerado uma “associação” (OPPO, 1998, p. 898), cuja ação objetiva seria a conquista de “poder social” de modo a exercer influência sobre o “sentido” da ação de uma determinada comunidade, seja qual for o seu “conteúdo”. As principais ações dessa formação associativa teriam por significado último a “societalização²¹” da comunidade, na medida em que elas se dirigem para um “objetivo pelo qual se luta de forma planejada (Ibid., p. 81), ou seja, elas implicariam “algum nível de

²¹O termo refere-se a “passagem da ordem comunitária à ordem societária” (PIERRUCCI, 1998, p. 14).

racionalização instrumental das relações sociais”, visando a “des-tradicionalização” (PIERRUCCI, 1998, p. 14).

Um partido pode ter como “objetivo” uma “causa”, tendo em vista “realizar um programa” com propósitos “ideais ou materiais”, ou ainda conquistar o “poder pessoal”, envolvendo “sinecuras” (benesses públicas) e “poder”, passíveis de gerarem “honra” para entre seus líderes e seguidores (Ibid., p. 81).

Para Weber (Id.), os partidos só seriam possíveis nos quadros da sociedade moderna (a comunidade “societalizada”), dotada de “alguma ordem racional e um corpo disponível de pessoas que estejam prontas a assegurá-la, pois [eles] se dirigem justamente no sentido de influenciar esse corpo, e, se possível, recrutá-lo dentre os seguidores do partido” (Ibid., p. 82).

Tal formação associativa não tem estrutura única, podendo ser “efêmera” ou “duradoura”, e também variar em função da “estrutura de dominação” da “comunidade” em que está inserida. Os meios pelos quais ela chega ao poder são múltiplos: indo desde a “violência crua de qualquer tipo”, passando pela “disputa de votos” mediante recursos “grosseiros ou sutis – dinheiro, influência social, o poder oratório, sugestão, embustes primários”, e incluindo, ainda, “as táticas mais ásperas ou mais habilidosas de obstrução nos organismos parlamentares” (Ibid., p. 82).

Os partidos podem se diferenciar em estratificados “por *status* ou por classe”, e quanto a “estrutura de dominação” do meio social em que está inserido, pois seus “líderes normalmente tratam da conquista de comunidade” (Ibid., p.82). Eles não são somente “produtos de formas especialmente modernas de dominação”, pois, considerando-se as formulações acima, pode-se denominar de partidos determinadas associações “antigas e medievais, apesar do fato de sua estrutura diferir basicamente da estrutura dos partidos modernos” – partidos de notáveis, partidos de organização de massa ou partidos eleitorais de massa (OPPO, 1998, p.899-902)

Ainda em relação as funções dos partidos de “massa”, de “aparelhos” ou “eleitorais Ana Oppo (1998), defende a ideia de que eles se constituíram em “instrumento importante, (...) através do qual grupos sociais sempre mais vastos imergiram no sistema político (...) e puderam exprimir, de modo mais ou menos eficaz, da formação das decisões políticas”. Os partidos são os canais através dos quais duas funções são concretizadas: eles “transmitem o ‘questionamento político’ da sociedade” e por sua mediação “as massas” são representadas “no processo de formação das decisões políticas” (Ibid., p. 904).

Ao papel de transmissão do questionamento político corresponderiam as atividades que têm como propósito “fazer com que ao nível de decisão sejam tomadas em consideração certas necessidades da sociedade”; além disso, quando da participação do processo político, os partidos devem agir sobre questões tais como “a organização das eleições, a nomeação de pessoal político e competição eleitoral”. A partir de tais atos, essas associações se constituem em “sujeito de ação política e é delegada para agir no sistema a fim de conquistar poder e governar” (Ibid., p. 904).

Além dessas definições mais amplas e gerais - ideal tipo, das funções dos partidos políticos, seria necessário considerar que a associação partidária deve também convocar, “recrutar” e “influenciar” um conjunto de indivíduos – de diferentes idades, de modo a torná-los seus “seguidores”. Tal função nos remeteria a uma função não assinalada por Weber (1977) e Oppo (1998) em seus respectivos textos, qual seja: a função socializadora e educadora²² que essas associações devem assumir, em outras palavras, a função de “agente de educador” que os partidos devem assumir de maneira a garantir a consecução de suas finalidades, sejam elas materiais ou simbólicas, de conservação/reprodução da ordem socioeconômica e de poder, ou ainda, de transformação de um determinado sistema econômico e sua ordem societária Cassin (2012).

Não fez parte do escopo desse estudo apreender e analisar os processos de emergência, afirmação e capacidade de representação política dos partidos políticos na sociedade brasileira, de modo a compreender suas aproximações, distâncias e singularidades frente ao modo tipo ideal definido por Max Weber (1977). Neste item, o esforço foi o de evidenciar o modo como se compreende essa específica formação associativa, em contraste com outras tais como os movimentos – sociais ou populares, organizações não governamentais, os sindicatos, as associações profissionais, identidades coletivas de diferentes bases sociais, étnico raciais, etárias, de sexo/gênero, entre outros.

Neste sentido, convém esclarecer que os partidos políticos foram tomados mais como *categoria analítica* e menos como *unidade empírica* (SPOSITO, 2003), um operador com identidade singular e estrutura organizacional, que desenvolve ações internas e externas

²²Setton (2008) defende a ideia de que as noções de socialização e educação não possuem a força heurística similar no âmbito da investigação científica, pois O processo de socialização conjuga “uma força heurística mais ampla que a noção de educação ou processo educativo. Se estas últimas, na grande maioria das vezes, são consideradas como práticas intencionais, conscientes e sistemáticas, a noção de socialização, ou melhor o processo de socialização, tem a vantagem de agregar às noções anteriores a uma série de outras ações difusas, assistemáticas, não intencionais e inconscientes, adquiridas de maneira homeopática, na família, na escola, na religião, no trabalho ou em grupos de amigos que, queiramos ou não, acabam por participar na construção dos seres e das realidades sociais (Ibid., p. 2)

visando atingir determinadas finalidades políticas, e, à objetivação desses processos, convoca, seleciona, recruta, acolhe, assim como socializa e educa adultos e jovens. Desse modo, o estudo realizado e o presente texto também se filiam ao campo dos estudos da juventude e suas relações com a educação numa perspectiva não escolar.

No próximo capítulo, à luz dos aportes conceituais anteriormente expostos, apresenta-se e analisa-se algumas das características sócio demográficas e culturais dos jovens que contribuíram com a pesquisa, e discorre-se sobre os elementos ou dimensões dos processos socializadores que conduziram/induziram ao engajamento militante em associações partidárias, nas circunstâncias históricas que vivem a juventude.

CAPÍTULO 2 – OS JOVENS DA PESQUISA E PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA NO CÍRCULO FAMILIAR

Como afirmado em páginas anteriores, para atingir os objetivos do estudo proposto, estabeleceu-se contatos e diálogos com jovens universitários de diferentes cursos/carreiras de ensino superior, vinculados à Universidade de São Paulo – USP no *campus* de Ribeirão Preto. A escolha da ambiência social e cultural universitária para a interação e levantamento de informações com jovens engajados em partidos políticos foi inspirada em estudos acadêmicos com temáticas aparentadas em que universitários engajados em movimentos sociais ou partidos políticos foram os sujeitos privilegiados de investigação, casos, por exemplo, das pesquisas realizadas por Foracchi e Brenner (2011; 2014)²³.

Nesta seção, serão apresentadas e analisadas as características sócio demográficas, culturais e socioeconômicas dos jovens e suas famílias de origem, e dar-se-á destaque aos processos socializadores que eles vivenciaram no grupo familiar que ofereceram contribuições à internalização de valores políticos favorecedores à escolha que fizeram pelo engajamento partidário.

2.1 Retratos dos jovens universitários que colaboraram com a pesquisa

À montagem dos retratos de cada estudante que conosco dialogou tomou-se como referência dados sócios demográficos, relativos ao capital cultural escolar, ocupacionais e sobre a posição de classe deles e de seus respectivos responsáveis. A análise da material colhido nas narrativas que os sujeitos forneceram foi realizada a partir de estudos sobre a juventude e os jovens brasileiros (SPOSITO, 2005; 2010), as contribuições de Singly (2005) sobre a “especificidade da juventude”, isto é, o desafio de ser jovem e viver a disjunção que há entre as dimensões da independência e autonomia na atualidade, as análises sobre indicadores sociais da sociedade brasileira realizada pelo IBGE (BRASIL, 2015), e resultados de estudos como os de Piotto (2007), Almeida *et al* (2014; 2015) e Tarabola (2015), sobre jovens que vem acessando e frequentando à USP-RP em anos recentes.

²³ Nos anos 2.000, autores como Sousa (2003; 2015), Reis (2007), Rukowski e Silva (2010), Seidl (2014), entre outros desenvolveram estudos com jovens militantes em identidades coletivas variadas, todavia, tendo em vista os resultados do levantamento que se realizou nas bases de dados da CAPES, do Sistema Dedalus/USP e do Instituto FHC, pode-se afirmar que somente a pesquisa de Brenner (2011; 2014) foi dedicada à análise de jovens universitários militantes de partidos políticos.

Do universo de estudantes matriculados na USP-Ribeirão Preto, em 2015, seis (6) estudantes universitários, três (03) mulheres e 03 (homens) com idades entre 21 e 26 anos, aceitaram colaborar com o estudo, foram eles: Rita (24 anos), Ana (26) e Tainá (26), Jairo (21), Ivan (22 anos) e Bruno (23 anos). A época das entrevistas, todos declararam estar engajados, há mais de um ano, em partidos políticos considerados de “esquerda”, tais como PCB-Partido Comunista Brasileiro (um jovem), PSOL-Partido Socialismo e Liberdade (quatro jovens), PT-Partido dos Trabalhadores (um jovem), conforme disposto no Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1 – Jovens universitários que contribuíram com a pesquisa, idade, trajetória no ensino fundamental e médio, curso que realizavam no ensino superior na USP, partido político que militavam, 2015

Jovem/Nome ²⁴	Idade	Trajetória no ens. Fundamental e Médio	Curso no Ensino Superior USP	Partido Político
Rita	24	Escola pública + escola privada	Licenciatura em Pedagogia/Educação	PSOL
Tainá	26	SESI + escola pública/EJA	Pedagogia	PSOL
Ana	26	Escolas privadas	Bacharelado em Enfermagem	PSOL
Jairo	21	Escolas Públicas	Bacharelado em Física Médica	PSOL
Ivan	22	Escolas privadas	Licenciatura em Pedagogia/Música com Habilitação em Canto e Arte Lírica	PCB
Bruno	23	Escola privada, último ano do EM escola pública	Ciências da Informação e da Documentação/Pedagogia	PT

Rita, 24 anos: PSOL, setorial de juventude e coletivos feministas

Rita declarou que vivenciava um duplo engajamento militante: no PSOL, integrando o setorial de Juventude do partido - JSOL, e em identidades coletivas de lutas feministas - *Coletivo Feminista Buquê de Espertirina*²⁵ da USP-RP e Frente Feminista da cidade de Ribeirão Preto”.

²⁴Por razões de natureza ética, os nomes são fictícios.

²⁵Referência a militante anarquista, gaúcha, Espertirina Martins, que aos dezesseis (16) anos, em parceria com “companheiros anarquistas”, foi protagonista de evento histórico denominado “A batalha da Várzea”: a jovem,

A estudante nasceu e residia em Ribeirão Preto; se auto identificou como branca, afirmou ser solteira, filha de pais separados, e que morava com a mãe.

Do ponto de vista do capital cultural escolar familiar, sua mãe finalizou o ensino médio, e o pai possui o ensino superior incompleto. Na esfera do trabalho, a mãe atuava como funcionária pública na área da saúde, e o pai atuava como autônomo há muitos anos, administrando microempresa por ele criada. A renda mensal do núcleo familiar foi estimada em torno de 3,5 salários mínimos²⁶.

Rita finalizou a etapa do ensino fundamental em escola privada, e a do ensino médio foi efetuada parcialmente em escola privada, com bolsa de estudos, mas certificação foi obtida em unidade pública de ensino. Diplomou-se no ensino superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP, sendo licenciada em Pedagogia; quando da entrevista, a jovem realizava curso de pós-graduação na área da Educação, em nível de mestrado, na mesma Faculdade.

Em termos de experiências ocupacionais, a universitária atuou como docente na educação infantil, em unidades educacionais privadas, por aproximadamente por um ano.

Tainá, 26 anos: “independente”, PSOL, setorial de juventude e movimento estudantil

Tainá lembrou que os tempos iniciais de sua militância se deu modo “independente”; tornou-se militante do PSOL e de seu setorial de Juventude a partir de sua imersão no ambiente social e cultural da USP-Ribeirão Preto. Também discorreu entusiasmamente sobre a aproximação que vinha mantendo com acampamento do Movimento dos Sem-Terra, situado em Ribeirão Preto.

Nascida no município de Descalvado, SP, se autodeclarou indígena, e reconheceu possuir poucos traços do ramo europeu da família ampliada. A estudante morava com os pais como em Ribeirão Preto os quais concluíram o ensino superior. O pai atuava como professor de História e coordenava empresa de ecoturismo; a mãe trabalhava como professora de

“ao carregar escondido em um buquê de flores um artefato explosivo” o atirou “contra a cavalaria da brigada militar num enfrentamento entre polícia e operários na greve geral de 1917, que ficou conhecida como a Greve dos Braços Cruzados”. Disponível em: <http://batalhadavarzea.blogspot.com.br/2013/04/o-buque-de-espertirina.html>. Acessado em: maio de 2016.

Sobre essa militante anarquista, cf. também: <http://anarchalibrary.blogspot.com.br/2013/08/espertirina-martins-2013.html>. Acessado em maio de 2016.

²⁶Segundo o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico, em 2015, o valor do salário nacional foi de R\$788,00. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acessado em: novembro de 2015.

Música e artesã. Na avaliação da jovem, em termos socioeconômicos sua família estava posicionada em estrato da classe média.

Quanto à trajetória escolar, Tainá concluiu o ensino fundamental em unidade escolar do SESI, e finalizou o ensino médio em escola pública, na modalidade educação de jovens e adultos – EJA. A primeira vez que acessou a educação superior, foi em instituições de ensino superior privada – IES, no curso de Licenciatura em Pedagogia, até o 3º ano. Nesse período, lembrou a estudante que pagava “cento e oitenta reais a mensalidade”, mas ela “foi aumentando, aumentando, aumentando, e eu ganhava quatrocentos reais; quando chegou no terceiro ano, ia para trezentos e sessenta reais, mas dava para pagar...”. Diante dessa situação, decidiu prestar o exame vestibular para ingresso na USP-RP – “prestei aqui”; foi aprovada e retomou a Licenciatura em Pedagogia na FFCLRP, a partir do “zero”. E avaliando esse percurso, disse: “comecei de novo, tudo de novo... Agora estou no terceiro ano, de novo... Muito tempo que eu estudo!”.

Para a jovem, a combinação dos tempos do ensino e do trabalho se deu aos dezessete (17) anos, quando frequentava o ensino médio, tempo em que atuou como balconista, sem contrato formal de trabalho; posteriormente, recebeu convite para atuar como educadora na área da educação infantil, em uma creche. A possibilidade de vir a trabalhar na área da educação a induziu a ingressar no curso de Pedagogia, em faculdade da rede privada:

Eu, na verdade estava querendo saber o que ia fazer... Daí comecei a trabalhar, trabalhando aqui, (...) trabalhando ali, e acabei caindo numa Ong. Era uma creche. Eles falaram: ‘vem trabalhar com agente, mas você precisa estar fazendo Pedagogia; você está como estagiária, a gente não pode contratar como nada’. Aí, eu entrei na [faculdade], na UNIESP.

Ana, 26 anos: PSOL, setoriais de juventude e o feminista, Liga dos Direitos Humanos e Saúde²⁷

Ana, registrou que era militante do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, integrando os setoriais de juventude – MES – Movimento de Esquerda Socialista, e o feminino – JUNTAS, da agremiação, também continuava militando na “Liga de Direitos Humanos e

²⁷ A Liga foi criada em 2013, no âmbito da Escola de Enfermagem da USP-RP, com a finalidade de “congregar um grupo de graduandos de enfermagem e áreas relacionadas motivados a refletirem e agirem face às interações entre o direito e a saúde. (...) O objetivo Geral é fortalecer as ações de estudo, reflexão, discussão, pesquisa e extensão entre graduandos de Enfermagem e outros interessados sobre as interações existentes entre o movimento de afirmação dos Direitos Humanos e o Direito à Saúde”. Disponível em: <http://www.eerp.usp.br/extension-ligas-estudantis-direitos/>. Acessado em maio de 2016.

Saúde”, coletivo que fundou quando estudante da graduação, na Faculdade de Enfermagem da USP-RP.

Natural de Morro Agudo, SP, a universitária declarou que amarela (oriental) é a cor de sua pele, que estava solteira. Morava em “república estudantil”, compartilhada com uma irmã e uma colega da universidade, que se responsabilizavam pelo aluguel da moradia. No caso dessa estudante, a migração para Ribeirão Preto, para fins de estudos, não era completa, pois, tanto ela como a irmã se deslocavam continuamente para a casa dos pais, situada na cidade acima mencionada.

Quanto ao capital escolar dos integrantes do núcleo familiar: sua mãe certificou-se no ensino médio, o pai tem ensino superior incompleto, e a irmã frequentava a educação superior. Ana realizou as etapas do ensino fundamental e médio em estabelecimentos privados de ensino, e as experiências de educação pública iniciaram com seu ingresso na USP, no curso de bacharelado em Enfermagem.

Concernente às atividades ocupacionais de seus pais: a mãe não estava inserida na esfera do trabalho e responsabilizava-se pelas atividades “domésticas”; já o pai atuou por longo tempo como bancário, aposentou-se, mas continuava ativo, atuando como proprietário e gestor de microempresa de auto elétrica, fornecedora de implementos e serviços para o setor agrícola.

Até 2015, Ana não tinha experiências de atividades ocupacionais no setor formal de trabalho; disse-nos que teve algumas experiências de “trabalhos voluntários”, ou trabalhos esporádicos aos finais de ano, com alguma remuneração, porém sem vínculos empregatícios. Em certa altura da entrevista, ao discorrer sobre a forma como apreende as desigualdades sociais e econômicas da sociedade brasileira, ela apresentou uma percepção e uma identificação²⁸ relativas à posição de classe de seu núcleo familiar de origem, dando destaque

²⁸Em *Quem é classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe*, Salata (2015) defende a posição de que, no estudo sobre as classes médias e sobre os indivíduos que a integram, seria analiticamente mais enriquecedor associarmos dados objetivos e subjetivos da “estratificação social”, agregássemos às “informações sobre renda, escolaridade ou ocupação” os modos “como os próprios indivíduos se percebem, identificando-se ou não com essa classe (Idib, p. 133-134). A respeito da subjetividade para fins de análises das classes sociais, em especial as classes médias e seus integrantes, o autor expressa o seguinte argumento: “a subjetividade não é mensurada por um parâmetro objetivo, mas constitui uma informação importante por si mesma, tem havido uma crescente reorientação da ideia de “consciência de classe” em direção à noção de ‘identidade’ (...). As identidades são compreendidas, portanto, como um processo em eterno movimento, nunca acabado, nunca resolvido, envolvendo o constante entendimento de quem somos e de quem as outras pessoas são, e, reciprocamente, o entendimento de outras pessoas sobre elas mesmas e sobre os outros. Ou seja, o processo de identificação diria respeito ao sistemático estabelecimento e significação de relações de similaridade e diferença. Afinal, dizer quem eu sou é dizer quem eu não sou (diferença), e também dizer com quem creio ter coisas em

ao seu capital cultural e práticas de consumo que concretiza (SALATA, 2015): “eu venho de uma família de classe média, eu passei por escolas particulares eu nunca passei por uma consulta no SUS!”.

Jairo, 21 anos: PSOL, setorial de juventude do PSOL/MES e JUNTOS!²⁹ - Movimento nacional de juventude

O jovem aproximou-se do PSOL quando estudante do ensino médio, e em seis meses já atuava em uma de suas “correntes” e no setorial de juventude da agremiação: o MES. Logo em seguida, envolveu-se um novo ator coletivo de base juvenil de abrangência nacional, com laços com aquele Partido: o JUNTOS!

Nascido em Ribeirão Preto, auto declarou-se branco; afirmou ser solteiro, filho de pais separados, e que morava com a mãe, o padrasto e dois irmãos menores.

A mãe concluiu o ensino médio, já o pai possuía um número menor de anos de estudos, pois interrompeu a escolarização no 5º ano do ensino fundamental/1º grau. Jairo realizou as etapas do ensino fundamental, do ensino médio - associado ao técnico de mecatrônica, em escolas públicas; seu ingressou na FFCLRP se deu no curso de Física Médica. Esse estudante pode ser tomado como um dos representantes de conjunto de jovens “egressos” do ensino totalmente público ou “as exceções” que, a partir de 2007, começa a acessar a USP-RP (PIOTTO, 2007; ALMEIDA *et al*, 2015; TARABOLA, 2015).

No núcleo familiar do estudante, a mãe trabalhou eventualmente como “diarista”, mas em 2015 encontrava-se desempregada, já o padrasto, “um sitiante”, trabalhava nas terras de sua propriedade. Em torno de aproximadamente quatro (4) salários mínimos, era a renda mensal do núcleo familiar desse estudante.

Jairo, aos doze (12) anos, antes de ingressar no ensino médio já estava inserido no setor informal de trabalho, “vendendo picolés, de porta em porta”; posteriormente, na condição de “aprendiz”, assumiu a ocupação de auxiliar de escritório, quando chegou ao

comum (similaridade). Com efeito, seria através do processo de identificação que criaríamos a noção de ‘nós’ e ‘eles’” (Idib, p.114)

²⁹JUNTOS! (Organize sua indignação), surgida em “São Paulo, em 2011”, como movimento de base juvenil, se autocompreende e se define como um representante de “uma nova geração de lutadores dispostos a construir um mundo radicalmente novo”, defendendo temas e questões nos campos da educação e escola de qualidade, do meio ambiente, de negros e negras, dos segmentos LGBT, da Internet, da luta antiproibicionista, entre outros. O movimento conta com representações em dezenove estados brasileiros, e em São Paulo nas seguintes cidades: “Campinas, Bauru, Itapevi, Marília, Ribeirão Preto, São Carlos, São Paulo e Zona oeste (capital), e Sorocaba. Disponível em: <https://juntos.org.br/>. Acessado em maio de 2016.

último ano do curso de Mecatrônica, tornou-se ajudante do pai em uma oficina e também em restaurante. Ao chegar à USP, já tinha migrado para o setor formal de atividades laborais, ocupando função de técnico em eletrônica, em empresa privada de elevadores.

Bruno, 23 anos, filiado ao PT, militante da APEOESP e do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia

Bruno vivia as experiências de um duplo engajamento: como militante e filiado no PT e na APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

Natural de Ribeirão Preto, se auto identificou como branco, estava solteiro, e residia com os pais e um irmão (de 21 anos). Porém, revelou que tem “sentido uma necessidade grande de sair da casa dos meus pais”.

Os pais do estudante possuem mais de doze anos de escolarização: a mãe ingressou no nível da educação superior, porém não a concluiu, seu pai, por sua vez, a finalizou, tornando-se licenciado. A educação básica de Bruno foi quase toda que integralmente realizada em estabelecimentos privados de ensino, a exceção foi o último ano da etapa da educação média, feito em escola pública.

Em termos ocupacionais, sua mãe atuava como “cuidadora de pessoas idosas”, já o pai estava integrado a área do magistério trabalhando como docente de História e Geografia, nas redes de ensino pública e particular. A renda mensal familiar desse universitário era próxima de cinco (5) salários mínimos.

Em 2015, esse jovem já contava com experiências acadêmicas de educação superior relativas a três diferentes cursos: na primeira, titulou-se como licenciado em História (2012), em faculdade privada; ato contínuo, ingressou no curso de bacharelado em Ciências da Informação e da Documentação - CID na FFCLRP onde permaneceu por apenas um (1) ano, pois se transferiu para a Licenciatura em Pedagogia, na mesma Faculdade.

As primeiras experiências de trabalho desse universitário também ocorreram à época do ensino médio (3º ano), aos dezesseis (16) anos, tendo se ocupado de atividades em biblioteca de centro de aprendizagem de idiomas, na continuidade atuou como estagiário. Ao chegar à USP-RP, por ter os direitos e os privilégios correspondentes a quem detém o título de licenciado (BOURDIEU, 2002), Bruno já atuava profissionalmente na área do magistério,

como seu pai, sendo docente (“Categoria O³⁰”) na rede pública estadual paulista de ensino. Porém, descreveu seu contrato de trabalho com a administração do estado paulista como sendo marcado pela precariedade e insegurança, pois todo final de ano seu contrato é extinto, e ele só pode formalizar novo contrato decorridos alguns meses. Dado o grau de incerteza que vive, como profissional da docência na rede pública paulista de ensino, ele ponderou: “É surreal, né? Sou formado em História, e o que eu menos faço é dar aulas de História; de Geografia até que tudo bem, mas de Física, de Matemática, de Biologia, de Inglês, Química.... É legal dar aula, mas uma M....”

Ivan, 22 anos, PCB

Ivan estava engajado, porém não filiado, ao PCB. É natural de Ribeirão, solteiro, auto identificou-se como branco, morava com o pai, mãe e uma irmã mais velha (28 anos).

O jovem fez o ensino fundamental e ensino médio integralmente em escolas da rede particular de ensino. Neste período, contou-nos que se envolveu profundamente com atividades esportivas e do campo das artes: “estava no segundo colegial, eu jogava bola; eu cheguei a jogar no sub-13³¹, no sub-15 e sub-17. Aí, larguei mão do futebol e, paralelamente, eu entrei no teatro. (...) Sempre fiz várias coisas ao mesmo tempo, né? Jogava bola, fazia judô, estudava música”.

Para ele, as experiências de educação escolar em instituição pública se deram no ensino superior, a partir de seu ingresso na FFCLRP, onde se titulou em Pedagogia e, logo em seguida, ingressou no curso de Bacharelado e Licenciatura em Música - com Habilitação em Canto e Arte Lírica. Os pais deste jovem também detêm número considerável de anos de estudos: o pai diplomou-se no ensino superior, a mãe chegou ao mesmo nível de educação, porém não o concluiu.

Quanto às relações com a esfera do trabalho, sua mãe ocupava posto de secretária em empresa privada, e o pai atuava com servidor de administração pública municipal. Aos

³⁰De acordo com informações constantes no sítio da APEOESP, o docente posicionado na “Categoria O” é “candidato à admissão, (...) ou seja, ele é professor já contratado, com aulas”. Todavia, “em vez de ser efetivado lhe é oferecido um contrato de trabalho com os mesmos deveres e obrigações do professor efetivo, porém com um salário menor e sem os mesmos direitos”. O docente se encontra nessa “Categoria”, “assina seu contrato, sempre depois do início do ano letivo”, para cumpri-lo integralmente e é “dispensado em dezembro. Recebe metade do salário de dezembro, que é proporcional aos dias letivos do mês”. A partir desse momento, o professor “deixa de existir, até que assine um novo contrato no ano seguinte.” Disponível em: <http://apeoesprp.blogspot.com.br/p/professores-temporarios.html>.

³¹Categorias nativas do mundo do futebol que indicam a idade de jogadores adolescentes e jovens.

dezoito anos (18), Ivan também se inseriu no universo de atividades laborais, atuando como educador de canto coral em instituição privada, com contrato de trabalho, porém sem registro na carteira profissional. A renda mensal de seu grupo familiar foi estimada em cinco (5) salários mínimos, e em alguns momentos da entrevista, tal como Ana (26 anos, PSOL), ele também expressou uma percepção e afirmou um pertencimento³² sobre a posição social de sua família (SALATA, 2015), mesmo reconhecendo que, por vezes, o núcleo familiar experimenta certa “inconsistência posicional” (ARAUJO & MARTUCCELLI, 2012, p. 75). Em suas palavras: “sou de uma classe média; estamos numa família de classe média; temos os momentos de crise (...), aperta um pouco para cada um ali, mas a gente (...) não tem necessidades básicas não atendidas”.

2.1.1 Uma fotografia de conjunto dos jovens universitários

Os universitários militantes retratados vivem os desafios da vida juvenil como “filhos e filhas de” (Singly, 2005), pois encontram-se, com variações caso a caso, a exemplo de Jairo que trabalha desde os doze (12) anos e contribui com o orçamento mensal domiciliar, sob alguma forma de dependência e proteção de suas respectivas famílias, sejam elas parentais, mono parentais ou recompostas (Singly, 2000).

Eles são filhos e filhas de pais detentores de um volume significativo de capital cultural escolar, pois somente o pai de Jairo (PSOL, 21 anos) possuía menos de oito anos de escolaridade, os pais e mães dos demais jovens detinham doze (12) anos ou mais de ensino, porque finalizaram a etapa do ensino médio ou atingiram o ensino superior – com conclusão ou não desse nível educacional, o que significa quase que o dobro da “escolaridade média” que detém a população brasileira de 25 anos ou mais de idade em 2014, que era de “7,8 anos de estudo completos”, isto é, um número menor de anos à totalidade de anos da etapa do ensino fundamental (BRASIL. IBGE, 2015, p. 55; ALMEIDA et al, 2014, p. 13)³³.

As trajetórias de educação básica que os seis jovens conformaram apresentam similaridades e diferenças consideráveis em termos de capital cultural e capital econômico de

³²De acordo com Amaral (2006), o termo pode fazer referência à “crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. [Eles] pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. Esse sentimento pode fazer destacar características culturais e raciais” (Ibid., p.1). Disponível em <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acessado em abril de 2016.

³³IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2015. Rio de Janeiro : IBGE, 2015.

suas famílias (BOURDIEU, 2007), pois enquanto Ana e Ivan cumpriram aquele nível de escolarização somente em escolas particulares, Rita e Bruno, combinaram percursos por estabelecimentos de ensino privado e públicos. Tainá e Jairo estudaram apenas em escolas públicas, ainda que algumas instituições por que passaram tenham algumas distinções no interior do sistema público de ensino no estado de São Paulo: Tainá fez o ensino fundamental em estabelecimento do SESI e o ensino médio na modalidade da EJA em unidade pública estadual, já Jairo, combinou o ensino médio com o ensino técnico-profissional em escola técnica vinculado do Centro Paula Souza.

Quanto às ocupações de seus pais e mães, o que se verificou é que todos os pais e o padrasto de Jairo (PSOL, 21 anos) estão inseridos na esfera do trabalho como contrato formal de trabalho ou não, ocupados em atividades como microempresários, servidores públicos, docentes, sitiante etc; já a situação ocupacional de suas respectivas mães apresentava variações no plano da inserção laboral: algumas delas ocupavam função docente e artesã, como secretária ou cuidadora de idosos, outras se dedicavam as atividades domésticas, e apenas a mãe de Jairo (PSOL) vivia situação de trabalho mais precária e incerta, pois atuava esporadicamente como “diarista”.

Por outro lado, jovens como Tainá (PSOL, 26 anos), Jairo (PSOL, 21 anos) e Bruno (PT, 23 anos) já na adolescência tornaram mais suas interações sociais e processos socializadores mais diversificados e complexos, pois se integraram no universo do trabalho – informal, precário, incerto e inseguro, como “aprendizes” (BRASIL, 1990³⁴) e também na esfera formal do emprego. Assim, esses universitários ingressaram na juventude como adolescentes-estudantes-trabalhadores (SPOSITO, 2005; 2010), enquanto os demais – Ana (PSOL, 26 anos), Rita (PSOL, 24 anos) e Bruno (PCB, 22 anos), ingressaram na fase juvenil – inclusive no ensino superior, sob os estatutos normativos de “filho/filhas” e estudantes (SINGLY, 2005), ou seja, viviam o que sociologicamente se define como “moratória social”, isto é, “um tempo socialmente concedido de tolerância seletiva” em que determinados segmentos juvenis “podem se dedicar a processos de formação escolar e não escolar, conformar práticas de experimentação sociocultural, [escolher] e reverter as escolhas”, enfim, eles “podem “postergar a assunção de compromissos e responsabilidades associados a entrada na vida adulta, a exemplo do trabalho” (MARGULIS & URRESTI, 1998, p. 2, apud ALMEIDA et al., 2015, p. 146).

³⁴Estatuto da Criança e Adolescente, Lei Federal 8069/1990, artigo 60.

De qualquer maneira, ainda que a vida familiar e as experiências juvenis desses estudantes apresentem semelhanças e diferenças quanto à renda mensal de seus núcleos domiciliares, as ocupações de seus pais, e a bagagem cultural escolar da família em geral, eles integram agregados familiares posicionados em estratos da classe média da sociedade brasileira (SALATA, 2015).

2.1.2 Jovens, universitários de IES estatal: iguais, diferentes, engajados em partidos

E, ainda sob as dimensões de posição social de classe, cultural – escolar, de cor da pele, e etária, em nível micro, esses jovens são representantes do processo de expansão do acesso à educação básica e da ampliação quantitativa, “do rejuvenescimento e diferenciação social que vem passando o ensino superior brasileiro” em geral e a USP-Ribeirão Preto em particular, nas últimas décadas (ALMEIDA *et al*, 2014, p. 5), pois se no interior desse pequeno agrupamento há jovens, homens e mulheres, brancos, solteiros, que coabitam com os pais, de classe média, oriundos de escola privada, também há jovens que podem ser compreendidos como a “exceção” (PIOTTO, 2007), pois com trajetórias de escolarização construídas exclusivamente no ensino público - inclusive na educação de jovens e adultos, e de inserção no mundo do trabalho desde a adolescência, sendo, portanto, estudantes-trabalhadores.

Mas, esses jovens estudantes da USP-RP, de um rico interior paulista (ALMEIDA *et al*, 2014; 2015), apresentam uma singularidade em relação aos seus pares, sejam eles uspianos ou não, eles se apresentaram e se declararam como indivíduos engajados em partidos políticos, numa circunstância histórica da sociedade brasileira em que a descrença e a aversão às agremiações partidárias é escancarada na arena pública, e em que se constata o declínio do número de filiações de jovens e adultos em partidos, tal como demonstrado por Brenner (2011; 2014), e de acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral para 2015, divulgado por diário de abrangência nacional:

nos últimos sete anos, incluindo 2015, o número de filiados entre 16 e 24 anos despencou 56% nas cinco maiores legendas: PMDB, PT, PP, PSDB e PDT. Os jovens nessa faixa etária somam hoje 132.292 filiados. Em 2009, eram pouco mais de 300 mil. (...) O ritmo de perda de filiações entre os mais novos é maior que o verificado na geração imediatamente seguinte, entre 25 e 34 anos. Nessa faixa etária, no mesmo período, houve queda de 9,8% (de 1 milhão para 910,2 mil) (BRASIL. TSE, *apud* O Globo, 2015³⁵).

³⁵Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/partidos-sem-renovacao-numero-de-filiados-entre-16-24-anos-caiu-56-nas-cinco-maiores-siglas-16581309>. Acessado em maio de 2016.

A partir das narrativas que os estudantes formularam em suas entrevistas, dar-se-á atenção, na continuidade, às interações sociais e às experiências socializadoras dos jovens universitários que direta ou indiretamente exerceram efeitos ou os induziram à “aposta” (BRENER, 2011) pelo engajamento partidário na fase da vida em que se encontram.

2.2 Percursos socializadores e possíveis efeitos sobre o engajamento partidário de jovens-estudantes da USP-RP

O ato de engajar-se pressupõe a relação dos indivíduos com o tempo (FILLIEULE, 2001), e implica também a participação dos mesmos em uma formação associativa ou “ação coletiva” com a finalidade de “defender ou promover uma causa” (SAWICKI & SIMEANT, 2011, p. 201). Assim, o engajamento militante deve ser apreendido e analisado considerando-se o contexto histórico, as relações e interações que os indivíduos estabelecem em diferentes círculos sociais de socialização e pertencimento, pois é uma expressão das disposições por eles incorporadas ao longo de seus percursos socializadores, envolvendo práticas, valores, ideias, crenças ou interesses de natureza política (RUSKOWSKI & SILVA, 2013).

Ademais, para melhor dimensionarmos o engajamento partidário de jovens e os efeitos de tal escolha na vivência da juventude, Brenner (2014) lembra-nos que as experiências sociais e culturais propiciadas pelo ato de engajar-se em coletivos ou ações coletivas os levam a “atualizarem o que foi internalizado na socialização familiar e mesmo escolar, assim como interiorizarem novas regras sociais, novos valores”, as mesmas experiências podem induzi-los a produzir tensões, mudanças ou rupturas em relação “aos valores, comportamentos, expectativas e projetos de vida anteriormente elaborados” (BRENNER, 2014, p. 81); em outros termos, o engajamento militante dos jovens é também expressão daquilo que eles fazem ou escolhem fazer com o que os adultos e os diferentes arranjos socializadores fizeram deles ou com eles.

Nos depoimentos dos universitários, foi possível apreender quatro (4) círculos de relações, interações e socialização que deram contribuições diferenciais ao engajamento partidário dos mesmos: o grupo familiar, as “correntes de sociabilidade” da escola de ensino médio ou do mundo universitário (CÂNDIDO, 1964), o território digital da Internet e os usos e circulações que jovens concretizaram nesse espaço.

A leitura que se fez das narrativas dos universitários permitiu dar objetividade à ideia de que o processo de socialização dos mais novos configura-se como “espaço plural de múltiplas relações sociais” que “tendem a formar e buscam modelar a estrutura de pensamento dos indivíduos”, ao difundirem, em cada um deles, “uma concepção de mundo, a partir de uma gama variada de formas simbólicas (SETTON, 2002, p. 109)”.

Os discursos dos jovens nos mostraram distinções sobre os efeitos ou influências de suas famílias na disposição ao engajamento militante. Mais ainda, eles também evidenciaram o esforço que realizam no trabalho de autoprodução de si e conquista da autonomia, ao ressaltarem que filtram e selecionam os elementos da herança transmitida por membros distintos da família expandida; em outras palavras, eles explicitaram que nem todos os valores e princípios morais, éticos e políticos que internalizaram nos processos de socialização primária (BERGER & LUCKMANN, 1973), foram efetivamente incorporados e os orientaram em suas relações e experiências, em especial a do engajamento partidário.

2.2.1 Herdeiros e heranças do círculo familiar ampliado: práticas e valores políticos

2.2.1.1 – Heranças políticas pelas vias do trágico e do lúdico

Entre os jovens pesquisados, apenas o rapaz militante do PSOL, afirmou enfaticamente a inexistência de experiências de participação política e engajamento militante no círculo familiar:

Não teve nenhum! Minha mãe, não; meu pai, também não; meus irmãos, também não! (...) Minha mãe é meio despolitizada, é mais conservadora, acho que surgiu comigo (Jairo, PSOL).

Os demais estudantes relataram experiências trágicas, lúdicas, tensas ou positivas de engajamento militante vividas sobretudo por figuras masculinas de distintas “gerações familiares” (FORQUIN, 2003, p.4) que direta ou indiretamente produziram efeitos sobre suas visões de mundo e também sobre suas escolhas de atuação política.

Taina (PSOL), oriunda de uma família de tradição “comunista” e “anarquista”, relatou a repercussão negativa que teve em sua família a experiência trágica que resultou do

engajamento militante de seu bisavô paterno, um quadro político do antigo Partido Comunista, que, entre outras ações o socializou e o alfabetizou. De acordo com a jovem:

Minha família tem uma história de militância; o meu ‘Bisa’ paterno era do Partido Comunista; ele era amigo íntimo do Prestes, (...) era uma pessoa simples. Ele se alfabetizou no partido mesmo, era muito carismático. (...) Só que não foi uma experiência positiva, porque meu “Bisa” foi perseguido; ele chegou a ser Secretário do Partido em São Paulo (...). Ele ganhou a eleição, fez um discurso muito bonito, mas fizeram ele renunciar: perseguição, perseguição.... Ele renunciou, aí o Prestes assume. Ele começa a enlouquecer e fica meio louco, porque fica com medo, né? E se suicida! A gente tem isso muito forte na família.

Com um dos portadores de tais memórias, hoje, seu avô expressa consternação quanto à militância e o engajamento partidário da neta: “a questão dele é (...) de não acreditar em partidos; (...) na organização partidária”. Para ele, ‘são todos corruptos’, ‘são todos poderosos, perigosos’”.

Para Ivan (PSOL), as experiências de socialização política no grupo familiar têm outros conteúdos e matizes. Ao falar da atuação política do avô, dos laços que estabeleceram e da educação que dele recebeu na infância, nos revelou que foi indelével por aquela figura da família, até porque a socialização política que dele recebeu foi mesclada por aspectos lúdicos:

Meu avô já foi candidato a vereador, sempre teve envolvido com política; ele foi assessor de vereador, se não me engano ele trabalhava no PMDB. (...) Eu tinha muito convívio com meu [avô], via ele participando dessas coisas políticas e eu meio que gostava daquilo, de estar perto dele. Ele buscando ajudar outras pessoas. (...) Uma vez, fui trabalhar com ele; (...) ele quis brincar comigo: - ‘Vamos criar um projeto de lei, vamos ver no jornal o que está ruim; vamos ver o que a gente pode criar para mudar isso’. Brincando de política comigo, quando eu tinha uns sete, oito anos.

Ao se responsabilizar pela criança, os adultos lhe oferecem experiências pertencentes ao mundo dos mais velhos, a criança reage a ele esforçando-se por interpretá-lo com naturalidade, mas sob um olhar moldado pela dependência e submissão dos complexos significados que estas experiências trazem. Para adaptar-se a universos tão distintos (inevitabilidade de sociabilizar-se), as crianças percebem as experiências como uma de suas “brincadeiras” que, assim como tantas outras, se fixam no repertório de sua existência, formando novos significados, novas vivências a serem consultadas durante toda sua biografia, com destaque na vida juvenil e na busca por sua própria construção de mundo.

Florestan Fernandes (1979) discorreu a respeito das formas de ingresso das crianças no universo de códigos e regras do mundo adulto, defendendo a ideia de que as formas dos mais novos ingressar no mundo sociocultural dos mais velhos se dá também na transmissão cultural que ocorre no interior das brincadeiras, baseadas em comportamentos cotidianos do mundo adulto.

São traços diversos da cultura animológica que, abandonado total ou parcialmente, transferem-se para o círculo infantil, por um processo de aceitação, incorporando-se à cultura do novo grupo. O mecanismo, pois, é simples: são elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo (Ibid., p. 172).

Tais assimilações dos códigos adultos, por meio das brincadeiras, são construídas também a partir da própria interpretação da criança “[...] elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo... são restos de romances velhos, hoje transformados em jogos cênicos” (Ibid., p. 215).

2.2.1.2 – Do pai ao filho, do pai à filha: transmissões, heranças e ambivalências

Ana (PSOL) e Bruno (PT), entre as muitas similaridades e diferenças culturais e políticas que encontramos em suas experiências e narrativas, indicam a figura do pai como um agente socializador significativo às construções de valores políticos, de visão de mundo e à decisão de engajamento partidário.

Ana, militante do PSOL, disse-nos que foi socializada e educada em “meio conservador”, e minimizou o peso das interações estabelecidas com a mãe e das transmissões da figura materna relativamente aos valores éticos e políticos que defende, e sobre suas escolhas de engajamento militante: “minha mãe não me influenciou muito nisso, não! Eu não consigo pensar nela como uma referência”. Por outro lado, em sua fala a figura do pai tem papel central e ambivalente em suas condutas e valores. Ao mesmo tempo em que ela credita sua “sensibilidade para o social” às práticas sociais do pai e às transmissões que dele herdou, é também crítica em relação às ideias e escolhas partidárias que ele explicita no dia a dia e em tempos de eleições e exercício do voto: “eu falo sempre que eu tenho uma situação

extremamente contraditória: o meu pai é de extrema direita, sempre foi! (...) Ele é PSDB³⁶ mesmo! Nas últimas eleições ele votou no PP³⁷”.

Contudo, ela assinala o efeito que tem em suas condutas e experiências as formas de agir social do pai, a partir de determinados princípios éticos e morais, mesmo discordando da sua prática discursiva:

mas, assim, a minha sensibilidade social sempre foi influenciada pelo meu pai. Ele era aquele cara que criança na rua ele sempre ajudava. Eu já vi ele tirar a roupa do próprio corpo para cobrir uma pessoa, porque estava frio. Sabe, ele sempre ajudou muito as pessoas na minha cidade, ele é um exemplo de altruísmo, isso sempre me levou para essa questão da sensibilidade social, mas o discurso dele não é coerente com isso.

E concluindo, ela afirmou que nem tudo que internalizou em termos de patrimônio cultural e estilo de vida moral e ético do meio familiar (SETTON, 2002), ela incorporou, dessa maneira, afirmou: “meu pai direitoso, me fez uma esquerdistista convicta!”.

Por sua vez, Bruno (PT), em determinado momento da entrevista, falou da influência da figura paterna, quando fez breve relato da trajetória de atuação política do pai no âmbito do movimento sindical no cenário de cidade industrial da grande São Paulo, na década de 1980:

Meu pai, antes de ser professor, ele foi metalúrgico em Osasco, isso nos anos 80; participou de greves, apesar do sindicato não ser o do Lula, ser de São Paulo, é.... participou de greves, participou do clima político dos anos 80.

Além dessa transmissão, ele lembrou do envolvimento do pai em campanhas para o PT, em período eleitoral, em Ribeirão Preto:

Lembro-me do meu pai fazendo campanha para o Palocci em Ribeirão; lembro meu pai comemorando a eleição do Lula, a primeira. [Ele] não tem filiação partidária, não tem nenhuma atuação política, (...), mas ele simpatiza com o PT, votou na Dilma, na eleição passada. (...) Meu pai é mais esse militante de eleição e que só aparece nas eleições, não sei se isso influenciou de alguma maneira a minha escolha...

Porém, mesmo expressando certo ceticismo em relação às influências das experiências do pai, ele teceu as seguintes considerações sobre suas escolhas de formação na educação superior e sobre seus valores ideológico-políticos:

³⁶Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB.

³⁷Partido Progressista – PP.

Meu pai é professor de História; fui fazer História, também. Sempre tive contato com leituras, com algumas discussões, a gente sempre viu o jornal juntos - TV junto. Eu acho que essa minha, de alguma maneira, bem subjetiva, essa minha opção pela esquerda tem alguma influência do meu pai, nada muito sistematizado, nada muito objetivo, uma coisa mais, não sei definir assim, como eu posso dizer, acho que mais uma formação de caráter, de visão de mundo, do que uma formação política.

Mesmo não reconhecendo explicitamente que tenha sido “herdado pela herança” do pai (BOURDIEU, 1998, p. 232), Bruno afirmou categoricamente: “com certeza [meu pai] não influenciou minha escolha partidária [pelo PT]!”.

2.2.1.3 Nem tudo que é internalizado é incorporado: recusas aos valores e práticas políticas herdadas da família

Mas não foi somente Ana que explicitou o trabalho de seleção e hierarquização que realiza sobre os conteúdos das transmissões de integrantes do núcleo familiar, uma demonstração do esforço que realiza em processos de construção identitária e conquista de autonomia (MELUCCI, 2004; SINGLY, 2005). Trabalhos similares também encontramos nos percursos de Rita (PSOL) e Ivan (PCB).

Rita, ao falar das interações que manteve com uma tia e um tio - do ramo materno, com históricos de engajamento militante em partidos políticos, fez abordagens sobre os filtros que usa e a seleção que faz dos conteúdos transmitidos pelas experiências daqueles dois membros da família.

As experiências de engajamento partidário da tia tornaram-se um modelo a ser internalizado com cuidado, com prudência, porque mesclado por energia e dedicação, “perseguições” públicas e perturbações individuais. A respeito dessas experiências familiares, contou-nos:

minha tia, irmã [de minha mãe], era petista roxa, andava de vermelho dos pés à cabeça e sofreu muita perseguição. Teve uma época que teve que sair da cidade, foi um transtorno. (...) Ela ajudou [meu tio] com o PSOL (...). Hoje, (...) eu não tenho muita noção se ela está engajada ou não. (...) Ela esteve tantos anos engajada; ela já passou por tanta coisa que eu acho que ela quer descansar. (...) Ela fala: (...) – ‘eu já estou velha, agora pessoas como vocês, vocês estão na idade para botar para quebrar.

Já sobre os conteúdos das experiências de militância partidária do tio e as tentativas que ele faz para recrutá-la a uma nova agremiação partidária, ela teceu os seguintes comentários:

Ele ajudou um candidato à prefeitura de Ribeirão Preto pelo PSOL. (...) Ele ajudou muito, muito; ele acreditava muito no PSOL. Acredito eu que ele deva ter tido algum problema pessoal dentro do partido e ele saiu, (...) foi para um outro partido, o PPL³⁸, que eles estão tentando trazer para Ribeirão. (...) E ele fica no meu pé agora: - Não, porque você é engajada, porque você sabe disso, sabe daquilo, vem para cá!

Se a jovem não fez aposta de engajamento no PT, como o fez sua tia no passado, ela também não se alinha integralmente com as posições do tio e rechaça os chamados daquele parente (ex-PSOL) para acompanhá-lo na montagem de uma nova agremiação, posição que toma para delimitar fronteiras, fortalecer seus processos identitários, e construir de uma visão de mundo própria:

Eu digo: - ‘Olha tio, eu sinto muito, eu respeito o posicionamento, mas eu preciso que você respeite o meu posicionamento. (...) Vou te falar uma coisa: o PSOL eu conheci, (...) tem uma coisa certa, tem alguma coisa errada.... Olha tio, eu agradeço a sua preocupação, eu já estou em condições de saber, de tirar minhas próprias conclusões!’.

No caso de Ivan (PCB), os laços mantidos com avô - também assessor político e candidato a vereador, a socialização política que dele recebeu, tiveram efeitos em sua educação, mas não do ponto de vista ideológico. Ele fez questão de ressaltar o quanto valorizava as condutas e preocupações sociais que tinha o avô – um “bom exemplo de práticas políticas”, mas demarcou as fronteiras que os diferenciam do ponto de vista político:

Mais com a prática política, com a vivência que ele tinha. E, muitas vezes, eu me lembro da gente sentados na sala e escutando o rádio, para ver se tinha ganho a eleição ou não.... Então, se teve alguma influência da família foi dele... Mas não necessariamente com a ideologia que eu fui buscar.

Nos relatos sobre os percursos socializadores e sobre os valores éticos e políticos que os sujeitos da pesquisa vivenciam e obtiveram no interior do espaço da família, eles ressaltaram as “influências” recebidas de figuras adultas masculinas – o bisavô, o avô, o pai, o tio, mas eles não deixaram de também fazer referências, ainda que menos extensas, às figuras femininas do círculo familiar: uma tia, a mãe (BRENNER, 2011).

³⁸PPL – Partido Pátria Livre.

2.2.1.4 Trocas e transmissões políticas com a mãe: alteridade, cuidado e socialização de mão dupla

As alusões que fizeram sobre as interações e transmissões relativas à figura da mãe se voltaram mais para as trocas estabelecidas no presente. Neste caso, as menções apresentaram variações: a mãe é afirmada como “conservadora”, que “não exerceu influência” na formação de valores políticos e no engajamento partidário; ela é quem demonstra “resistência” e “preocupação” quanto à escolha que fizeram pelo engajamento militante, em um momento em que são visíveis na esfera pública condutas preconceituosas e discriminatórias em relação a integrantes de partidos políticos. Mas, alguns deles assinalaram que nas relações que travam com a mãe, a socialização política é uma via de mão dupla, pois se empenham em transmitir à mãe valores político-ideológicos e imagens positivas sobre a política, os partidos e o engajamento partidário.

Ana (PSOL), Jairo (PSOL) e Bruno (PT), por exemplo, fizeram poucas menções as interações e trocas com as suas respectivas mães, mas não deixaram de registrar que elas exerceram pouca influência, ou foram “conservadoras” ou, ainda, os deixaram livres para fazerem escolhas e atuar politicamente:

minha mãe não discute política, ela não se interessa, não discute, mas também não se intromete. Ela faz aquelas críticas do senso comum e tal, mas sempre deu muita liberdade nesse sentido (Bruno, 23 anos).

pensando numa esfera bem maior acho que não teve nenhuma [influência], minha mãe, não! (...). Minha mãe é meio despolitizada, mas é mais conservadora (Jairo, 21 anos).

Minha mãe não me influenciou muito nisso não, mas eu não consigo pensar nela como uma referência (Ana 26 anos).

Quanto às resistências, cuidados ou preocupações das mães em relação ao engajamento e a atuação política dos estudantes, temos os exemplos de um jovem do PCB e dois do PSOL.

minha mãe é um pouco mais resistente a essa ideia, ao próprio comunismo, ela conhece pouco e tal, do comunismo: o que ele é, da questão da luta de classes, a relação dos donos do meio de produção, da venda da força de trabalho, como se organiza a sociedade, os aparelhos repressores, coercitivos e tal. Aí, você vai e discuti com ela e ela já vem com o discurso da meritocracia, dizendo que se você trabalhar você vai ter... Mas eu acho que minha mãe é um pouco preguiçosa, de buscar essas coisas. Ela simplesmente quer sentar (...), ver a novela dela e trabalhar. Ela trabalha para caramba e tal, e ela ter trabalhado para caramba e ter conseguido algumas coisas justifica o discurso ‘se trabalhar você consegue’ (Bruno, 22 anos, PCB).

Jairo (PSOL) foi seguro em afirmar que não sofreu influências familiares na escolha pela militância, mas falou sobre as resistências iniciais da mãe, essa pertinácia foi se desfazendo com o tempo.

No começo teve bastante resistência, pelo fato de ser novo ainda, e ela acabou não aceitando muito no começo né? Não entendia porque eu militava (Jairo, 21 anos, PSOL).

No caso de Tainá (PSOL), as resistências maternas têm relações com o tempo, envolvendo o desfecho do engajamento de seu bisavô no PCB, e, no presente, pelo medo e a preocupação que externa de que a filha venha sofrer constrangimentos e mesmo violência física, em virtude do engajamento:

minha mãe também tem essa preocupação....Talvez, por ter carregado a angustia do meu “vô”. Então, ela não deixa eu sair com camisa do partido. (...) Ela entra em pânico, fala que eu vou apanhar na rua, para eu não vestir a camisa do partido (...) e tal... Mas, ao mesmo tempo, ela acha super legal eu estar engajada (Tainá, 26 anos PSOL).

Já o relato de Rita (24 anos) é exemplar no sentido de demonstrar que as relações, as trocas e as transmissões inter geracionais, no interior da família, pode se configurar como um caminho de mão dupla, em termos de socialização política:

a questão da minha mãe que foi muito interessante, porque, uma vez que a gente convive na mesma casa, conversa bastante, tem essa relação de mães e filha. (...) Nessas últimas eleições (...), eu conversei muito com minha mãe... Minha mãe (...) tem uma noção comum, como qualquer cidadão tem, mas nunca teve um aprofundamento, de certa maneira fui mostrando as verdadeiras intensões do partido, eu consegui até mudar o voto dela, e ela ficou tão triste porque a candidata não iria para o segundo turno. (...) Ela tinha muito receio de que eu me envolvesse com a essa questão, que eu sofreria algum tipo de retaliação por isso... (...) Ela ficou muito preocupada e eu falei assim: - ‘Calma mãe, é diferente agora, a gente vive numa democracia, eu sei dos meus direitos, eu sei o que eu posso o que eu não posso, o que eu devo o que eu não devo’. (...) No momento que a gente assistia os debates na televisão, e a candidata do PSOL falava, eu mostrava: - ‘Está vendo mãe, a linha é essa, ninguém quer brigar, ninguém quer bater de frente, a gente está na luta de conquista de direitos’.

As narrativas desses jovens demonstram que os percursos socializadores que os jovens deste estudo viveram no interior do círculo familiar próximo ou ampliado não ofereceram

igualmente a todos os valores éticos, morais e políticos que pudessem internalizar e criar disposições que os conduzissem ao engajamento militante partidário na fase juvenil.

Os discursos dos jovens nos mostraram que em alguns casos, os processos socializadores vividos na família tiveram pouco efeito ou implicação alguma em suas escolhas políticas e no engajamento, em outros casos, aqueles processos foram significativos no sentido de oferecerem modelos de condutas, valores, crenças, visões de mundo, que eles internalizaram e tomaram como referências para a atuação e o engajamento político, ou ainda, que eles recusaram e não incorporaram.

A partir de suas falas, também se pode constatar que no interior do círculo familiar o processo socializador politicamente orientado varia tendo em vista o sexo e o papel social do membro adulto da família com os quais eles estabelecem laços, desta maneira, pode-se verificar que eles conferem um peso diferencial às figuras masculinas e femininas adultas do meio familiar em seus processos de socialização política.

Em alguns casos o conteúdo da herança recebida do bisavô, do avô, do pai, do tio é algo que internalizam, incorporam ou rejeitam; no caso das trocas e transmissões com as figuras femininas – a mãe, as tias, há nuances a serem consideradas. Nas falas dos estudantes, mães e tias não são somente figuras “conservadoras”, “despolitizadas”, “engajadas convictas” ou aprendizes da política pelas lentes do “senso comum”, elas são também atores que expressam resistências, ainda que temporárias, à participação e ao engajamento militante de filhos e filhas, menos porque julgam que eles sejam incapazes de agir e escolher politicamente, mas porque para algumas delas a política, o mundo da política institucional, os partidos, e a atuação política na esfera pública configura-se como um universo hostil, que mete “medo”, que demanda vigilância, pois marcado pela violência física e simbólica, não só em relação às mulheres, mas também em relação aos velhos (o bisavô) e aos jovens, esses são “novos, ainda”. Porém, essas posições das figuras maternas não impediram que seus filhos e filhas, sujeitos deste estudo, continuassem a agir e a investir na aposta pelo engajamento.

Alguns jovens demarcaram uma oposição às posturas e valores políticos de determinadas figuras femininas da família – mães e tias, outros esclareceram que nas relações com elas, quando as questões envolvem valores, a política e o engajamento partidário, não só o novo se socializa e se educa com o adulto, a reciprocidade se faz presente: a mãe também se socializa e se educa politicamente com o filho ou a filha. Situações que permitem a reafirmação de que os processos socializadores na atualidade não ocorrem apenas numa perspectiva linear, de cima para baixo, mas envolve outros vetores e sentidos, eles são, de

fato, complexos e dinâmicos, tensos, contraditórios (SETTON, 2002), mas podem ser também recíprocos e solidários.

Os relatos que todos eles nos concederam também demonstram o esforço que realizam para filtrarem e selecionarem elementos, práticas e valores herdados de forma a construírem uma visão de mundo e adotarem a posição político-ideológica que julgam como sendo próprios, um forte indício de que como dão se movem na produção da identidade pessoal e social e na busca pela autonomia (MELUCCI, 2004; SINGLY, 2005).

No capítulo seguinte, o esforço será o de descrever e analisar as interações sociais e os processos socializadores que jovens vivenciaram na escola de ensino médio, no meio universitário e no espaço digital da internet que, associados ou entrando em tensão ou contradição com a herança dos processos de socialização familiar, favoreceram ou os induziram ao engajamento partidário.

CAPITULO 3 – JOVENS UNIVERSITÁRIOS: ENGAJAMENTOS EM PARTIDO POLÍTICO E OUTRAS DIMENSÕES DA VIDA JUVENIL

Em entrevista concedida à Tomizaki (2009), Bernard Pudal (2009) defendeu a ideia de que o “militantismo” trata de processo em que ocorre o cruzamento e a combinação de múltiplas e diferentes histórias, das “origens sociais e das socializações específicas” dos sujeitos, até a história do “sistema escolar e de seu lugar na sociedade”, passando pelos “recursos físicos, intelectuais e psicológicos” dos indivíduos, podendo ainda relacionar-se com a “história dos riscos e das etapas de uma carreira militante” (PUDAL, 2009, p. 133).

Os resultados do estudo desenvolvido por Brenner (2011), em que dialogou com vinte e um (21) jovens universitários engajados em partidos, assim como os frutos que se chegou com a pesquisa que desenvolvi, confirmam as ideias de Pudal (2009), sobre as múltiplas e combinadas histórias que podem vir a sustentar o ato de engajar-se ou militar dos indivíduos, em distintas formações associativas, inclusive a partidária. Como notou em seu texto Brenner (Id.)

se a porta de entrada para o engajamento partidário para quase totalidade dos jovens entrevistados foi o movimento estudantil, o modo e o momento de inserção no partido político deram-se por processos peculiares a cada jovem. O aprofundamento da militância e os tipos de espaços partidários onde os jovens se engajam – grupos temáticos, espaços de decisão do partido, cargos executivos e legislativos locais – dependem das experiências vividas anteriormente, dos gostos, dos militantes, bem como da existência de espaços de um ou outro tipo para seu engajamento. (BRENNER, 2011, p. 47)

Em nosso caso, as narrativas que formularam os seis (06) universitários permitem perceber que eles trilharam percursos de socialização secundária e política relativamente diferentes dos constatados por Brenner (Id.) na grande maioria dos jovens por ela entrevistado, pois os jovens uspianos destacaram a importância que tiveram em suas decisões determinados conteúdos dos percursos socializadores vividos no círculo familiar, mas também indicaram os efeitos que tiveram sobre a aposta de se engajarem as interações sociais e os processos de socialização que vivenciaram no interior de “correntes de sociabilidade” dos “grupos de ensino”³⁹ e de pares de escola pública de educação média (CÂNDIDO, 1964); as

³⁹Para Cândido (1964), no interior da escola, esses “grupos”, em que as “as aulas constituem a sua finalidade principal”, (...) “são talvez a espinha dorsal da sua organização e o ponto de encontro mais característico entre a sociabilidade do imaturo e a ordenação racional do Legislador. Professores e alunos, em salas de aula, ou de estudo, constituem o agrupamento por excelência em que se veem refletir todos os demais. Com efeito, as

relações de amizades, as movimentações e coletivos estudantis atuantes no ambiente universitário, as interações com professores em sala de aula, a ocorrência de uma greve, iniciativa a favor do Direitos Humanos etc. Para alguns, ainda foram decisivas experiências vivenciadas no meio sindical de associação docente, em coletivos feministas, ou interações estabelecidas no espaço da Internet.

3.1 “Grupo ensino” e “correntes de sociabilidade” de escola pública de ensino médio

A par do afirmado anteriormente, não há um modelo único de família ou de escola ou das mídias, estas instituições ou círculos sociais, têm origens, intencionalidades, valores, normas, códigos de condutas diferentes entre si, por tais razões, “são responsáveis pela produção e difusão de patrimônios culturais diferenciados entre si” (...) e experiências específicas de socialização (SETTON, 2002, p. 109).

A escola, por exemplo, ou a “matriz escolar” deve assegurar aos se encontram submetidos ao seu trabalho “esquemas de pensamento singulares” e uma “disposição geral geradora de esquemas particulares”, suscetíveis de serem empregados em variados “campos diferentes do pensamento e da ação” (SETTON, 2010, p. 19).

A compreensão da escola e de sua específica ação socializadora no trabalho de reprodução social e cultural, não esgota as possibilidades de compreensão daquela instituição na formação dos indivíduos, pois, como afirma Cândido (1964) aquele mundo é também lugar de produção de interações sociais gestadas a partir de “sua própria dinâmica” interna (Ibid.), ou seja, as sociabilidades e os processos socializadores não decorrem somente do encontro entre as gerações, também podem derivar das interações e relações estabelecidas exclusivamente pelos mais novos no interior do “grupo” escolar mais amplo (CÂNDIDO, 1964).

As interações tecidas por crianças, adolescentes e jovens no círculo da escola não estão todas previstas em estatutos e regimentos, também não estão todas enlaçadas às ações dos adultos – representantes dos “padrões cristalizados da sociedade” (Ibid.): os integrantes das novas gerações, a despeito do olhar vigilante e da tentativa de tutela dos adultos, interagem entre si e podem formar agrupamentos ou grupos concretos, tendo por base a idade, o sexo, a posição social, o prestígio, os interesses comuns etc. (CÂNDIDO, 1964).

Desta maneira, no interior de cada escola é possível constatar que determinados valores - éticos, morais e políticos transversalizam as relações e transmissões que ocorrem

relações determinadas pelo sexo, a idade, os status, os vários interesses, influem e são poderosamente influenciados pelas que se tecem nos grupos de ensino, onde nascem e se desenvolvem quase todas as que têm lugar entre professor e aluno” (CÂNDIDO, 1964).

entre as gerações, e fecundam também as “correntes de sociabilidades” trançadas exclusivamente por integrantes das novas gerações.

Como constatou Brenner (2014), os jovens engajados ao transitarem por múltiplos e diferentes espaços, que implicam interações e o estabelecimento de laços com novos indivíduos, agrupamentos, coletivos mais estruturados, implicando novas possibilidades de socialização, com a consequente internalização de outras normas, regras e outros valores que podem atualizar e mesmo tencionar àqueles que foram interiorizados na socialização familiar. Dessa maneira, nas novas experiências, eles buscam

consensos que, muitas vezes, exigem a flexibilização de posições e o debate de ideias são experiências que produzem reflexões sobre os valores e comportamentos dos próprios militantes. Há sempre um grupo menor com o qual se milita cotidianamente e outros subgrupos de militantes com os quais se convive de maneira mais esporádica. Esses grupos são formados por pessoas de diversas origens sociais, em diferentes momentos da formação universitária, de diferentes idades – mesmo considerando a militância entre jovens –, a variação de idade é significativa, em relação às experiências e momentos da vida acadêmica, pessoal e profissional (Ibid., p. 81)

As considerações acima são importantes porque elas nos permitiram apreender como alguns dos jovens deste estudo chegaram ao engajamento partidário em virtude não apenas do modo de socialização escolar específico, mas também em virtude de interações e relações travadas com determinados professores, mas também com os iguais – integrantes ou não de coletivos ou movimentos.

3.2 “Correntes de sociabilidades” do ensino médio e engajamento partidário

Jairo (21 anos, PSOL), por exemplo, deixou claro que seu engajamento decorreu de interações e processos socializadores vividos no interior de escola pública de ensino médio, envolvendo docentes e alguns de seus pares. Disse-nos, a influência

surgiu na escola, no segundo ano [do ensino médio]. Um dos professores apresentou para gente, (...) assim, toda a ideologia de esquerda e, a partir daí, eu tive contato com várias pessoas diferentes, com reuniões, locais que ele frequentava. (...) A influência de eu me aproximar do partido veio dos professores. (...). Foi muito importante a influência deles nessa minha decisão.

E quanto aos pares da mesma escola, ele registrou influências recíprocas: “eu acabei influenciando meus amigos, é lógico que eles me influenciaram; (...) alguns amigos meus que estavam próximos, (...) também participaram, (...) começaram a militar junto comigo, nessa mesma época ...”. Essas experiências levaram de Jairo (PSOL) a se integrar em uma das correntes de debates e atuações do PSOL – o MES – Movimento de Esquerda Socialista, e também o levou a agir no interior da escola, articulando o grêmio estudantil e organizando uma biblioteca:

Eu conheci pessoas assim... foi uma descoberta enorme, conheci pessoas de várias correntes, conheci a APS⁴⁰, o MES, que é a corrente que eu faço parte. (...) A gente acabou começando o JUNTOS⁴¹ aqui e montou o Grêmio lá na escola. Fizemos eleição (...) no Grêmio, e nossa chapa ganhou. A gente tentou desenvolver algumas coisas, apresentamos alguns projetos, (...) tipo organizar a biblioteca. A gente tinha uma biblioteca lá, só que (...) era num espaço lá, era uma sala atrás a uma quadra de esportes, era um lugar que não tinha acesso. A gente foi atrás disso, atrás de colocar som no horário de intervalo.

Após o ingresso de Jairo no PSOL, ele acessou a universidade e, segundo narrou, tentou conciliar, não sem dificuldades, os tempos do trabalho, do estudo e da militância; mas, é no final de semana que exerce o que chamou de “militância orgânica”:

acaba sendo um pouco complicado conciliar tudo, né? Eu trabalho de manhã, faço a faculdade a noite, milito nos lugares que eu estou, no trabalho e na faculdade. Mas, normalmente, a militância orgânica mesmo, eu faço no final de semana, o quando sobra tempo nesses horários. Eu tento conciliar sempre, sabe? Encaixar a militância dentro do trabalho, da universidade, do estudo.

Mas Jairo discorreu sobre o “princípio de realidade” (BOURDIEU, 1998, p, 231) que teve enfrentar quando da transição da escola pública estadual para o meio universitário “uspiano”, falou do sentimento de estranhamento diante do novo território, de eventuais frustrações com os pares e dos embaraços para militar no interior de um novo contexto de sociabilidades:

eu militava muito na escola e no JUNTOS, quando eu cheguei aqui, eu me senti incomodado, eu não conseguia militar aqui direito, entende? Porque, assim, foi um choque, uma outra realidade. As pessoas aqui não tinham nada

⁴⁰Trata-se de uma das tendências internas do PSOL: APS – Ação Popular Socialista.

a ver comigo, acabei por muito tempo, primeiro ano inteiro não militando; assim, militando muito pouco, acompanhando uma eleição ou outra de congresso, mas eu senti um choque, um choque, pela diferença de realidades que tinha.

3.3 O espaço da universidade: estranhamento, “princípio de realidade”, “ir atrás das coisas” e engajamentos

De modo diferente do ocorrido com Jairo (PSOL), em relação às suas experiências de inserção e vivência, inclusive de militância, no meio universitário “uspiano”, as entrevistas concedidas por Ivan (PCB), Tainá (PSOL) e Ana (PSOL) permitem perceber as maneiras como cada um desses três jovens, de maneira singular, se beneficiaram das interações e relações da universidade para se envolverem com práticas de participação política e se aproximarem de agremiações partidárias.

Para Ivan, sua aproximação com partidos políticos teve relações com atividades realizadas em sala de aula, ligadas à apropriação do saber científico e suas incursões no espaço digital da Internet. Segundo nos contou, a partir de efeitos positivos e inquietantes que lhe provocaram as leituras que fez de textos de Karl Marx, em atividades da disciplina de Sociologia, no curso de Pedagogia: “no final de 2011, eu comecei a ter contato com alguns textos de [Karl] Marx, e quando eu li aquilo eu disse: - ‘Nossa, é isso que eu pensava, esse cara é visionário eu preciso ir atrás dessas coisas’”.

A decisão de “ir atrás dessas coisas” foi concretizada mediante o uso e circulação no ambiente digital da Internet, de modo a identificar associações partidárias que explicitassem laços político-ideológicos com o que chamou de “vertente marxista” de concepção de mundo. Em suas buscas, lembra que encontrou uma dupla possibilidade: o “PCB, e, por coincidência, (...) um Professor [da USP] que era militante. Eu mandei mensagem lá para o pessoal de São Paulo, e depois o professor entrou em contato comigo”.

Feito o contato inicial com o docente indicado pelo PCB, o jovem foi paulatinamente se integrando àquela associação, em Ribeirão Preto, participando de reuniões e assumindo atividades de rotinas da mesma: “como secretário organizacional do Partido, escrevendo as atas e preparando as pautas”.

Com história de interações e socializações distintas das vividas por Jairo (PSOL), Ivan vive experiências e estratégias partidárias distintas: dada a realidade da atuação do PCB em

Ribeirão Preto, aquele jovem, em conjunto com representantes adultos do Partido, assumem o trabalho de base junto ao que ele denominou de “juventude trabalhadora”:

como em Ribeirão Preto a quantidade de militantes é reduzida, a gente optou por não dividir a nossa base do PCB e a UJC -União da Juventude Comunista. Então, os jovens de Ribeirão eles já militam diretamente na base, eles não se organizam em outro espaço, porque a gente pensa que a base, (...) a juventude também é trabalhadora. Ao invés da gente dividir o adulto e o jovem trabalhador, agente já insere o jovem nessa luta do trabalhador.

As “correntes de sociabilidade” do contexto uspiano, mais do que as relações de ensino-aprendizagem em sala de aula, também contribuíram para que Tainá (PSOL) também fizesse sua aposta de engajamento em um partido.

Relatou a jovem que antes de seu ingresso na USP, realizava uma “militância independente”, “sozinha”, usando o território da Internet e as interações que nele estabeleceu para atuar na esfera pública:

antes de eu entrar aqui, eu militava independente e sozinha. Então, eu colava, via alguma coisa no Facebook, colava na Esplanada, colava na Câmara, juntava uns loucos lá e falavam: - ‘Tainá, vamos fazer uma marcha?’ Eu falava: - ‘Vamos, mas, e os meus amigos eram outros, pessoas que não tinha nada a ver com militância mesmo.

Após o ingresso na universidade, as interações e experiências que encontrou naquele ambiente lhes trouxeram um novo cenário de amizades e de possibilidades de formação de atuação militante:

acho que depois que eu vim, que comecei o curso na USP, pelas vivências que a universidade oferece, (...) eu acabei conhecendo muita gente. (...). Então aqui a gente, acho que mais importante do que a aula, do que a sala de aula, (...) espaços que são criados pelos jovens autônomos. Então: ‘Ah, vamos discutir tal coisa - ainda mais por se tratar de uma Universidade Estadual e esse monte de problemas que sempre tem com relação a financiamento, as bolsas e as brigas... E aí começam a surgir convites (...) eventos, assembleia para isso, discussão disso, ato em frente não sei o que.... Eu comecei a participar mais das coisas aqui dentro, esses momentos, esses encontros, foram muito importantes, (...) mesmo para a formação. (...). Nesses espaços, você encontra pessoas partidárias, filiados (...). Daí você acaba conhecendo um pouco mais desse embate de partidos e se afeiçoando com o partido.

Neste caso, teve importância a atuação política, fora da sala de aula, de determinados professores do curso superior frequentado por Tainá (PSOL), e ainda o clima político de uma das “greves” de servidores na Instituição – de funcionários e docentes:

mesmo professores que, muitas vezes, convidam para fazer um debate na cantina. Ou na greve, acho que a greve (...) foi muito marcante neste sentido, mesmo. O Professor “X” contabilizou sessenta e poucas atividades, nos quatro meses de greve aqui. (...) Alunos, (...) funcionários e (...) professores puxando.... Então, esses espaços reuniram muito estudante.... Eu comecei a participar mais das coisas aqui dentro. (...). Na realidade, material da faculdade, não da sala de aula, mas da faculdade enquanto corpo orgânico. (...) A dinâmica da faculdade chama a gente para se posicionar de alguma forma, (...) assumir um posicionamento, (...) se posicionar, (...) muda tudo, entendeu? (...) isso é uma coisa que move mesmo, e o partido entra aí!

Ana (PSOL), admitiu, logo de início, seu envolvimento com coletivos do movimento estudantil, com o Diretório Central dos Estudantes e explicitou que no contexto de sua Faculdade se empenhou pessoalmente para fundar uma Liga dos Direitos Humanos e Saúde, ação que estava distanciada da militância partidária:

Eu fundei aqui, ainda quando eu estava na graduação, a Liga de Direitos Humanos e Saúde, nada a ver com partidos; [o] objetivo era que nós conseguíssemos trazer as questões de direitos para dentro dos cursos de saúde. (...)

Essa estudante revelou viver um múltiplos engajamento: no movimento estudantil de perfil tradicional, na Liga de Direitos Humanos e no PSOL, quanto à decisão de se engajar em partido, na fase da juventude, seus argumentos evidenciam o esforço de produção identitária, de busca de autonomia, e do estabelecimento de pertencimento em ações coletivas, que adotem os sentidos da mudança e da justiça social:

Não consigo falar de Ana, sem falar em luta, em necessidade de mudança. (...) tenho essa necessidade de fazer alguma coisa, de deixar alguma coisa aqui, eu não consigo enxergar a sociedade da maneira como ela vem se firmado.

Desta maneira, seu engajamento envolve a atuação nos seguintes espaços do Partido:

eu participo [do] MES [Movimento da Esquerda Socialista]. (...). Eu tenho levado para o setorial feminino que é o JUNTAS⁴², tem esse setorial

⁴²Versão do movimento JUNTOS para debater e encaminhar iniciativas e ações relativas às questões da mulher, do feminino e do feminismo.

também. Faço parte do [coletivo] LGBT também, mas como eu não sou LGBT em si, dou uma força estruturalmente.

A partir das narrativas desses três jovens estudantes, pode-se defender a ideia de que o engajamento deles em partido político é muito mais devedor às interações sociais – “correntes de sociabilidades” experimentadas no meio universitário, pois através delas eles atualizam e reforçam determinados valores que incorporam antes do ingresso no curso superior. Se Jairo (PSOL) experimentou frustração para militar no contexto universitário que se inseriu, o mesmo não se pode dizer de Ivan (PCB) e das duas jovens do PSOL – Tainá e Ana. Para esses três estudantes, a inserção e as interações travadas no ambiente universitário reformaram a disposição ao engajamento.

3.4 Ação sindical, círculo de amigos e lutas feministas: induções ao engajamento

Ainda que a imersão na vida universitária, as relações com o saber, as sociabilidades gestadas em torno do agir político estudantil marquem as experiências dos seis universitários entrevistados, as suas narrativas permitiram também entender que os percursos de engajamento em partidos políticos nos casos de Bruno (PT) e Tainá (PSOL), contêm peculiaridades, quando comparados com os percursos de Ivan (PCB) e os jovens envolvidos com o PSOL - Tainá, Ana e Jairo.

Bruno (PT) foi categórico ao afirmar que, no seu caso, a “militância sindical”, tem peso maior para seu engajamento partidário do que o movimento estudantil do contexto uspiano ou geral:

Ele não tem peso em minha militância. Apesar de fazer parte do CEPED, que é o Centro Estudantil de Pedagogia, eu acho que a militância no sindicato é muito maior, pelo menos até o momento; (...) junto a APEOESP, o sindicato que faço parte.

Sobre a importância da ação sindical como corrente indutora ao engajamento em partido, e o engajamento como busca de autonomia e construção de uma visão de mundo e um modo de atuar politicamente como jovem contou-nos o estudante:

Eu me filiei no PT já num momento muito difícil do partido; o partido já não oferece uma grande atração, sobretudo à juventude. Mas eu entrei no PT pela via sindical, eu me aproximei dos militantes da articulação sindical dentro da APEOESP, sempre havia votado no PT, nunca fui tocado por essa narrativa da mídia da corrupção, dos grandes escândalos, eu vi que dentro da APEOESP, apesar de todas as críticas que são feitas, a articulação sindical é

a corrente que toca de maneira mais coerente o sindicato, fui me aproximando e conseqüentemente fui para o PT.

Ainda que admita que a formação que encontra no PT seja “mais prática, [pois] não estou em nenhuma instância”, em sua narrativa ele combina a ação sindical e o partido como sendo os principais agentes socializadores de sua educação política atual:

Junto à APEOESP, o sindicato que faço parte, o PT tem sido uma grande escola, em termos de formação, de discussão, de participar de instâncias, de congressos, de atividades, acho que isso tem um caráter formativo, acho que essa uma das principais contribuições.

Rita (PSOL), por sua vez, creditou menos as interações da vida universitária e do movimento estudantil e mais às relações de amizade, de amigos já engajados no Partido, seu engajamento partidário:

eu conheci o PSOL de verdade, a partir desses meus amigos que já militavam a algum tempo. (...) antigamente, o único contato que eu tive com o PSOL (...) foi através de notícias da internet ou alguma propaganda partidária na televisão. (...), mas eu diria que [esses] amigos que já militavam a mais tempo, e que eram grandes amigos, conversando sobre, me explicando, me contando, não digo que foi exclusivamente por eles que eu acabei entrando no PSOL.

Contudo, essa jovem também foi enfática ao indicar que seu engajamento tem vínculos explícitos com uma outra militância: a experimentada no movimento feminista e na defesa de questões e temas do feminismo, na arena pública da cidade de Ribeirão Preto:

Eu me sinto muito abraçada nas minhas causas sociais, o feminismo. Eu milito pelo movimento feminista, principalmente pelo movimento feminista. (...). Porque eu sou feminista; eu faço parte do coletivo feminista da USP de Ribeirão Preto e da cidade de Ribeirão Preto.

A partir de tal plataforma e por entender que o PSOL atua de maneira mais consequente em torno de questões pertinentes à mulher e ao feminismo, ela reafirmou suas convicções, sua aposta e o jogo indenitário em que estava envolvida:

Eu tenho visto esse engajamento pelo PSOL, pela mulher e pelo feminismo, e eu tenho achado fantástico isso, porque tem sido praticamente o primeiro partido que bota a cara a tapa nesta questão da mulher; porque a questão do machismo na sociedade brasileira é gigantesca, principalmente na política que sempre foi um território masculino.

3.5 Engajamento e outras dimensões da vida juvenil: lazer, namoro e amizades

Na vivência da juventude, considera-se que os jovens transitam por inúmeras esferas de sociabilidade e socialização, estabelecendo múltiplos pertencimentos e tornando mais complexos seus processos indenitários, de conquista de independência e autonomia. Assim, uma possibilidade de adensar a investigação sobre a fase juvenil do curso da vida, e como os jovens transitam entre a heteronomia e a autonomia, tecem processos indenitários e tornam-se indivíduos, em meios as diferenças e desigualdades inerentes à sociedade brasileira, seria aquela que leva em conta outros “tempos e espaços da vida” dos sujeitos juvenis, pois

a segmentação excessiva do objeto de pesquisa pode empobrecer a reflexão sobre os jovens, uma vez que dimensões essenciais que recobrem a vida desses segmentos situam-se na intersecção de agenciamentos diversificados: família, escola, amizades, trabalho, vida no bairro, lazer, entre outros (SPOSITO, 2010, p. 93 100).

A partir da perspectiva proposta por Sposito (2010), indagou-se aos colaboradores da pesquisa como se relacionavam as experiências do engajamento partidário com outras dimensões da vida, como, por exemplo, o lazer, as relações de namoro, de amizade e de consumo cultural.

No caso das atividades de lazer e no plano das relações de namoro as três jovens do PSOL – Tainá, Rita e Ana, deixaram claro como engajamento partidário acaba por obscurecer e ou deixar no vazio aquelas dimensões da vida pessoal.

Tainá declarou que tem preferido frequentar as reuniões da militância a sair para “balada”, pois acha difícil conciliar as atividades políticas com vida privada e as práticas de lazer:

Ah, não concilia né? Militante vive militando, e eu tenho um problema, mas isso é meu, não consigo falar não, alguém fala: ‘Tainá me ajuda! ajudo. Tainá, vamos? Vamos... entendeu? Então, eu acabo atropelando toda a minha vida, abafando minha vida particular mesmo, e se eu tiver a opção: - ‘Ah, vamos pegar uma balada ou ah, vamos fazer uma reunião para conversar sobre a conjuntura política’: eu vou na reunião. Não vou para balada, mas é uma escolha que eu faço.

Mas, se seus interesses giram em torno da atividade partidária, ela relativizou, e ponderou que às vezes precisa se desligar para conseguir descansar, seja com os amigos do contexto da militância, seja com os amigos que ficaram na sua cidade de origem:

Assim, como eu não sou uma pessoa que sai muito, que não vai para festas, não vou não sei o que... quando eu vou tomar uma cerveja com os amigos, são mais os amigos da militância, ou assim, com os amigos da minha cidade. Mas daí eu vou muito menos para lá fazer coisas, ter o meu lazer com eles, muito pouco, diminui muito isso.

No caso dessa jovem, também as relações afetivas foram subordinadas às atividades da militância: “total, eu não dei conta de (...) namorar, larguei o namoro, porque não dava tempo, não dava tempo e também não tinha vontade, sabe quando fica pequeno, assim...”.

Entretanto, em análise mais detida, considerou que começa a se sentir saturada, cansada e que encontra dificuldades em conciliar o que chamou de “papéis sociais” – a filha, a neta, a estudante, a amiga e a militante:

Eu não quero ser a Tainá militante por três dias, tenho que fugir, porque eu não estou conseguindo mais fugir disso, sabe? É muito difícil você separar seus papéis sociais mesmo; a gente tem vários, só que a gente sempre acaba atuando mais em um, e é muito difícil você sair daquele e lembra: ‘nossa, eu sou a filha, eu sou a neta, eu sou a amiga, eu sou outra coisa, eu estou vivendo um momento difícil esse ano, de ser muito a militante, a militante, a militante e estou ficando cansada! Não que eu vá desistir, mas eu preciso dar uma equilibrada, pegar menos militância e lembrar que eu tenho uma vida (...) sinto essa dificuldade de conciliar mesmo, vida particular com a vida de militante.

Rita (PSOL), que tenta combinar os tempos e ritmos da militância partidária, do envolvimento com os coletivos feministas e a realização de um curso de mestrado, também nos disse que não sobra tempo para o lazer:

Não, não, não está sobrando tempo para isso [o lazer] (...). Os últimos momentos de descontração, não sei nem se eu posso chamar de lazer. Às vezes vou jantar na casa do meu pai, ou dos meus tios, comer alguma coisa, mas assim é tudo muito rápido, eu tenho que ir embora para casa estudar, eu preciso dormir, alguma coisa assim. Nem sair tanto com os meus amigos, eu estou saindo. (...) então parei para pensar, preciso dividir meu tempo, né? E aí no primeiro semestre desse ano eu consegui conciliar, muito bacana. Eu até consegui fazer uma viagem com a JSOL, que é a juventude do PSOL, nós fomos para o Rio de Janeiro, na Bienal, nós encontramos assim pessoas de todos os partidos, da juventude de todos os partidos praticamente, foi um momento muito épico da minha militância (RITA, 24 anos, PSOL).

Ana trata a militância como prioridade e reconhece que o lazer ocupa posição residual em seu cotidiano ou nas experiências que marcam sua juventude:

Eu deixo muitas vezes meus momentos de lazer para militar. (...) não diria que é lazer, eu diria que é uma realização pessoal, com certeza,, mas lazer não é, porque é desgastante também... (...) Para mim isso é constante, para

mim, muito do que faço é em torno da militância. Muitas vezes eu não deixo de militar para fazer alguma coisa, mas eu deixo de fazer alguma coisa para militar (ANA, 26 anos, PSOL).

Os modos como essas jovens relacionam a militância e as vivências de lazer são também percebidos nas narrativas de dois rapazes – Jairo (PSOL) e Ivan (PCB). Segundo Jairo,

acho que em algumas reuniões a gente acaba que saindo com os amigos da própria militância; é meio que inevitável não fazer isso porque a gente acaba que não tem tempo para fazer as coisas, o lazer. Acho que sim, a gente faz sim, divido com as pessoas da militância [os] momentos de lazer.

Quanto as relações de namoro, Jairo (PSOL) registrou que quando elas ocorreram, foram rápidas, do tipo “ficar”, e invariavelmente elas têm derivado do círculo de interações tecidas no âmbito da dinâmica social da associação partidária:

eu sou solteiro e me relaciono com algumas pessoas do partido, são relações assim muito rápidas, são poucos namoros, na verdade nenhum namoro eu acho, são relações muito, na verdade são ficadas, eu fico com algumas pessoas do partido, algumas garotas e é isso.

Já para Ivan (PCB), lazer e trabalho se misturam: “no meu trabalho, eu mexo um pouco com lazer, eu trabalho com teatro. E quanto a conciliar a experiência de namoro com a militância, ele explicou as dificuldades que se deparou para estabelecer um equilíbrio entre as estas duas dimensões, sem, contudo, atingir tal intenção:

muitas vezes, as brigas que eu tive com a minha namorada, foi porque eu estava militando. (...) ela não partilhava. Muitas vezes ela falava: - ‘Isso não vai dar em nada, fica aqui não vai lá não, você vai perder tempo’.

O estudante explicou que convidou e levou a namorada para participar das atividades partidárias, mas reconheceu que em determinado momento, seu foco estava voltado à atuação política, e como não conseguiu conciliar as duas dimensões, optou pela militância:

a gente até convidou ela; chegou a animar assim, mas não quis se envolver, não quis desbitolar a cabeça.. Porque a gente vai lá e começa a ver determinadas coisas, vou confessar, tinha hora que eu estava bitolado naquilo e tal, e parece que começou a ser chato para ela: - ‘Só sabe falar disso, não consegue aproveitar o momento comigo, vamos separar as coisas’. Aos poucos eu fui conseguindo separar as coisas, mas depois acabou não dando certo. E eu ficava pensando também: - ‘Vou deixar de militar por causa da minha namorada, e se a gente terminar? Não vou ter a militância e nem ela.

Nesse conjunto, Bruno (PT) mostrou uma exceção, pois foi incisivo em afirmar que estar engajado não interfere e nem se sobrepõe as suas outras necessidades, e opondo-se categoricamente a prática de “militar vinte e quatro horas por dia”, e narrou como faz para harmonizar a agenda de militante com suas necessidades de lazer e de consumo cultural:

Ah, eu gosto de visitar meus amigos, sair com os meus amigos, ouvir música. (...) Gosto de ver um show, tomar uma cerveja com os meus amigos. (...). Estava lembrando se a militância sobrepõe o meu lazer. De maneira nenhuma, de modo algum. Eu levo a militância de um jeito muito tranquilo; acho que a política é constitutiva do ser social, ele é uma dimensão da nossa vida como outra qualquer. (...). Em nenhum momento, eu deixo de sair de me divertir de ter uma vida normal para ir vender jornalzinho. (...) A política é uma das dimensões da vida, né? Ela não é cem por cento da sua vida, não pode ser tragado por isso, se não vira uma religião, né?

Os resultados desta pesquisa indicam que para os jovens entrevistados o “tornar-se militante partidário” é condicionado por interações e percursos socializadores primários e secundários (BERGER & LUCKMANN, 1973), mas também é produto de um esforço individual para o conhecimento de si e conquista de uma autonomia cada vez mais ampliada. Entretanto, para quase todos os jovens universitários que dialoguei, o engajamento partidário acaba por empobrecer outras possibilidades de interações e socialização como as que poderiam ser vividas nos círculos ou redes sociais de lazer e das experiências de namoro, por exemplo. Nestes casos, excetuando-se Bruno (PT), suas narrativas evidenciam que as práticas de lazer e determinadas relações que implicam a afetividade são reduzidas ou mesmo subordinadas aos requerimentos e lógicas impostos pela militância partidária.

Porém, se as práticas de lazer dos jovens são restringidas aos círculos da militância partidárias, as narrativas deles também trouxeram outros elementos para compreender como eles associam a militância às relações de amizade.

3.6 A construção e a manutenção dos círculos de amizade a partir da militância

Na vivência da juventude dos universitários seus processos de socialização secundária são múltiplos, sobrepostos e se manifestam por dinâmicas aceleradas e inéditas, correspondentes aos tempos que ocorrem. Círculos de socialização como a família, a escola, o trabalho, a universidade e os grupos de amizades convivem com agências socializadoras virtuais e em tempo real, as novas tecnologias das informações comunicação, que conformam

uma complexa “galáxia” (MARTUCCELLI, 2012), mesclando o físico e o digital, o local e o universal.

Se em épocas anteriores, era possível identificar com maior clareza os locais de trânsito e interação da juventude, e por consequência como viviam determinadas dimensões de sua vida pessoal, o surgimento e estabelecimento da Internet como um quarto bloco estrutural da esfera pública (MARTUCCELLI, 2012), tornou a intimidade dos jovens ainda menos preservada e mais transparente. Embora pesquisas contemporâneas explorem os comportamentos da juventude e suas formas de relacionar-se na esfera virtual, reconhece-se que a realidade não oferece de forma evidente os novos círculos de relacionamentos e socialização que eles experimentam no território digital, propondo assim novos desafios para as pesquisas sobre as interações sociais e a socialização de jovens.

A interatividade proporcionada pela mediação da Internet e suas consequências na criação de novas comunidades, vem sendo academicamente discutida na atualidade, segundo Castells (2010):

(...) a internet favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com as sociedades e, por fim, com o mundo “real”? (CASTELLS, 2010, p.442).

Ainda não está claro, porém, o grau de sociabilidade que ocorre nestas redes eletrônicas, e quais são as consequências culturais dessa nova forma de sociabilidades, apesar do empenho de um grupo cada vez maior de pesquisadores. (CASTELLS, 2010, p.443).

Ainda que a Internet não tenha substituído de forma integral ou não produza os mesmos efeitos a em termos de processos de socialização dos jovens contemporâneos, ressalta-se sua relevância na vida pessoal, uma vez que ela transcende os limites dos relacionamentos presenciais. Devemos ponderar que os mecanismos de comunicação disponíveis com a Internet permitiram aos jovens conectarem-se a outros sujeitos pertencentes ou não de uma mesma locação física.

Considerando estes novos contextos e analisando as narrativas colhidas no campo, percebe-se que a militância proporciona novas oportunidades de relacionamentos, embutidos de convergência de valores, contribuindo à construção de novas amizades.

Um dos objetivos das entrevistas foi identificar a relação existente entre os vínculos de amizade e a prática militante dos jovens. Nesse aspecto, percebeu-se que em todos os casos, novas amizades surgiram a partir do engajamento partidário, consequentes do ingresso de

cada um dos atores em novos espaços socializadores. Já a respeito das amizades anteriores a opção militante, a pesquisa inqueriu sobre possíveis desconstrução de vínculos devido à incompatibilidade de valores. Sobre tais questões, Brenner (2011) considerou que

Não são apenas as relações familiares que se alteram, também as amizades são afetadas pelas práticas militantes dos jovens. Novas amizades são agregadas, muitos companheiros ou colegas de militância se tornam amigos. Mas também há amigos que acabam não acompanhando os jovens depois que esses começam a militar. As mudanças de valores e comportamentos narrados tornaram algumas amizades incompatíveis. Ao mesmo tempo, muitos jovens relataram seu empenho em manter amizades com aqueles que não seguraram o mesmo caminho de engajamento político. (Ibid., p.244).

Em relação à função social da amizade, auxilia-nos Silva (2014) a compreender as vivências dos jovens entrevistados, quando observa que a função social desse tipo de relação é a da “troca de afeto e do autoconhecimento com o outro (...). Já que o afeto é um elemento fundamental à amizade duradora” (Ibid., p.13). E, ao tratar dos encontros que os indivíduos têm e mantém ao longo da vida, essa pesquisadora lembra que eles significam “um dos elementos fundamentais da amizade na contemporaneidade”, pois o “intuito desses encontros, é produzir um autoconhecimento sobre si mesmo”, ou seja, a função da “amizade é também essa, a de se configurar como uma busca do indivíduo por autoconhecimento”, como elemento de troca [na] relação interpessoal. (SILVA, 2014, p.13).

Mesmo que de formas distintas para cada um dos entrevistados, a participação política partidária produziu novos círculos de amizade que por sua vez não substituíram as redes de amizade anteriores. O fato é que estas novas amizades detêm sentidos e significados mais atrelados a preocupação atual dos entrevistados garantido a elas graus de atenção distintos.

Outro fator que confere maior identificação para essas novas relações de amizade é que os jovens da pesquisa contam com a universidade enquanto local de exercício de sociabilidade e que alguns de seus pares, amigos, além de optarem pela militância partidária, transitam em agendas estudantis similares e preocupações comuns.

Observou-se nos dados colhidos, que as relações de amizade se apresentam na experiência militante, situadas em períodos anteriores e a partir do engajamento. Questionados sobre essa distinção e o porquê de possíveis distanciamentos de amigos pós-militância afirmou Jairo (PSOL):

Então, os amigos de antes eu acabei perdendo um pouco o contato, eu ainda mantenho o contato, mas o meu contato mais próximo é com os amigos da militância, das pessoas que eu mantenho contato ainda, acho que muitos deles aceitam, mas não tenho muitos contatos, alguns nem entendem, não criticam, mas normal né? (...) Acho que pela diferença de ideias, acho que...meus objetivo acabaram se tornando outros e a gente acaba pensando diferente, né?

Para Tainá (PSOL) as amizades se integram à militância, pois, segundo a estudante, novos amigos surgiram após seu engajamento em causas sociais e também posteriormente a sua adesão ao partido. Ela distinguiu suas amizades em três grupos: os amigos militantes partidários, os militantes não filiados e os amigos não militantes, para a estudante existem diferenças no viver com cada um dos grupos e que, entre eles, a intensidade das reflexões sobre a realidade social é distinta.

Ai, eu acho que... com os amigos da militância a gente acaba que..., acho que os assuntos [são] os programas, as coisas que a gente combinou, giram mais em torno da militância mesmo, até quando a gente senta em um bar para tomar uma cerveja agente só fala de política. (...) Eu tenho também muitos amigos dentro da USP, militantes, mas que não são filiados e o debate é um pouco menos... é, não posso dizer profundo, mas, é, mais aberto assim, um debate mais aberto. A amizade com os militantes filiados é uma amizade mais politizada, por assim dizer...

Essa universitária ressaltou que o círculo de amigos da infância – os “mais antigos”, residem em sua cidade natal, e que os encontra com pouca frequência, e, nos momentos em que o encontro ocorre, ela procura não adentrar em assuntos acerca da militância, uma vez que os mesmos não compartilham de suas convicções políticas. Assim, a jovem destina esses encontros apenas para a manutenção e fortalecimento dos afetos que os unem:

Eu sou de [uma cidade próxima], meus avós moram lá. Uma cidadezinha pequeninha, aqui perto, vou para lá, meus amigos estão lá, cresci lá, então minha..., meus melhores amigos, as pessoas que eu mais amo estão lá, então eu vou fugir.

Já Bruno (PT) não formulou distinções quanto às amizades, e disse-nos que a maioria dos seus amigos não tem posicionamento partidário e que o assunto, quando abordado, é tratado de forma “arejada”. Bruno se autodeclara um “militante tranquilo” e crê que isto facilita a não encontrar nenhuma resistência entre os amigos não-militantes ou contrários as suas convicções.

Não, continua tudo muito tranquilo, as pessoas parecem que fogem quando você vai fazer algum convite para participar, alguns participam.... Mas, a maioria sente meio que distante, gostam de separar as coisas. Não senti hostilizado e nem senti pessoas se aproximarem por conta de algum possível benefício, acho que continua numa boa.

O jovem também apontou que uma das características de sua rede de amigos é a de que alguns são mais velhos que ele, são adultos, encontrados nas interações firmadas nos contextos do exercício da profissão e da atividade sindical: a “maioria mais próximos da fase adulta; também os professores, apesar de não ter muito amigos professores (...), mas meus amigos são da meia idade ou mais velhos”.

Brenner (2011) observa:

Para os jovens militantes, o investimento que fazem no engajamento toma-lhes muito do tempo que teriam para a convivência com pessoas de fora do círculo militante, e, por isso, seria inevitável fazer amigos no partido e conviver mais com esses, pois, além da amizade, há a convivência cotidiana de companheiros ou colegas de militância. Por outro lado, todos se referem de maneira positiva à possibilidade de ter momentos em que se “desligam” da política ou, ao menos, das pautas fechadas pelo partido, ao falarem de outros assuntos ou mesmo de política com seus amigos não-militantes, que apresentam opiniões e posições políticas diferentes das suas. (Ibid., p.246).

No caso de Rita (PSOL), a militância agiu de forma muito intensa em suas amizades, em seus depoimentos, ela afirma que seus vínculos afetivos e de amizades se ampliaram com o engajamento no PSOL. Para ela, quando questionada se estes militantes partidários amigos tiveram influência sobre sua decisão em filiar-se ela responde:

Mas eu diria que estes amigos que já militavam a mais tempo e que eram grandes amigos, conversando sobre, me explicando, me contando, não digo que foi exclusivamente por eles que eu acabei entrando no PSOL. Mas, sim, eles tiveram bastante influência nisso, porque a influência deles era no que eles me traziam o que era o PSOL e isso me levou a me interessar em militar pelo PSOL, entendeu?

A jovem declarou não ter vínculos de amizade na sua cidade natal. Seus amigos se concentram em grupos ligados ao espaço da faculdade e que muitos são, também, de outras cidades. Quando questionada sobre a vivência partidária e seus vínculos de amizade ela disse-nos que todos seus amigos convivem bem e que não vê nenhum tipo de tensão,

diferentemente do âmbito familiar, onde, segundo ela, as diferenças ideológicas são mais intensas e afloradas.

em relação aos amigos, não é tão difícil em relação a família, até por conta da cidade, a maior parte dos meus amigos acaba sendo afirmadamente com ideias parecidas com as minhas, né, em relação a amigos é tranquilo.

Questionada se a participação política fez com que fosse condicionada a se afastar de alguma amizade, ela afirmou: “eu não sei se eu perdi amizade, mas com certeza eu deixei de construir uma amizade, dentro do meu período de faculdade sim, pois eu sou filiada ao PSOL”.

O jovem do PCB, Ivan, ponderou que existem tensões que precisam ser consideradas nas suas relações de amizade. Para ele, a escolha pela militância tem efeitos sobre seus relacionamentos afetivos, pois ele percebe as distâncias de concepção de mundo e posições políticas:

É bem complicado, me vejo às vezes em um universo bem isolado, né? É que às vezes faço parte de outro ciclo de amizades, alguns com ideias políticas semelhantes, mas outros completamente diferente, e eu procuro conviver com eles com todo respeito e tal, apesar de não concordar muito. Como são amigos de infância, não deixei de conviver com eles.

Já, quando perguntado se desfez de alguma amizade em função da militância partidária, ele explicou-nos como faz para administrar as relações com aqueles amigos que se distanciam de suas posições políticas atuais:

Não perder, mas se afastaram... Eu não penso assim: - ‘Eu perdi esse amigo’. Eu considero esse, meu amigo ainda, a gente se encontra poucas vezes no ano, procura não discutir muito sobre.... porque sabe que vai levar para questões pessoais. Então, a gente tenta administrar esse conflito, mantêm a amizade. Em outros momentos, outros espaços que são de discussão mesmo, a gente discute, mas em outros espaços, em momentos de confraternização de alguém, a gente evita tocar mais ou menos nestes assuntos, tem dois ou três amigos de infância que a gente compartilha da mesma ideologia, apesar de somente eu estar vinculado ao partido.

Sobre o tema abordado neste item, o que constatamos é que os jovens “uspianos” engajados não realizam um movimento unívoco em relação às amizades: alguns mantem os círculos de amizades estabelecidos na infância e adolescência, em suas cidades de origens, ao mesmo tempo em que veem ampliada rede de amizades em virtude da vivência universitária e do engajamento partidário, outros têm a rede de amigos restringida, em virtude das posições

políticas e os jogo partidário em que se envolveu; outros, ainda, diversificam o rol de amigos pois se abrem às amizades com indivíduos adultos ou mais velhos, portanto, representantes de outras gerações do ponto de vista etário e histórico. O que se apreendeu foi que em relação ao tema das amizades, os jovens entrevistados, posicionados na fase juvenil do curso da vida, estabelecem uma espécie de abertura e fechamento em relação ao tempo do encontro com os amigos, pois ancorados no presente, não rompem os vínculos com o passado e se esforçam por continuarem seguindo com os determinados amigos rumo ao futuro.

Até certo ponto, os resultados a que se chegou nesta pesquisa, sobre o tema acima, se aproximam daqueles atingidos por Brenner (2014), em sua tese de doutoramento, pois ela expôs que a maioria dos atores juvenis que entrevistou:

mantém amigos de infância, agregou amigos militantes e também amigos de novos círculos de sociabilidade – universidade, nova vizinhança etc. – não-militantes. [Os] jovens disseram que fazem questão de manter e cultivar as amizades anteriores ao engajamento porque não querem circunscrever suas experiências sociais àquilo que é possibilitado no âmbito da militância. Os amigos não-militantes serviriam para “arejar”, quando os jovens se sentem demasiadamente impregnados de assuntos ligados ao engajamento. Os amigos não-militantes também trariam para a vida desses jovens assuntos diferentes, colocariam temas atuais sob novas perspectivas, para além daquelas pautas estabelecidas pelos partidos. Essas atitudes demonstram um interesse em manter ligadas as pontes que fazem as conexões entre as atuais experiências de vida com as experiências do passado que constituíram esses sujeitos (Ibid., p. 88).

Neste capítulo, a partir das narrativas dos jovens com que dialoguei, busquei discorrer e analisar as contribuições que as interações e processos socializadores secundários dos mesmos – escola de ensino médio, círculo de relações firmados na universidade, na rede de amizades, ou outros espaços sociais de engajamento, deram à decisão de se engajarem em partidos – PSOL, PT, PCB.

Também foi possível analisar os efeitos do engajamento em outras dimensões de suas vidas, no tempo da juventude, lazer, consumo cultural, namoro e rede de amigos, no capítulo seguinte, dar-se-á atenção a uma outra perspectiva das experiências dos jovens: seus planos de futuro, seja do ponto de vista pessoal, seja do ponto de vista da manutenção e aprofundamento da militância partidária.

O movimento que se fará na próxima seção tem um duplo propósito: verificar como eles projetam o trânsito para a vida adulta e também como os planos de futuro afetam ou deixam de afetar a escolha pelo engajamento em partidos.

CAPÍTULO 4 – ENGAJAMENTO PARTIDÁRIO, PLANOS PARA O FUTURO E APRENDIZADOS DA MILITÂNCIA

Como buscamos compreender e analisar as experiências de engajamento militante dos jovens universitários, dando destaque aos círculos sociais em que se socializam e como enfrentam a prova relativa à conquista da independência e autonomia (SINGLY, 2005), questionamos os entrevistados sobre os planos que delineiam para o futuro, tanto do ponto de vista pessoal como do engajamento militante.

Antes de ser uma questão que visou apreender elementos para se analisar os trânsitos que constroem rumo à vida adulta em sentido estrito, nosso propósito com tal indagação foi, uma vez mais, compreender as relações que eles estabeleciam com o tempo e apreender os efeitos do engajamento nas experiências individuais dos jovens que contribuíram com a pesquisa.

Desta maneira, de suas narrativas extraíram-se elementos que permitissem a descrição e análise de como projetavam a continuidade ou descontinuidade da formação acadêmica, ou seja, a permanência na condição de estudantes, que planos desenhavam para a (re) inserção no universo do trabalho, se vislumbravam a saída da casa dos pais e se sim, como projetavam alcançar essa dimensão da independência, se viam o estabelecimento de relação conjugal, sozinhos ou em parceria com amigos, entre outras situações.

Por fim, mesmo considerando que os jovens entrevistados contavam com “percursos militantes de curta duração” - entre um (1) e três (3) anos de engajamento (BRENNER, 2011, p.136), buscou-se analisar as expectativas que eles tinham quanto ao futuro da militância partidária, tendo em conta as oportunidades oferecidas pelas associações partidárias aderidas, isto é, buscou-se compreender que espaços pretendiam ocupar ou quais ações planejam exercer no interior da associação partidária, ou na sociedade ou nos espaços de representação do sistema político tradicional, em nome do partido que escolheram integrar-se.

4.1 Projetos para vida acadêmica: reversão de escolha, formação *omnilateral* e pós-graduação afinada com a militância

Em relação a formação acadêmica, todos afirmaram que planejavam manter a condição estatutária de estudantes, seja pela inserção num segundo curso de graduação, seja pelo ingresso em novo curso superior de carreira mais afinada com os valores vividos na

militância, ou, para alguns, mediante o ingresso em cursos de pós-graduação *stricto sensu* – mestrado ou doutoramento.

Ivan (PCB), que frequentava o seu segundo curso de graduação - bacharelado e licenciatura em Música, disse-nos que após a conquista do título correspondente, tinha a intenção de ingressar em novo curso, justificando seu projeto da seguinte maneira:

Eu tenho alguns projetos que eu penso.... Eu gosto muito da formação *omnilateral*, por exemplo, minha intenção, depois de me formar, é fazer outra graduação: eu pensei em fazer História, eu gosto de Arquitetura também... Tenho o pensamento de fazer outra faculdade depois que eu terminar.

Jairo (PSOL) declinou planos distintos dos de Ivan (PCB), pois sentia-se “indeciso” em relação a escolha de curso superior que realizava – Física Médica, e contou-nos que analisava a possibilidade de reverter tal escolha para ingressar em curso de graduação mais afinado com os aprendizados e valores que vinha internalizando no processo de socialização e formação vividos na associação partidária:

Estou (...) em dúvida quanto ao curso, eu tinha muita certeza quando eu entrei, mas agora não tenho tanta certeza assim. Eu estou meio indeciso (...), tô num processo de analisar se é realmente esse curso que eu quero fazer. Na verdade, eu não sei, estou ainda em dúvida, eu estou pretendendo mudar de curso (...), Filosofia ou Ciências Sociais, mas eu não tenho certeza.... Isso muito influenciado por conta da militância.

Tainá (PSOL) que se encontrava no terceiro ano da Licenciatura em Pedagogia, a partir de interações e relações estabelecidas no partido e com atores de assentamento do MST - Movimento dos Sem Terra – MST, planejava terminar o curso e continuar estudando, seja mediante o ingresso em outra graduação ou tentando a inserção no curso de mestrado, mas fez questão de frisar que ambos devem estar associados à sua militância:

Se eu sair daqui, vou fazer outra faculdade e depois vou pensar no mestrado. (...). Talvez essa outra graduação seja uma vontade, mas eu não tenho certeza se eu vou levar a cabo e fazer outra graduação, eu acho mais fácil eu terminar a graduação, fazer um mestrado que não vai me impedir de estar envolvida no MST por exemplo, se tudo continuar caminhando para lá, se eu não conhecer nenhum outro espaço que eu queira estar.... Faço o mestrado estando lá, juntando a militância com a minha condição material de vida, que acho que dá, para agregar. Estou meio que encaminhando esse futuro a curto prazo. O mestrado ou talvez ir fazer o curso de Pedagogia da Terra da

UFSCAR, que eles têm lá, que inclusive os assentados vão para lá, tem um amigo meu que mora no assentamento vai para lá.

Bruno (PT), já titulado em História, realizando o segundo curso de graduação – Pedagogia, afirmou que não pretendia concluí-lo, pois sua ambição era a de ingressar em curso de mestrado estrito senso, e dedicar-se à investigação de tema vinculado à sua militância na associação sindical de docentes da rede estadual paulista. A esse respeito, argumentou:

Eu sou um jovem que de certa forma é atípico, porque já tenho uma formação e uma atuação profissional. (...) Eu antecipei certas coisas, não me arrependo, mas eu antecipei certas coisas e consequentemente antecipei projetos. (...). Não pretendo terminar a graduação em Pedagogia, o que mais me interessa é o mestrado. Na área acadêmica, eu penso em ingressar no mestrado, (...) e tenho esse projeto: (...) como que se dá a formação política na APEOESP, isso foi uma questão levantada nesta greve que a gente passou.... (...). É um bom problema para o mestrado e pretendo continuar estudando.

Outras duas jovens do PSOL - Ana e Rita, que na época das entrevistas estavam em cursos de mestrados, também projetaram a continuidade na etapa posterior – o doutorado.

Se esses jovens têm a pretensão de alongar a condição estudantil, na graduação ou na pós-graduação, suas narrativas não permitem afirmar que todos formularam tal plano para torná-lo mais consoante aos valores e princípios ideológico-políticos das formações associativas - partidárias ou não - em que militam; projetos com tais contornos foram verbalizados apenas dois (2) militantes do PSOL (Tainá e Jairo) e um (1) do PT (Bruno).

No caso de Jairo, quando dialogamos com ele pela segunda vez, decorridos aproximadamente seis (6) meses da primeira entrevista, ele declarou que de fato “trancou” a matrícula no curso de Física Médica da USP-RP e ingressou em curso de Direito, em instituição privada, com bolsa do PROUNI – Programa Universidade para Todos⁴³. Segundo ele, ainda que no ponto de partida, o curso contava com disciplinas, temas e questões mais próximas dos valores, conteúdos e práticas de sua militância partidária.

⁴³De acordo com o sítio do Ministério da Educação, criado em 2004, “o programa (...) oferece bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior”. Disponível em: <http://siteprouni.mec.gov.br/>. Acessado em maio de 2016.

4.2 Formação acadêmica, engajamento e planos de (re)inserção laboral

Para quase todos os participantes deste estudo, a juventude tem sido marcada pela simultaneidade do estudo e do trabalho e pela combinação dos estatutos de estudante e trabalhador. Dessa forma, quanto aos projetos de (re) inserção ocupacional, alguns planejavam atuar profissionalmente na área da docência, pois entendiam que permanecer ou assumir funções ou cargos públicos na área do magistério poderia alargar e aprofundar a experiência militante em seus respectivos partidos, casos por exemplo de Bruno (PT) e Ana (PSOL):

Tenho uma grande ambição de ser efetivado no Estado, como professor [de História], aí minha atuação vai ser muito mais tranquila. (Bruno, 23 anos)

Quero a docência! É isso que eu quero mesmo! Não me vejo fazendo outra coisa. Também, talvez, eu queira trabalhar na enfermagem, mas eu não sei se eu vou conseguir conciliar as duas coisas, a minha vida está muito ligada com a militância e o profissional. (Ana, 26 anos)

Jairo (PSOL), que profissionalmente atuava como técnico eletrônico em empresa de elevadores, afirmou ter plano mais aberto quanto a uma possível (re)inserção na esfera ocupacional; desse modo projetava a realização de um curso para ocupação de cargo em instituição pública de maneira a manter um “salário público”:

quanto ao trabalho, eu pretendo [permanecer] nessa área que estou, fiz um técnico [Mecatrônica]. [Mas] acho que não é uma coisa que eu vou levar muito adiante, eu pretendo prestar um concurso público, passar, me manter com o salário público.

Mas esse rapaz também se mostrou propenso a vir a atuar como profissional da área do magistério, tendo em vista sua forma de compreender a função social que a educação escolar pode cumprir:

Me vejo, sim, até mesmo na Física, eu trabalharia como professor. É uma coisa que eu gosto muito, eu acho que é muito importante. A educação é algo que transpõe, é o que transforma a vida das pessoas. Então, eu acho que é muito importante, a função que o professor cumpre e eu quero exercer isso.

Rita (PSOL), que teve uma breve experiência ocupacional na educação infantil, também explicitou a expectativa de retornar a área do magistério para atuar em sala de aula, na educação básica:

eu pretendo também voltar para a sala de aula, eu sou pedagoga (...), e eu tive seis meses de experiência docente. Eu tenho muita saudade, de estar com as crianças, de estar na sala de aula, de sentar planejar a aula, de fazer material, sabe, assim? É minha profissão, eu amo o que eu faço, eu tenho vontade de voltar para a sala de aula, é um dos meus planos,

4.3 A saída da casa dos pais e vida conjugal: possibilidades adiadas

Como exposto no capítulo II, no momento de realização das entrevistas, os jovens nos relataram que viviam ainda o estatuto de “filhos ou filhas de” (SINGLY, 2005), pois ainda viviam sobre a proteção e dependência financeira dos pais, mesmo que alguns já estivessem engajados na esfera do trabalho – casos de Bruno (PT), Ivan (PCB), Jairo (PSOL) e Tainá (PSOL), ou que morassem em “república estudantil” – a exemplo de Ana (PSOL).

Considerando os desafios que os jovens enfrentam na atualidade para se tornarem indivíduos, mediante a conquista da independência e da autonomia relativamente aos adultos e suas instituições, em especial a família de origem (SINGLY (2005), indagou-se também a cada um dos colaboradores do estudo que planos formulavam para a partida da casa dos pais, a vida conjugal e a formação de prole, pois essas dimensões da experiência individual e social exigiriam deles, de alguma forma, esforços visando à conquista de independência, de autonomia, tornando mais complexos seus processos de identificação (MELUCCI, 2004).

A partir dessas referências, a leitura que fizemos das narrativas dos jovens foi a de que se eles têm planos de se tornarem independentes pela (re) inserção no universo do trabalho, o mesmo não se verificou em relação à saída da casa de seus pais, a assunção da vida conjugal, seguida de formação de prole.

4.3.1 A partida definitiva da casa dos pais: um projeto postergado

Quanto à saída da casa dos pais, seja para morarem sozinhos, seja a partir da experiência conjugal ou morando com amigos ou colegas, grande parte das respostas indicaram que eles não pretendem empreender esse movimento, seja no curto ou no médio prazo.

Ana (PSOL), por exemplo, já não morava exclusivamente com os pais na cidade em que eles habitam, porém, dependia deles para manter parte dos custos da “república” que divide com a irmã e com uma colega de curso.

Tainá, também do PSOL, não explicitou planos de deixar o teto e o apoio da família, pois elaborou as seguintes ponderações sobre a sua situação e o envolvimento com a militância:

Sempre trabalhei, desde os dezesseis, mas eu parei de trabalhar no meio do segundo ano, ano passado, para me dedicar a princípio à faculdade, mas acabei me dedicando mais a militância. Mas tudo bem, ano passado eu peguei uma bolsa e tal, mais um projetinho, um dinheiro, que não dá para sair de casa. A gente mora de aluguel, dependendo dos meus pais para bancar o aluguel e a comida, antes eu bancava a comida pelo menos.

Rita (PSOL) também não explicitou projetos de partida da casa que coabita com a mãe, demonstrou, sim, preocupação em conquistar condições financeiras, via inserção ocupacional, visando a proporcionar condições materiais mais dignas para o pai e a mãe, no futuro:

Eu tenho uma preocupação muito grande: no futuro ter uma condição financeira boa, para dar um conforto, final de vida digno para meus pais, uma coisa que passa todos os dias pela minha cabeça. Mas, não adianta eu me afobar muito agora com isso, se ao menos eu nem passei pelas etapas para conquistar essa vida financeira e estável, né? Que eu acho que vai ser estável, enfim. Planos para mim (...) é mais nesse sentido.

Bruno (PT) e Ivan (PCB), cada um a sua maneira, projetam a saída da casa paterna, mas não algo iminente. Bruno, por exemplo, relatou que sente a necessidade de ter uma moradia só sua, de conquistar a “casa própria”, mas diante das dificuldades financeiras, prioriza suas expectativas, de modo a viver o tempo da juventude de modo mais pleno possível:

Eu tenho sentido uma necessidade grande de sair da casa dos meus pais, mas não me sinto muito à vontade, muito por conta da ideia de pagar um aluguel. (...) Como a maioria dos brasileiros, tenho a ambição de, nos próximos anos, ter uma casa própria. É... acho que é um sonho, assim. Uma vontade que me aproxima do restante da juventude: [tenho] uma vontade de viajar e conhecer muitos lugares.

Ivan também pensa em adiar o projeto de assumir a responsabilidade por uma moradia, ou pelo que chamou de “residência” para abrigar um específico modelo de família:

penso, mais para frente... ter uma residência onde eu for estar. Não sei se família, a gente chama de família, esposa e filhos, não sei se é essa a formação de família, talvez uma família de amigos, não sei, uma casa, a gente tendo um espaço de convívio assim.

4.3.2 Vida conjugal e constituição de família: um futuro incógnito

Quanto a assunção da vida conjugal, pelo matrimônio oficial ou outras vias, em relação à constituição de família ou prole, nenhum deles foi categoricamente assertivo sobre tais possibilidades num horizonte próximo. Acerca dessas experiências, que os levariam a eventual saída da casa dos pais, a viverem novos arranjos socializadores, a incorporação de outros valores, códigos de conduta e responsabilidades, que os deixariam frente a frente aos desafios inerentes a produção da subjetividade e autonomia no contexto de uma vida em casal, algumas falas são ilustrativas do silêncio e das tensões que eles experimentam, quando tentam associar a militância partidária, os valores dela decorrentes e determinadas dimensões da vida pessoal e privada.

A respeito do estabelecimento de relacionamento conjugal, Rita (PSOL), foi imperativa: “sinceramente, não!”.

As duas outras jovens, também do PSOL – Ana e Tainá avançaram um pouco mais na resposta a indagação, porém, deixaram também evidente que os planos de vida conjugal ou de constituição de prole não serão objetivados em curto prazo. A respeito, explicou-nos Ana:

Eu não sei, eu nunca penso nisso, né? No começo do ano.... eu namorava um tempo já, quatro anos... E aí ele me pediu em casamento e eu aceitei, mas a gente nunca falou sobre isso.

Tainá alongou-se um pouco na resposta, teceu considerações sobre as dificuldades para namorar, sobre sua condição de mulher, sua idade e seus planos de vir a ter filhos. Sobre as relações de namoro, explicitou os desencontros que percebeu entre essa dimensão da vida privada e a militância:

eu não dei conta de, por exemplo, namorar, larguei o namoro, porque não dava tempo, não dava tempo e também não tinha vontade, sabe quando fica pequeno, assim...

Sobre as possibilidades de engravidar e ter filhos, seu argumento tornou claro que aquelas perspectivas ainda não encontraram uma posição nítida em suas prioridades, mesmo

que reconheça sua condição de mulher e se auto identifique como “uma das mais velhas” entre seus pares universitários:

eu sou uma das mais velhas. O pessoal está tudo com vinte e dois anos, vinte e três, vou fazer vinte e seis, eu sei que eu não sou muito velha...Mas, eu sou mulher, vou engravidar e eu tenho que colocar isso também como uma meta, um plano, eu tenho que encaixar isso na minha vida. (...) Quando que eu vou engravidar, ter minha casa, meu lugar, então eu acho que eu fico balançando um pouco nisso também.

Os rapazes Ivan (PCB), Jairo (PSOL) e Bruno (PT) não explicitaram posições muito distintas de seus pares mulheres. Os dois primeiros planejam a constituição de família e mesmo de prole, mas explicaram que essa possibilidade é para um futuro incógnito, e que não pretendem constituir família tomando como referência o modelo de núcleo familiar consagrado pela modernidade. Sobre tais temas afirmou Ivan:

Penso, mais para frente.... Eu percebi que pela quantidade de coisas que eu estava tentando fazer, ficava muito difícil conciliar as coisas né, mas, é, talvez, eu penso.... Eu gostaria muito de ter filhos, sabe? Ter uma residência onde eu for estar, não sei se família, a gente chama de família, esposa e filhos, não sei se é essa a formação de família, talvez uma família de amigos.... A gente tendo um espaço de convívio assim, ter filhos, não sei...quem sabe, muitas vezes as brigas que eu tive com a minha namorada, foi porque eu estava militando.

Mesmo desacreditando da “instituição do casamento” tal como forjado pela modernidade, Jairo (PCB) planeja ter uma “companheira” e ter “filhos”, mas tais possibilidades não encontraram espaço na sua “pauta” atual de realizações:

Cara, eu não acredito muito na instituição do casamento. Então, eu não sei, casamento em si eu não pretendo ter, mas em algum momento da minha vida eu quero ter uma companheira, ter uma relação mais séria com alguém, quero ter filhos, mas não vejo isso em um horizonte próximo. Acho que são coisas que eu quero ter sim, mas não são a pauta de hoje, sabe? Não é uma coisa assim, muito perto de mim, eu pretendo estar com alguém, eu pretendo ter filhos, mas não agora.

Bruno, por exemplo, assumiu que a vida conjugal ainda não é uma necessidade que tenha que dar conta, e pediu esclarecimentos sobre a próxima questão da entrevista:

não penso atualmente em família, constituir família, casar. Acho que também é consequência da vida, acho meio complicado o cara mirar esses objetivos, persegui-lo, achar uma pessoa para casar. Eu não tenho essa

necessidade, essa vontade e é isso, por enquanto, o que me vem à cabeça, é isso! A outra pergunta qual era mesmo?

Sobre as narrativas formuladas pelos jovens sobre as questões abordadas acima, tem-se que mesmo que eles tomem iniciativas concretas no sentido de produzirem planos de autodeterminação, de construírem uma concepção própria de mundo e de como agir no mundo, que busquem uma independência relativa da proteção financeira e cuidados dos pais, pois alguns deles já estão integrados ao mundo do trabalho, o que se apreende é que eles fincam os pés numa espécie de fronteira entre a vida juvenil e assunção de algumas demandas consideradas como sendo próprias da “adulterez”. Muitos dos planos que explicitaram – permanecer na casa dos pais, prolongar a condição estudantil, postergar a união conjugal, concretizar a vontade de “viajar e conhecer muitos lugares” (Bruno, PT; Jairo, PSOL), contribuem para que aprofundem a opção pela militância partidária ou outras militâncias, mas também contribuem para que prolonguem a fase juvenil do curso da vida.

No que diz respeito às dificuldades que alguns deles mencionaram em estabelecer relações de namoro e a remissão para um futuro incógnito os planos de união conjugal, tenderíamos a concordar com a Brenner (2011) que, diante das respostas dos jovens universitários que estudou, fez a seguinte ponderação: “militância e namoro/casamento” não podem “se misturar e não podem interferir um no outro”. E, com bom humor, lembrou a pesquisadora que o lugar de tais dimensões nas experiências dos jovens militantes lembra o ditado popular que diz “amigos, amigos, negócios à parte”, pois “no caso dos engajamentos: partidos, partidos, [namoro/casamento] à parte” (Ibid., p. 282).

4.4 O engajamento partidário no tempo: planos de futuro

No conjunto das perspectivas conceituais de apreensão e análise do engajamento militante dos indivíduos, nas relações com o tempo, uma das posições é aquela que compreende o ato de engajar-se como sendo determinado por elementos inerentes a três dimensões distintas das vivências dos atores (RUSKOWSKI & SILVA, 2013, p. 4). A primeira diz respeito ao “contexto sociocultural” dos indivíduos, as relações que eles têm com o passado e o peso de suas “raízes sociais”; esse conjunto de circunstâncias poderá induzi-los ou não a aderirem a “uma ação” e a vinculação a uma identidade coletiva. A outra, o “contexto relacional”, implica os processos socializadores dos indivíduos, que permitem a inserção dos mesmos em redes sociais, media, recruta e modula suas preferências. A terceira

dimensão guarda relações com a “intencionalidade” dos indivíduos de se engajarem ou não em ações e formações coletivas de atuação social e política, quando eles levam em conta os “custos, sucesso e riscos” implicados na deliberação que tal ato implica, pois, essa resolução envolve “restrições” variadas, e é “moldada, influenciada e avaliada” no contexto das “interações que se desenvolvem entre os indivíduos” e o meio social em que estão inseridos (Ibid.).

Sobre a decisão que leva os indivíduos ao ato de se engajarem em associações partidárias ou outros coletivos de ação social, lembra Brenner (2011), ainda, que tal deliberação pode derivar de uma “ação racional” ou pode “tornar-se consciente”, somente quando se dá a ocorrência de mudanças significativas nas suas experiências, alterações que evidenciam o que eles “ganham ou deixaram de perder”. Para a pesquisadora, os indivíduos engajados devem “ter consciência de que foi ele que fez a aposta”, que tal “ação é gerada por um interesse percebido como necessário”, pois sem tais condições eles não agirão no sentido de concretizar um interesse; eles devem perceber o engajamento como sendo algo “necessário” (Ibid., p.36).

As referências mencionadas nos orientaram na análise das narrativas dos jovens em relação aos planos que esboçam para o futuro da militância, tendo em vista o cenário de oportunidades, “sucesso e riscos” que enxergam no interior de seus respectivos partidos.

Eles desenharam vários percursos possíveis para o futuro do engajamento: para alguns, as expectativas envolvem a manutenção e aprofundamento das relações com o partido, pois tencionam desenvolver, em nome da agremiação partidária, iniciativas ou projetos junto a outras formações associativas, movimentos sociais ou mesmo em grupos temáticos. Para outros, as possibilidades se vinculam à inserção e participação em canais ou mecanismos do sistema institucional de representação política, para outros, ainda, o futuro envolveria projetos de atuação ativa junto ao Movimento dos Sem-Terra –MST ou mesmo a reversibilidade da escolha feita pelo engajamento.

Na primeira chave de expectativas acima indicadas, temos os planos do jovem petista (Bruno) e de uma das jovens militantes do PSOL – (Rita).

Para Bruno a projeção de um futuro enquanto militante está intrínseca a sua atuação sindical, o pesquisado transparece se interessar pelas causas de sua categoria profissional e reafirma seu interesse em colaborar com as lutas do Partido dos Trabalhadores no interior da APEOESP, ele também esboça certa disponibilidade para assumir alguma candidatura para as eleições municipais desde que seu Partido entenda que seu nome em algum momento seja referendado. O jovem demonstra certa preocupação em envolver-se totalmente nos enfrentamentos em nome do sindicato, pois detém um vínculo frágil, “Professor Eventual”,

com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e teme consequências como não receber pelas aulas, em caso de adesão a greve. Bruno deseja ser aprovado em um concurso público para ter laços mais seguros e assim engajar-se mais as questões sindicais. Ele também expõe sua intenção de reorganizar a “Juventude” do PT no município e citou algumas ações a respeito.

sou um militante novo, jovem, não só na idade, no tempo de filiação e participação. Espero ocupar espaços mais importantes dentro do sindicato; minhas ambições são (...) de encontrar tempos mais propícios, condições propícias, para atuar dentro dos espaços que já atuo. Eu não tenho grandes ambições de ser diretor, de ser candidato. (...) se for acontecer, apesar de eu não ter o perfil, se for acontecer vais ser consequência da minha militância, da maneira como eu atuo dentro da categoria, do partido, não tenho grandes ambições não.

Contudo, a fala de Bruno demonstra que ele não está totalmente fechado as possibilidades de vir a atuar, como um “quadro” do PT, em instâncias de representação parlamentar, em defesa dos interesses e demandas da juventude,

se o grupo entender que é meu nome e não existir ninguém mais qualificado, eu vou. Mas não tenho essa ambição e não é meu projeto, assim: ‘não, vou galgar essa posição’! Eu reforço o que eu falei, eu não tenho perfil de parlamentar, acho que não, mas acho que por outro lado que a juventude, todos os setores da sociedade precisam se fazer representar, precisam construir quadros.

A jovem do PSOL, explicitando a consciência que tem do vínculo partidário que firmou, disse-nos do desejo de dar continuidade a militância, sobretudo porque envolvida com as lutas da mulher, do feminino e do feminismo, pois assim como o universo da política institucional é refratário à mulher - e a ação da mulher, também é árduo à mulher se inserir e fazer política no interior de universo social marcadamente machista e sexista. Desta maneira, dadas as suas convicções, e considerando as estruturas de oportunidades que seu Partido oferece, os projetos que ele desenvolve no campo do feminino e do feminismo, Rita planeja o seguinte futuro para a sua militância:

Dentro do PSOL, (...) eu vejo um engajamento muito forte em relação ao feminismo. Eu sou feminista! (...) Eu tenho visto esse engajamento pelo PSOL, pela mulher e pelo feminismo. (...) Acho fantástico isso, (...) o Partido que bota a cara a tapa nesta questão da mulher, porque a questão do machismo na sociedade brasileira é gigantesca, principalmente na política,

que sempre foi um território masculino. Eu quero me engajar na questão do feminismo dentro do PSOL. (...) Com o PSOL, eu encontrei uma maneira de exercer minha militância feminista (...) como mais apoio.

Ana, também do PSOL, tem projetos que se aproximam aos de Rita, pois pensa em atuar no “setorial feminista” do partido e, possivelmente, se envolver com a implantação de um “cursinho” com perspectiva de educação popular de matriz freireana, na periferia de Ribeirão Preto:

como militante partidária eu não sei, eu não penso muito no que... a longo prazo... No momento, o que eu comento é o setorial feminista, tentar empoderar o máximo de meninas possível, através de um movimento que atinja secundarista, que traga assuntos mais palpáveis para o mundo delas. O meu intuito é ir para a periferia agora, com esse setorial. (...) E também tem o cursinho que a gente quer fazer agora que é o ‘Emancipa’, que é levar para a periferia um cursinho que tem a característica bem freireana de libertar, basicamente é isso.

Jairo (PSOL), narrou que não tem perspectivas de atuação no interior de mecanismos do sistema político representativo, porém, está disposto fortalecer sua militância “de base”, em espaços com a “rua” ou também no projeto de criação e realização de “cursinho” popular:

É, enquanto militância, eu pretendo ampliar assim os lugares onde eu milito. É, tem um projeto (...) chamado ‘Emancipa’, que a gente está tentando trazer para Ribeirão Preto. Um projeto para levar ensino, é um cursinho popular para lugares periféricos, eu pretendo me dedicar a isso. Eu acho que realmente pode mudar a realidade daquelas pessoas, uma coisa que faz a diferença e eu pretendo fazer mais coisas com essas características. Eu não sou muito voltado a parte eleitoral ou coisas assim, eu prefiro militar na rua mesmo, militância de base mesmo.

O jovem do PCB, Ivan, foi o único militante que declinou pretensão futura de, a partir das diretrizes centrais do Partido, inserir-se e atuar nos canais institucionais de representação político-partidária, todavia não explicitou se no espaço do executivo ou do poder legislativo:

a pretensão é continuar me formando politicamente e dependendo da conjuntura futura, eu penso, sim, em ser candidato, para tentar mudar alguma coisa. Eu penso em ter uma atuação mais efetiva que é a que eu tenho hoje, como militante. (...) Ver as diretrizes que o Partido quer, mas, o meu projeto (...) é ser efetivo para o Partido e para a sociedade, como um todo.

Quando questionada, Tainá (PSOL) reagiu com outra pergunta: “se eu quero me candidatar? (risos)”. Na sequência a jovem se mostrou indecisa quanto a manutenção da

escolha pela militância partidária. Ao mesmo tempo que afirmou seu envolvimento com o movimento estudantil universitário, também discorreu de modo entusiasmado sobre as relações que vem assumindo com um assentamento do MST: “este é o meu lazer também, então de final de semana quando eu quero dar uma espairecida eu vou para o MST almoçar lá com os assentados, tenho bastante amizades lá. Dado este quadro de interações, ela se mostrou hesitante quanto ao futuro de suas relações com o Partido, lembrando que está receptiva a novas possibilidades e outras explorações em termos de participação e atuação política.

Eu não sei se (...) enxergo uma militância partidária a longo prazo. Eu tô envolvida no movimento estudantil, (...) com bastante força. (...) Quando eu terminar a faculdade, não vou mais estar no movimento estudantil, né? (...) Não tenho a pretensão de ser militante por muito mais tempo. (...) Eu nunca vou ficar parada. Eu também milito pelo MST. (...) Eu gosto de ir lá, como juventude, (...) para somar com eles, para aprender também. (...) Então eu tenho uma super simpatia pela causa da reforma agrária. (...) Por me conhecer, sei que nunca vou me afastar das lutas, isso está em mim desde sempre (Tainá, 26 anos).

Ao responderem à questão sobre o “futuro” da militância partidária os jovens permitiram que apreendêssemos que a decisão que tomaram não está ancorada apenas nas disposições incorporadas em seus processos de socialização familiar ou naquelas que derivaram das interações e socialização vividas nos círculos da escola de ensino médio ou do ambiente universitário, a decisão que tomaram foi reforçada pelo envolvimento e inserção na dinâmica partidária e também porque alguns perceberam que o espaço e os projetos partidários poderão lhes dar apoio para que possam atuar politicamente em outros espaços, outras lutas, por tais razões a decisão não está ancorada apenas no passado e no presente, pois eles explicitaram que há futuro para a vida militante que abraçaram, ainda que cada um tenha um projeto muito próprio e específico para o engajamento.

A partir dessas constatações, foi lhes perguntado sobre os aprendizados que vêm extraindo da militância em partidos. As respostas que eles nos deram demonstram que vários são os aprendizados que eles vêm extraindo da militância, seja em termos de reforço de suas concepções de mundo e de como agir do ponto de vista social e político, seja em termos de enfrentarem a discriminação e o preconceito de serem apreendidos como militantes de partido em conjuntura histórica nacional de forte descrédito e repulsa moral aos diferentes partidos existentes no cenário brasileiro.

4.5. Os sentidos e aprendizados do engajamento partidário para os jovens entrevistados

Ao formular aos jovens uma indagação que trouxesse respostas quanto a socialização que vivem em decorrência do engajamento partidário e os sentidos que atribuem a tal prática, tivemos por objetivo compreender os trabalhos que realizam na elaboração de uma “visão de mundo” própria, reveladora de processos de autodeterminação, autonomia.

A questão foi recebida por Tainá (PSOL) de forma contagiante, e entusiasmada não hesitou em afirmar que o militante está entre o “ser louco” e o “idealista”, pois o engajamento é assumir uma clara posição política num momento histórico de visível desgaste da política, sobretudo da política institucional. A entrevistada, meio que ecoando as reflexões de Oskar Negt & Alexander Kluge (1999), ponderou que tudo é passível de ser politizado.

Para os pesquisadores mencionados, a política não é redutível ao valor de troca, ela é sobretudo valor de uso e

só pode ocorrer quando apontar além dos limites técnicos a que ela se reduziu e o esclarecimento do lugar social para onde ela tem se transferido. (...) Isso permite, por um lado, dar vida à sua ‘matéria prima’, que está presente em alguma coisa oculta, esporádica, passiva, cotidiana, numa constelação de sentimentos cotidianos que conseguem ter expressão política pública, numa relação que começa a ter uma duração ou a engendrar um processo produtivo de reafirmação de uma vontade própria. (...) O agir político em sua forma elementar, não é o polo oposto da intimidade ou da privacidade, nem tampouco da substância social encontrada ou daquilo que é excluído. Tudo isso pode se politizar” (Ibid. apud Souza, 2003, p. 5).

Por pensar a política para além da instrumentalidade técnica e a importância que ele tem para os atores juvenis, Tainá (PSOL), argumentou que:

Uau!!!! Nossa! É ser um louco, bem louco, idealista, entendeu? É lógico, eu não vivi, eu vivo hoje, não vivi antigamente, na época do meu avô, do meu bisavô para saber como era, mas eu sinto na juventude uma dificuldade muito grande, sabe, de se assumir, de assumir qualquer posição política, entendeu. As pessoas confundem muito partido com política, e acham que política é uma coisa muito distante da gente, mas qualquer coisa que a gente faz é política, entendeu, qualquer coisa que a gente fala é uma atitude política.

Ivan (PCB) entende que um dos sentidos do engajamento é de aprofundar a socialização e a educação política. Uma educação que possa levar o militante ao trabalho de conscientização do outro, de outros coletivos, mais precisamente de um dos mais importantes sujeitos da modernidade: a “classe trabalhadora”.

Primeiro se formar politicamente, entender o que você está defendendo, para não militar cegamente. Acho que não é por aí. Militante tem que trabalhar, procurar se formar para conseguir formar uma consciência na classe trabalhadora.

Mas o jovem não deixa de tecer considerações sobre os obstáculos que se interpõem ao trabalho militante de “levar conscientização” ao sujeito histórico trabalhador brasileiro, seja em virtude dos vetores atuais do desenvolvimento da ordem capitalista, seja em função da opacidade que caracteriza a “alienação”, processo que, segundo ele, atinge não apenas a “classe trabalhadora”, mas as “pessoas” de modo geral. Porém, ele reconhece que o processo de produção/reprodução da classe trabalhadora não é redutível ao trabalho e ao “salário precário” ao final do mês, pois não desconhece que aquele processo também envolve outras necessidades, outras carências, de ordem imateriais, simbólicas, ainda que, a seus olhos, elas estejam atreladas à um certo fatalismo:

No Brasil hoje é muito difícil militar dessa maneira, porque é muito difícil você se inserir no movimento, estar dentro de um sindicato por exemplo, espaço onde essa militância poderia ser praticada né? Espaço de formação de consciência da classe trabalhadora! É difícil você conseguir parar alguém na rua pra falar de política. Hoje eu vejo esse desenvolvimento do capitalismo, essa alienação das pessoas, essa preocupação das pessoas, eles não estão errados, não estão errados mesmo! É tanto trabalho, o cara tem que trabalhar de manhã, porque o salário é precário, presta serviço para uma empresa de manhã, para outra à tarde; tem que estudar a noite porque precisa; se ele tiver mais estudos, quer dizer que ele terá um melhor salário a organização social está tão louca, está tão dinâmica que é difícil você parar alguém para falar sobre política e tentar analisar o que está acontecendo, as pessoas vão simplesmente tocando suas vidas, só contando o tempo para morrer.

Ana respondeu à questão sobre o (s) sentido (s) pessoal da militância fazendo uma análise de conjuntura e definindo o engajamento partidário como uma prova pessoal, um desafio simultaneamente individual e histórico, que solicita ao sujeito a disponibilidade para se formar, se educar:

Ser militante partidária nos dias atuais é um desafio, primeiro porque a gente está vivendo a maior crise política da história; se a gente vai ocupar esses espaços temos que ir de forma mais categórica, esse é o momento de se formar. Penso que é muito difícil, eu tenho encontrado muitas limitações pessoais, mas eu acho também que talvez seja a forma mais adequada de se colocar na prática...

Mas os jovens e as jovens afirmaram que o ato de se engajarem e militarem em partidos, no contexto histórico que vivemos, sobretudo a partir das “movimentações” de rua

de junho de 2013, têm também outros sentidos, pois o fato de militarem desperta “expectativas normativas” em indivíduos jovens e adultos de círculos sociais distintos em que transitam, que os percebem como ressalvas, e mesmo como indivíduos “desacreditados” ou “desacreditáveis” (GOFFMAN, 1988).

Tais situações os levam a viver experiências socializadoras de discriminação e preconceito que, às vezes, os colocam nas fronteiras da estigmatização, pois suas figuras singulares são lidas a partir de estereótipos do “militante partidário tradicional” ou “convencional”, que vivem a política partidária apenas como via de “profissionalização” ou “tecnologia de luta pelo poder, (...) alheia a uma disposição emancipatória” (SOUSA, 2003, p. 3), casos, por exemplo, de três jovens militantes do PSOL – Rita, Ana, e Tainá, e o rapaz engajado no PT – Bruno.

Sobre as “expectativas normativas” e as situações de discriminação e preconceito, esclareceu Rita:

tudo é corrupto, tinha que morrer todo mundo, porque está no DNA, só se (...) nascer de novo. (...) Quando vivi isso, eu fiquei impressionada! Eu diria que existe um *bullying* político, principalmente na Universidade. Você está conversando com o pessoal, aí vem a pessoa: ‘Ele é militante de tal partido, deixa ele quieto... Vamos embora!’

Para Ana, o fato de ser militante do PSOL e de contribuir com diferentes setoriais do Partido, leva seus interlocutores, de diferentes círculos sociais, a fazerem tábula rasa da complexidade que envolve seu processo de identificação – uma mulher, estudante-trabalhadora na área da Enfermagem, multivalente em termos de atuação política etc. Assim, tanto os antigos como os novos interlocutores acabam por enxergá-la como uma “pessoa desacreditada” ou um indivíduo “desacreditável” (GOFFMAN, 1988):

Quando eu vou falar (...), as pessoas me veem como a pessoa do PSOL. (...) A partir do momento que eles sabem que eu sou dos movimentos sociais, movimentos de juventude, que eu estou dentro (...) de partido, a coisa muda. (...) e um preconceito mesmo, (...) é como se eu sempre tivesse uma segunda intenção.

Para Tainá, experiência assemelhada à de Ana foi vivenciada no “grupo de ensino”, em sala de aula (CÂNDIDO, 1964), em confronto com docente que, segundo sua percepção, desabonava seu envolvimento com a militância, sua capacidade de reflexão, em síntese “uma perda”:

tive um embate com uma professora por causa disso. (...) A professora me marcou, toda a aula começava a falar de partido, que partido não leva a nada,

olhava para mim, que não era filiada a nenhum partido e olhava para mim. Aí um dia, ela me chamou para conversar e falou (...) que não ia poder passar o aluno que não se apropriasse da teoria, ela se comprometia com a escola pública e que não se faz revolução sem teoria. Eu olhei para ela e falei que: - ‘desculpe, mas a sua teoria não me serve, eu estou em momento da minha vida que eu escolho as teorias que me servem’!

Bruno (PT) revelou que é muito questionado por seu envolvimento com o PT, e, por vezes, sua militância partidária acaba por interferir nas relações de amizade, familiares e também nas interações que estabelece em determinados ambientes da universidade:

acaba afastando um pouco sim, acaba desfazendo amizade. No período eleitoral, no ano passado, também, muitos familiares se tornaram mais distantes, ainda. Você sente, entre os professores (...), quando a discussão é política, sempre há um uma restrição (...) ao meu nome”.

Contudo, os aprendizados acima descritos, não recobrem outros, também significativos e reveladores efeitos derivados da militância, da vinculação a um partido e as oportunidades de aprendizado que a agremiação pode oferecer àqueles que se encontram na fase da juventude.

O jovem petista (Bruno) e uma jovem do PSOL (Ana) deram respostas elucidativas sobre as questões que formulam e os aprendizados que extraem a partir da inserção e envolvimento com seus respectivos partidos.

Segundo Bruno (PT), contribuir com a presente pesquisa foi importante porque ela lhe apresentou questões que ele mesmo formula em relação ao envolvimento de jovens em partidos políticos, em “época tão angustiante”. Em sua resposta, ele foi enfático ao discorrer sobre o porquê e para quê militar em partidos políticos e fazer política:

as perguntas que você faz são as perguntas que eu me vejo fazendo, as vezes mentalmente, para outras pessoas: ‘cadê a galera? Cadê o pessoal que estava no passado levantando bandeira naquele clima legal? Você se encontra sozinho na maioria das vezes e é inquietante mesmo, sabe, querer saber porque que as pessoas não estão nos partidos, sendo que em movimentos sociais e em igrejas as pessoas se comportam como se estivessem dentro de partidos, né? Mas eu acho que a gente vive uma época muito, muito angustiante, é que afasta não só as pessoas de partido, mas de qualquer evento, organização, de qualquer coisa que envolva mais de uma pessoa. Acho que política é isso, sua capacidade de se organizar em grupo

Visão similar à de Bruno, também expressou Ana (PSOL), ao argumentar sobre o porquê e o para quê militar na fase juvenil da vida e a importância dessa decisão para seu processo identitário:

Nessa fase da minha vida, eu percebo que é tudo que eu sou, mesmo. (...). Ser jovem é uma narrativa aberta; tenho essa necessidade de fazer alguma coisa, de deixar alguma coisa aqui, a maneira que eu encontro de fazer alguma coisa é militar; e militar sozinha, eu não conseguiria. (...). Talvez me encontraram, né? Conforme eu abracei isso e me abraçaram dentro do partido, eu passei a encontrar pessoas que tinham os mesmos objetivos que os meus, então para essa fase o que me oferece é o conforto de saber que eu estou construindo alguma coisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo que dão sustentação a este texto dissertativo confirmam a tese de que jovens que vivem as interações sociais e os processos socializadores inerentes as transformações que ocorrem nos blocos de poder na esfera pública e na opinião pública da sociedade brasileira, também se envolvem e se engajam em partidos políticos, ainda que eles conformem um conjunto etário e social numericamente reduzido. Sob tal ponto de vista, os achados da pesquisa que empreendi ratificam aqueles encontrados por investigações dedicadas a mesma temática ou dela aproximada, a exemplo dos trabalhos de Brenner (2011; 2014) e Seidl (2014a; 2014b) para o contexto brasileiro, e também os de Quéniart & Jacques (2002) e Espinoza & Madrid (2010) para os contextos canadense e chileno, respectivamente.

Os jovens universitários da USP-RP que contribuíram com a pesquisa afirmaram de maneira recorrente que a decisão de se engajarem em associações partidárias teve estreitas relações com o tempo, com as interações e os processos socializadores vivenciados em “múltiplos espaços” ou círculos de interações sociais e de socialização – família, escola pública de ensino básico, universidade pública, grupo de pares, a Internet, coletivos estudantis, entre outros.

Nas narrativas que formularam os seis (6) jovens, encontramos também, elementos potentes para compreendermos o trabalho de autoria que eles realizam sobre os valores, princípios e modelos de condutas que internalizaram nos processos de socialização primária e secundária (BERGER & LUCKMANN, 1973): se muitos dos processos socializadores que experimentaram contribuíram à tomada de decisão para o engajamento militante - como, por exemplo, o valor da “solidariedade”, do “altruísmo”, a conduta cotidiana informada pela “sensibilidade social”, a opção ideológico-política “à esquerda”, as questões contemporâneas da mulher e do feminismo, as lutas sindicais de docentes -, nem tudo que internalizaram no “*palimpsesto* de socializações” (MARTUCCELLI, 2012), foi efetivamente incorporado, a exemplo dos “valores de direita”, do “conservadorismo”, das escolhas partidárias integrantes da família ampliada – bisavô, avô, pai, tio, a “caricatura de militante chato”.

A ação dos jovens sobre os conteúdos de seus processos socializadores – primários e secundários, rejeitando e não incorporando determinados conteúdos deles derivados, exhibe os modos como eles se esgrimam com a prova de viverem a juventude e tornarem-se militantes partidários em circunstâncias históricas e socioculturais peculiares da sociedade brasileira; revela, ainda, os caminhos que tomam para se autodeterminarem, conquistarem uma

“autonomia relativa” e adensarem o processo de virem a ser “indivíduos individualizados”, mesmo que continuem atrelados e dependentes, em algum grau, de suas famílias de origem (SINGLY, 2005).

Para eles, o engajamento partidário, em um contexto de “transformações estruturais” na esfera pública, nos blocos de poder e na opinião pública da sociedade brasileira (MARTUCCELLI, 2015), lhes trazem novos arranjos socializadores, aprendizagens, e também a prova de conviverem com situações de discriminação e preconceito, sobretudo em interações e situações nas quais a alteridade evidencia “expectativas normativas”, tomando-os por “pessoas desacreditadas ou desacreditáveis” (GOFFMAN, 1988). Tais situações os desafiam a demonstrar que seus processos de identificação e suas escolhas envolvem maior complexidade e riqueza em termos de produção da subjetividade, pois faz-se necessário enfrentar as gramáticas das “críticas pesadas a quem está em partido”, é preciso lutar contra o “*bullying* político”, “ser corajoso”, “ser resistente”.

Entretanto, o engajamento partidário dos jovens estudados não é redutível aos aprendizados derivados do enfrentamento de situações de discriminação e preconceito. As experiências vividas sob aquele estatuto, associadas às estruturas proporcionadas e oportunidades oferecidas pelas agremiações em que militam, reforçam a busca por autonomia, por individuação e singularização, sobretudo porque a partir do engajamento eles ampliaram as modalidades de atuação política e de militância “no movimento feminista” (Ana e Rita, do PSOL); em projeto de educação não escolar envolvendo “cursinho popular [pré-verstibular] para lugares periféricos” (Ana e Jairo - PSOL), em “espaços mais importantes dentro do sindicato” de professores (Bruno, PT).

Mas há também a jovem que se inquieta com a escolha que fez pelo engajamento partidário, pois aberta a reversão das escolhas, por uma outra escolha, que olha para o futuro com incerteza, mas também com generosidade, de um ator que deseja escrever a sua própria história, caso de Tainá (PSOL), que nos disse, com tranquilidade:

Eu não sei se eu tenho alguma pretensão, se eu enxergo uma militância partidária a longo prazo... (...) Eu tô envolvida no movimento estudantil, assim, com bastante força, e eu entendo que quando eu terminar a faculdade, não vou mais estar no movimento estudantil, né?, Ah! eu não sei, eu não sei se eu vou continuar, eu não sei, o que vai ser do futuro mesmo. Eu acho que eu não tenho a pretensão de (...) de ser militante por muito mais tempo. Eu sei que por me conhecer, eu nunca vou ficar parada...

Ainda é importante assinalar um outro resultado do estudo: todos os jovens universitários que participaram da pesquisa vivem o engajamento partidário sob a condição estatutária de “filhos e filhas de”; todos pretendem alongar a condição estudantil e juvenil, portanto, encontram-se também sob certa heteronomia; sob tal ângulo eles ainda estão atados às aporias inerentes à disjuntiva das dimensões da independência e da autonomia (SINGLY, 2005).

Todavia, em seus depoimentos fica claro que a escolha que fizeram pelo engajamento partidário, na fase juvenil do curso da vida, assim como a disposição que anunciaram para a militância entre outros movimentos e formações associativas, deve ser interpretada como um esforço de adensar seus processos de autonomização e de tornarem-se indivíduos, pois, como lembra Martuccelli (2007, p. 37), “ser um indivíduo é estar definido sobre a marca incompreensível da soberania sobre si e da separação em relação aos outros”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, E. *et al.* **Jovens universitários: entre os territórios físico e numérico, diferentes processos de individuação.** In *XVIII ISA World Congress of Sociology*, Yokohama, Japão, 2014.
- ARAÚJO, K. & MARTUCCELLI, D. La individuación y el trabajo de los individuos, **Revista Educação e pesquisa**, São Paulo, 2010.
- _____. **Desafíos comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos**, Santiago: LOM Ediciones, 2012.
- ÀTTIAS-DONFUT, C. Jeunesse et conjugaison des temps. **Sociologie et sociétés**, Volume 28, número 1, printemps 1996. p. 13-22.
- BERTELLI, A. **Estrutura de classes e estratificação social**, 7ª ed. – Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977. p. 6-83.
- BERGER, B.; BERGER, P. Socialização: Como ser um membro da sociedade: In **Sociologia e sociedade: leituras e introdução à sociologia**. FORACCHI, M.; MARTINS, J.S.. Rio de Janeiro, LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1977:
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOBBIO, N. **Estado, governo, sociedade**; por uma teoria geral da política, 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- BOURDIEU, P. A juventude é mais que uma palavra: In **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- _____. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.59-73.
- _____. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: **O poder Simbólico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.17-58.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela, Kern e Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: EdUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRANDÃO, Z. A dialética micro/macro na Sociologia da Educação. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro: ANPED, julho/2001.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior: 2010** – resumo técnico. Brasília: INEP, 2012.
- BRENNER, A. K. **Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários**, 2011. 307 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

- _____. Experiência militante e repercussões em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos. **Revista NUPEM**, v. 6, n. 10, 2014. p.79-93
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6ª ed. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CÂNDIDO, A. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Nacional, 1964. p. 107-128
- CASSIN, Marco. **O papel do partido como agente de educação: uma concepção marxista-leninista**, s.l.p., 2012. Disponível em: http://www.pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3889&Itemid=61. Acessado em maio de 2016.
- DIAS, M .R. Da capilaridade do sistema representativo. **Revista de Ciências Sociais**. São Paulo V.4 n.2. Jul – Dez de 2004.
- DUARTE, R. **Filmes, amigos e bares: a socialização de cineastas na cidade do Rio de Janeiro**. Tese (doutorado.) Departamento de Educação, PUC, Rio de Janeiro, 2000.
- FERNANDES, F. As “trocinhas” do Bom Retiro” in: FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.
- FERREIRA, V. S. Artes e Manhas da entrevista compreensiva. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.23, n.3, 2014. p.979-992.
- FILLIEULE, O. (org.). Le désengagement militant. **Revue Française de Science Politique**, Paris. v. 51, n. 1-2, p.17-47, fev./abr.2001.
- _____. Devenirs militants. **Sciences Humaines**, nº 144, décembre, 2003. Disponível em: https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_40490.P001/REF. Acesso: julho de 2015.
- FORACCHI, M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- _____. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.
- FORQUIN, J-C. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. **Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações** São Paulo: SESC,| outubro 2003.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- MARTINS, J. S. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil, in: **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2008
- MARTUCCELLI, D. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007.
- _____. **Lecciones de sociologia del individuo**. Lima, Peru: Pontificia Universidade, 2012

- _____. Esfera pública, movimentos sociais e juventude. In: SORJ, B. & FAUSTO, S. (orgs.). **Internet e mobilizações sociais: transformações do espaço público e da sociedade civil**, São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015.
- MELUCCI, A. **O jogo do eu: a mudança de sim em uma sociedade global**. São Leopoldo, RS, 2004.
- MISHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n.s 5/6, 1997. p.134-150
- NEGT, O.; KLUGE, A. **O que há de político na política?** Tradução de José Azenha Júnior, São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999.
- NEVES, C. B. Ensino superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão. In: **Congresso da LASA - Associação de Estudos Latino Americanos**, São Francisco, Califórnia, 2012.
- OPPO, A. Partidos políticos. In BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 4ª. ed, - Brasília, DF : Editora UnB, 1998. p. 898-905
- PAIS, J. M. **Cultura juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.
- PIERRUCCI, A.F. Secularização em Max Webber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 1998.
- PIOTTO, D.C. **As exceções e suas regras: estudos das camadas populares em uma universidade pública**. 2007. 361 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2007.
- PUDAL, B. Da militância ao estudo do militarismo: a trajetória de um politólogo. **Proposições**, Campinas, v.20, n.2 (59), maio/ago. 2009. p.129-138 (Entrevista).
- RUSKOWSKI, B. de O. & SILVA, M.K. O processo de engajamento militante a partir do estudo sobre condições e mecanismos de engajamento. In: **Crisis y Emergencias Sociales en América Latina**. 29, 2013. *Actas Científicas del XXIX Congreso Latinoamericano de Sociología* – ALAS, Santiago, Chile, 2013
- SALATA, A.R. Quem é classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 1, 2015, p. 111 - 149.
- SAWICKI, F.; SIMEANT, J. Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, n. 28, ano 13, 2011. p. 200-255.
- SCHATTSCHNEIDER, E. E. **The semisovereign people**: N New York: Holt, Rinehart and Winston, 1960.

- SEIDL, E. Engajamento e investimento militantes: elementos para a discussão. In: CARRANO, P. & FÁVERO, O (orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói: UFF, 2014. p.55-67.
- _____. Notas sobre o ativismo juvenil, capital militante e intervenção política. **Política & Sociedade**, vol.13, n. 28, set/dez. 2014. p. 63-78
- SETTON, M.G.S. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, n.1, v.28, jan./jun. 2002. p. 107-116
- _____. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.15, n.28, , 2010. p.19-35
- SINGLY, F. de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.F; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (org). **Família e individualização**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.
- _____. Las formas de terminar y no terminar la juventude. **Revista de Estudios de Juventud**, nº 71, p.111-121, dec. 2005.
- SILVA, B.G.R.S da. Estudo sociológico da amizade duradoura e de sua função social na sociedade contemporânea. **Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 06 – Ano III – 10/2014** Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM – QUALIS/CAPES – LATINDEX – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes.
- SILVA, M. K. & RUSKOWSKI, B. de O. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3, jan-jul, 2010. p. 23-48
- SZYMASKI, H.; ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004. 2ª Ed., 2008.
- SORJ, B. & MARTUCCELLI, D. **O desafio latino-americano: coesão social e democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SOUSA, J.T. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. **Cadernos de Pesquisa**, nº 32, fevereiro, 2003
- _____. **A experiência contemporânea da política entre jovens no sul do Brasil**. Florianópolis, 2015 (Relatório de Pesquisa). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D9786.dir/RELATORIOJaniceTirelli.pdf>
- SOUZA, R.M. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006.
- SOUZA, H. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro. 21(4):24-30, out./dez. 1987

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, v. 57, 2003. p. 210-226

_____. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados. **JOVENes**, Revista de Estudios sobre Juventud, México, DF, ano 9, nº 22, jan/jul, 2005.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, nº especial, 2010. p. 95-106

TARABOLA, F.S **Aspirantes**: desafios de estudantes da USP egressos de escolas públicas no contexto do novo tensionamento político-social brasileiro. 2015. 451f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2015.

TOMIZAKI, K.; ROMBALDI, M. Construindo a legitimidade: reflexões sobre as transformações das práticas de militância no movimento sindical. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago. 2009. p. 93 – 112.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de Mestrado da Universidade de São Paulo pertencente à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto no Departamento de Educação, Informação e Comunicação de responsabilidade de Matheus Guenzo Zeotti Tokairin, Rg: 34279850-9 sob a orientação do Professor Doutor Elmir de Almeida intitulada por: “Jovens universitários e engajamento político partidário em Ribeirão Preto: Um estudo de caso”. A realização deste trabalho pretende contribuir com as produções acadêmicas realizadas no campo dos estudos sobre juventude e engajamento político partidário no Brasil.

Nosso objetivo é compreender as experiências que conduzem os jovens universitários a se engajarem a partidos políticos nos dias que ocorrem e pretende-se contribuir para o debate acerca dos processos de socialização política e engajamento político dos jovens universitários contemporâneos.

A entrevista percorrerá roteiro não fechado respeitando as narrativas produzidas por você, estando também sujeita a interação por parte do pesquisador a fim de corroborar com o aprofundamento do tema.

Por tratar-se de entrevista narrativa sobre trajetórias individuais e pessoais é importante ressaltar que há o risco de desconforto psicológico, sendo assim, você poderá interromper sua participação a qualquer momento que julgar de seu interesse. Esta proposta é norteadada pela Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde que prevê entre outras questões respeitar sua dignidade e autonomia, a livre decisão de aceitar ou recusar a participação neste estudo através de manifestação expressa, livre e esclarecida.

Em caso de dúvida ou questionamento, você poderá solicitar qualquer esclarecimento em qualquer momento da entrevista, preservando assim seus direitos de interrupção, suspensão e não publicação das informações colhidas, sem que isto acarrete a qualquer penalidade ou prejuízo ao seu tratamento/estudo, nem represália de qualquer natureza.

A entrevista será gravada em arquivo de áudio para posteriormente ser transcrita e adaptada à dissertação de Mestrado, os arquivos de áudio serão destruídos e descartados após a transcrição, mantendo-se apenas na forma escrita o resultado apresentado na própria dissertação e em outras publicações que por ventura ocorram no meio acadêmico. Será preservado sigilo de dados confidenciais ou dados que de algum modo, lhe possam provocar constrangimentos ou prejuízos.

A previsão de duração da entrevista é de 60 a 90 minutos e ocorrerá preferencialmente em sala ou dependências apropriadas no Campus da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto e deverá

oferecer condições para a coleta de áudio e preservação de sigilo. A data será acordada mediante a sua disponibilidade de participação.

Não haverá nenhuma forma de reembolso ou restituição financeira uma vez que a participação nesta pesquisa não acarretará em nenhum custo a você.

Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no momento que anteceder o início da entrevista. O endereço para contato com o pesquisador é: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901 - Bairro Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP –Brasil. Tel. 55(16) 3315-3670 | E-mail: matheustk@usp.br.

Em caso de denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa: CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660 (direto) ou 3633-5015 E-mail: coetp@ffclrp.usp.br / homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>.

Estando feito o esclarecimento legal desta pesquisa e confirmando o livre consentimento em participar, faz-se necessária a validação de sua participação mediante a rubrica em todas as páginas e assinatura no campo assinalado abaixo:

Nome: _____ local/data: _____

Assinatura: _____ Rg: _____ nºUSP: _____

Pesquisador responsável: Matheus Guenzo Zeotti Tokairin. Rg: 34279850. Nº USP: 7266688.

Assinatura: _____

APÊNDICE II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –Menores de 18 anos.

Seu filho (a) ou dependente legal está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de mestrado da Universidade de São Paulo na pertencente à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto no Departamento de Educação, Informação e Comunicação de responsabilidade de Matheus Guenzo Zeotti Tokairin, Rg: 34279850-9 sob a orientação do Professor Doutor Elmir de Almeida intitulada por: “Jovens universitários e engajamento político partidário em Ribeirão Preto: Um estudo de caso”. A realização deste trabalho pretende contribuir com as produções acadêmicas realizadas no campo dos estudos sobre juventude e engajamento político partidário no Brasil.

Objetiva-se compreender as experiências que conduzem os jovens universitários a se engajarem a partidos políticos nos dias que ocorrem e pretende-se contribuir para o debate acerca dos processos de socialização política e engajamento político dos jovens universitários contemporâneos.

A entrevista percorrerá roteiro não fechado respeitando as narrativas produzidas pelo (a) participante, estando também sujeita a interação por parte do pesquisador a fim de corroborar com o aprofundamento do tema.

Por tratar-se de entrevista narrativa sobre trajetórias individuais e pessoais é importante ressaltar que há o risco de desconforto psicológico, sendo assim, o (a) participante ou você poderá interromper sua participação a qualquer momento que julgar de seu interesse. Esta proposta é norteadada pela Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde que prevê entre outras questões respeitar a dignidade e autonomia, a livre decisão de aceitar ou recusar a participação neste estudo através de manifestação expressa, livre e esclarecida.

Em caso de dúvida ou questionamento, o (a) participante ou você poderá solicitar qualquer esclarecimento em qualquer momento da entrevista, preservando assim o direito de interrupção, suspensão e não publicação das informações colhidas, sem que isto acarrete a qualquer penalidade ou prejuízo ao tratamento/estudo do (a) participante, nem represália de qualquer natureza.

A entrevista será gravada em arquivo de áudio para posteriormente ser transcrita e adaptada à dissertação de Mestrado, os arquivos de áudio serão destruídos e descartados após a transcrição, mantendo-se apenas na forma escrita o resultado apresentado na própria dissertação e em outras publicações que por ventura ocorram no meio acadêmico. Será preservado sigilo de dados confidenciais ou dados que de algum modo, possam provocar constrangimentos ou prejuízos.

A previsão de duração da entrevista é de 60 a 90 minutos e ocorrerá preferencialmente em sala ou dependências apropriadas no Campus da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto e deverá

oferecer condições para a coleta de áudio e preservação de sigilo. A data será acordada mediante a disponibilidade de participação.

Não haverá nenhuma forma de reembolso ou restituição financeira uma vez que a participação nesta pesquisa não acarretará em nenhum custo ao entrevistado (a).

O (a) participante receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no momento que anteceder o início da entrevista. O endereço para contato com o pesquisador é: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901 - Bairro Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP -Brasil. Tel. 55(16) 3315-3670 | E-mail: matheustk@usp.br.

Em caso de denúncias e/ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa: CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660 (direto) ou 3633-5015 E-mail: coetp@ffclrp.usp.br / homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>.

Estando feito o esclarecimento legal desta pesquisa e confirmando o livre consentimento em participar, faz-se necessária a validação de sua participação mediante a rubrica em todas as páginas e assinatura no campo assinalado abaixo:

Pesquisador responsável: Matheus Guenzo Zeotti Tokairin. Rg: 34279850. Nº USP: 7266688.

Assinatura:_____

Nome do responsável:_____

Assinatura:_____ Rg:_____

Nome do entrevistado (a):_____

Assinatura:_____ Rg:_____ nº USP:_____

APÊNDICE III

JOVENS UNIVERSITÁRIOS E ENGAJAMENTO POLÍTICO PARTIDÁRIO EM RIBEIRÃO PRETO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Caracterização do entrevistado

- Nome: _____
- Sexo: _____ Idade: _____
- Onde o com quem mora: _____
- Curso e período em que se encontra: _____
- Cor/ raça: _____
- Faixa de renda: _____
- Partido no qual milita: _____
- Religião: _____
- Trabalha: () Sim () Não Em quê? _____
- E-mail: _____
- Telefone(s): _____

2. Perguntas abertas

- a) - Que contribuições o engajamento e a militância partidária têm lhe oferecido para viver a fase da vida que você se encontra – a juventude?
- b) - Como sua vivência partidária é compartilhada com seus amigos?
- c) - Como sua vivência partidária é compartilhada com seus familiares?

d) - Como você vivência a militância partidária com outros planos/dimensões de sua experiência cotidiana, escola, lazer, atividades culturais entre outras?

e)– Para você, o que é ser um militante partidário nos dias atuais?

f) - Como militante partidário, quais são seus projetos de futuro?

g) – Como jovem, quais são seus projetos de futuro?

ANEXO I

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/071-dgfs

Ribeirão Preto, 31 de julho de 2015

Prezado Pesquisador,

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado **"Jovens universitários e engajamento político partidário em Ribeirão Preto"** foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 145ª Reunião Ordinária, realizada em 30.07.2015, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º 45244115.1.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª **Marina Rezende Bazon**
Coordenadora

Ao Senhor
Matheus Guenzo Zeotti Tokairin
Programa de Pós – Graduação em Educação da FFCLRP/USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3315-9101
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br

ANEXO II

BANCO DE TESES CAPES – SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

SOUZA, ANDREA CRISTINA OLIVEIRA DUARTE DE. CAMINHOS DO SINDICALISMO: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO SEPE/BAIXADA FLUMINENSE ' 01/09/2012 150 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO CFCH

Palavras-chave: Disposição política; professor sindicalizado; socialização

Resumo: A presente dissertação, a partir de um diálogo entre a História da Educação e a Sociologia da Educação, procura entender como nove professoras sindicalizadas da rede pública da Baixada Fluminense desenvolveram sua disposição política. Ou seja, com base em uma história da profissão docente, tem-se como finalidade compreender de que maneira os espaços de socialização - movimento estudantil, movimento social, Igreja, movimento operário, movimento de esquerda e família - contribuíram para a constituição da identidade sindical das professoras em foco. Nesse sentido, as entrevistas - recurso metodológico utilizado - são analisadas sob a luz dos conceitos de "socialização", "disposição política", "configuração social" e "identidade social", respectivamente de Lahire, Elias e Dubar. Tem-se como intuito construir uma sociologia do indivíduo que define o social a partir das formas como as próprias relações sociais entre os indivíduos são constituídas. Pretende-se, dessa forma, entender a conformação da identidade sindical não a partir do movimento social estrito sensu, mas segundo a força socializadora dos espaços sociais por onde, por ventura, as entrevistadas tiveram a oportunidade de circular. A dissertação ainda conta com uma revisão bibliográfica sobre a história da organização sindical docente, principalmente do Rio de Janeiro, uma explanação sobre a vocação política da Baixada Fluminense e uma análise das entrevistas. Mostra, enfim, que a vida sindical pode ser entendida como um fazer para "iniciados".

Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO

ANDRADE, MELISSA MARIA DE FREITAS. NEGRITUDE EM REDE: DISCURSOS DE IDENTIDADE, CONHECIMENTO E MILITÂNCIA - UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE NEGROS DO ORKUT (2004-2011) ' 01/07/2012 139 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: FEUSP

Palavras-chave: Ciberativismo, Identidade negra, Inteligência coletiva...

Resumo: Mediante o estudo das atividades relacionadas à comunidade NEGROS presente no Orkut desde 2004 e que, atualmente, reúne 36.000 membros -, este trabalho busca contribuir para identificar o papel das redes sociais no que diz respeito à construção de conhecimentos e ao desenvolvimento de iniciativas destinadas a combater o racismo no Brasil. As novas tecnologias ampliaram significativamente os veículos de comunicação e de informação existentes e permitiram que as redes sociais ganhassem grande expressão nos últimos anos, de maneira que não é possível ignorar o potencial formativo desses meios. Por essa razão, optouse pelo estudo de uma das primeiras comunidades criadas na rede social Orkut com vistas a congregar pessoas com interesse pela situação do negro no Brasil. Tal estudo privilegiou a análise dos discursos produzidos a respeito da identidade negra em dois tópicos do fórum da comunidade voltados especificamente para a autodeclaração racial. Para compreender o processo de constituição da identidade negra, recorreu-se aos aportes teóricos de, entre outros, MUNANGA (2009) e FERREIRA (2000); já o entendimento do ciberespaço e, especificamente, da comunidade estudada como espaço de saber e dos coletivos inteligentes teve como referência o trabalho de LEVY (1999). Pretendeu-se, também, investigar de que maneira os membros veem a referida comunidade e seus conteúdos, buscando ainda reunir elementos sobre o grau de participação dos mesmos. Para isto, foram realizadas entrevistas com três integrantes com perfis bastante distintos, mas com grande expressão no grupo. A análise dos dados coletados mostrou que os discursos de identidade negra são construídos de modos diferenciados, mesmo que a comunidade invoque certa homogeneidade. Foi possível captar nas falas dos membros da NEGROS desde a consciência da opressão histórica-política até o orgulho do pertencimento, passando pelo sofrimento causado pelo preconceito. Além disso, foi possível constatar que as possibilidades de socialização da comunidade potencializam a construção coletiva de conhecimentos relativos à identidade do grupo. Por fim, deve-se assinalar que o presente trabalho deteve-se nas discussões sobre o potencial ativista das redes sociais que, recentes como são, ainda suscitam várias polêmicas sem, entretanto, oferecer respostas definitivas a esse respeito.

Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO

NASCIMENTO, JOELMA GENTIL DO. MEMÓRIAS ORGANIZATIVAS DO MOVIMENTO NEGRO CEARENSE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E OLHARES DAS MULHERES MILITANTES, NA DÉCADA DE OITENTA ' 01/06/2012 180 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA

Biblioteca Depositária: HUMANIDADES/UFC

Palavras-chave: movimento negro cearense, mulheres militantes

Resumo: dissertação objetiva contribuir com a discussão acerca de alguns aspectos organizativos do movimento negro no Ceará, na década de oitenta, do século XX. Buscamos neste sentido, reunir e trazer à cena elementos diversos destas organizações, e suas construções nos contextos político, cultural e educacional. Na análise empreendida, atribuímos ênfase às vozes das mulheres que exerceram a função de lideranças no interior de diversas organizações sociais. Foram, assim, nossas principais interlocutoras, no processo de construção do trabalho. A análise teórica foi conduzida à luz de pesquisadores/as que teorizam no âmbito dos movimentos sociais, do gênero, com o recorte de raça, do movimento social negro e da memória coletiva. Como suporte documental básico, nos utilizamos de documentos diversos, tais como folder de divulgações, cartilhas e informativos. Todos elaborados pelos militantes da década estudada, no referido estado. Nos valem também de farto material fotográfico. Todos compõem acervos pessoais de grande parte dos entrevistados. Nesta pesquisa, tratamos das formulações políticas, as estratégias e respectivas formas de organização das entidades negras no Ceará. Notamos que entidades negras expandiram suas atuações por vários municípios do estado, num mesmo período em ampliações semelhantes ocorriam em outras regiões do território nacional. Ora por meio de pesquisa sobre a História da população negra no Ceará e outras vezes pela articulação de novos núcleos, as discussões e reflexões iam se fazendo presentes, na capital e para além desta. Durante o trabalho de campo, concluímos que o contemporâneo movimento negro cearense teve como força motriz o protagonismo das mulheres negras. Tal modelo ocorreu desde a constituição da primeira organização no estado às mobilizações e articulações que no decorrer da década de oitenta resultaram na criação de outras entidades. Pudemos perceber, também, inúmeras intervenções elaboradas pelo dinamismo destas mulheres lideranças nos espaços educacionais formais e informais, que contribuíram com a redemocratização de parcela significativa dos meios de comunicação, bem como dos ambientes de socialização e de formação política. Nas considerações finais, analisamos que o movimento negro cearense daquele decênio se caracterizou pela multiplicidade de estratégias de ação no campo das linguagens culturais, artísticas, religiosas, recreativas e sócio-históricas. Também, utilizaram-se da atuação conjunta com diversos movimentos sociais da cidade, segmentos religiosos e produção de imprensa radiofônica, nas emissoras comunitárias. Este trabalho foi possível graças às redes ainda presentes, algumas décadas depois dos movimentos sociais negros e inúmeras lideranças, da cidade, que contribuíram com seus pensamentos, sentimentos e memórias (orais ou impressas). Sem estas pessoas, não teríamos chegado até o capítulo conclusivo, aqui apresentado.

Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO

ROBALLO, JOSE HENRIQUE MACHADO. CULTURA POLÍTICA, SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA E INTERNET: UM ESTUDO DE CASO COM OS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE RIO PARDO/RS ' 01/11/2011 1 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

Palavras-chave: a informar

Resumo:

A presente dissertação propõe a discutir a internet e a juventude a luz da abordagem culturalista da Ciência Política. O tema em questão versa sobre a análise da socialização política e o uso da internet por parte dos jovens estudantes matriculados no ensino médio regular do município de Rio Pardo, região central do Rio Grande do Sul. Objetiva-se com a pesquisa interpretar a cultura política e o perfil de socialização constituída nos jovens e a influência destas características nos hábitos de acesso da internet. Especificamente, propõe-se traçar o posicionamento político dos jovens de ensino médio do município de Rio Pardo, no que tange aos seus posicionamentos mais ou menos democráticos; captar seus hábitos de consumo da internet, identificando suas páginas mais acessadas e para qual finalidade; mensurar o interesse da população escolhida por assuntos afeitos ao mundo da política formal e informal; e, mapear diferenças de opinião política por gênero, etnia/cor, renda e ano escolar. Para tal análise foram propostas as seguintes hipóteses: há uma correlação entre o perfil demográfico dos estudantes de ensino médio e a cultura política presente na população analisada e o acesso de sítios na internet (acesso a informações sobre política ou temas afeitos à área); as variáveis de gênero, etnia/cor, renda e ano escolar são importantes para entender a relação que os estudantes têm com o que é acessado na internet e o interesse pela política. A pesquisa constitui-se em um estudo de caso junto aos alunos de ensino médio da Escola Fortaleza. A coleta dos dados foi composta de duas fases, sendo a primeira um survey, onde foi entrevistado oitenta e um alunos. Na segunda fase foram selecionados dez alunos para entrevistas semiestruturadas. Os dados resultantes do survey foram analisados no programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Science); já os dados da segunda fase serviram para aprofundar questões sobre cultura política, socialização política, valores democráticos e internet. Preliminarmente, verifica-se que a população apresenta os valores democráticos pouco desenvolvidos o que acarreta a subestimação do uso da internet como ferramenta de troca de informações e comunicação política.

Áreas Afins: CIÊNCIA POLÍTICA

CASALECCHI, GABRIEL AVILA. "SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA E MUDANÇAS DE ATITUDES: A EXPERIÊNCIA DO PARLAMENTO JOVEM MINEIRO 2008" ' 01/02/2012 110 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE

Biblioteca Depositária: FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Palavras-chave: socialização política, educação cívica, atitudes políticas.

Resumo:

O Parlamento Jovem (PJ) é um projeto da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) desenvolvido conjuntamente com a PUC-Minas e destinado aos alunos do ensino médio de Belo Horizonte. Ao longo de um semestre, alunos dessas escolas desenvolvem uma série de atividades concentradas em três etapas – formação, capacitação e participação – e na participação final no Plenário da ALMG. O objetivo geral da pesquisa é a avaliação – através da teoria da socialização política – das mudanças nas atitudes proporcionadas pelo PJ. Mais especificamente, qual é o impacto do PJ na confiança e nas imagens da ALMG e dos seus deputados? Esse impacto existe mesmo quando controlado por outras variáveis relevantes? Qual é a direção desse impacto? Quando ele é potencializado? Quais os mecanismos vinculados a esse processo? Todas essas perguntas são investigadas a partir dos dados do survey da pesquisa? O Parlamento Jovem como espaço de socialização política? Trata-se de um quase-experimento com pré-teste, pós-teste e grupo de controle.

Área de Conhecimento: CIÊNCIA POLÍTICA

CUNHA, PATRICIA RODRIGUES CHAVES DA. DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA: UMA PERCEPÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DE JUVENTUDE ' 01/02/2011 1 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCS.

Palavras-chave: a informar

Resumo: *Não disponível no Banco de Teses da CAPES, no sítio eletrônico da Biblioteca Central da UFRGS e também no Google.*

Área de Conhecimento: CIÊNCIA POLÍTICA

VECHIA, RENATO DA SILVA DELLA. O RESSURGIMENTO DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO GAÚCHO NO PROCESSO DE
REDEMOCRATIZAÇÃO: AS TENDÊNCIAS ESTUDANTIS E SEU PAPEL (1977-1985) '
01/03/2011 413 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO
ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

Palavras-chave: Movimento estudantil; tendências estudantis; redemocratização

Resumo:

O presente trabalho busca resgatar o papel que as tendências estudantis tiveram no processo de rearticulação do movimento estudantil durante a redemocratização do Brasil. Ao longo dos anos os estudantes vivenciaram inúmeros momentos de protagonismo, como na luta contra a implantação da ditadura militar em nosso país e posteriormente no processo de redemocratização da sociedade brasileira. Durante os períodos mais duros da repressão, muitos militantes juvenis foram para o enfrentamento armado com o regime, o que levou à uma fragmentação e posterior extermínio físico de centenas de militantes, afora as prisões, exílios e outras medidas punitivas. No entanto, na segunda metade da década de 1970 e início da de 1980 os estudantes voltaram às ruas para questionar o regime. Nesse momento, a organização dos estudantes em tendências estudantis (estruturas parapartidárias e semi-clandestinas) foi o que possibilitou o reencontro e articulação de lideranças estudantis no país inteiro, viabilizando o ressurgimento da União Nacional de Estudantes, das Uniões Estaduais de Estudantes e a retomada dos DCEs das mãos de setores ligados ao regime dentro do movimento estudantil. Esse novo movimento estudantil que ressurgiu pode ser descrito como um importante movimento social da época, visto que respondeu aos critérios utilizados por Alan Touraine para classificá-los como tal. Através de pesquisa bibliográfica, busca à jornais e bibliotecas, bem como entrevistas de ex militantes, procuramos reconstituir um panorama do movimento estudantil gaúcho no período compreendido entre 1977 e 1985.

Área de Conhecimento: CIÊNCIA POLÍTICA

CANDOTTI, FABIO MAGALHAES. EM DEFESA DA JUVENTUDE: A PARTICIPAÇÃO COMO MEIO DE GOVERNO ' 01/07/2011 200 f. DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA OCTÁVIO IANNI/IFCH E BIBLIOTECA CENTRAL/UNICAMP

Palavras-chave: saber, governo, tecnologia política, juventude, cultura

Resumo:

Nas últimas décadas, no Brasil como em outros países, pode-se notar uma importante expansão e intensificação de preocupações e de soluções relativas ao governo dos mais jovens, principalmente daqueles que entram nas estatísticas da pobreza. Em meio a tal acontecimento, ao menos um grande consenso ganhou força e estabilidade, definindo um solo comum para controvérsias locais e globais. Trata-se da correspondência geral entre a dupla preocupação com a educação e com a socialização dos mais jovens e a dupla consideração das escolas e dos meios e programas culturais como soluções complementares entre si. Tomando por via de acesso pequenos e grandes acontecimentos da história moderna, a tese se dedica a analisar esse consenso justamente como algo que toma forma por meio dessa relação entre problemas e soluções, ou seja, em função dos saberes e das técnicas que os definem. E na medida em que os saberes em questão são voltados ao governo de coletivos e relações humanas, a descrição desse consenso implica uma análise de sua articulação com certas relações de poder, com um mundo vivo de forças que ele ajuda a ordenar, mas que também o obrigam a ajustes imprevistos. Num primeiro momento, a tese descreve a maneira como um conjunto ou dispositivo técnico disciplinar opera a correspondência inicial entre um problema de educação e uma solução escolar. Em seguida, a análise se volta para a outra correspondência em questão, aquela entre um problema de socialização e uma solução cultural. Nesse caso, o conjunto técnico encontrado foi chamado de “participativo”. Ao fim, é apresentada uma descrição do processo mais recente de generalização desse último dispositivo como meio político do consenso posto como ponto de partida.

Área de Conhecimento: SOCIOLOGIA

SALLES, DENISE MERCEDES NUNEZ NASCIMENTO LOPES. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CONFIANÇA NA AMÉRICA LATINA: O PAPEL DA CULTURA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES ' 01/12/2012 217 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO IESP

Palavras-chave: Participação política, América Latina, Legitimidade

Resumo:

O crescente debate sobre os efeitos da desconfiança nas instituições para a legitimidade dos governos dos países da América Latina é enfocado aqui a partir do exame das características da participação política na região. Nosso foco é o estudo comparativo das principais hipóteses explicativas da relação entre confiança, desempenho institucional e socialização política. Analisamos os determinantes da participação política considerada tanto na sua dimensão eleitoral quanto de ativismo em associações políticas em 18 países latino-americanos. Utilizamos dados no nível individual do Barômetro das Américas de 2008 (LAPOP), e dados macro a partir de fontes diversas para mensurar o desempenho, como: desenvolvimento humano e econômico, corrupção e taxa de homicídios. As técnicas de análise de dados empregadas são regressões logísticas e OLS e as variáveis independentes foram definidas de modo a permitir a comparação do potencial explicativo de cada uma das três abordagens teóricas do debate mais recente: cultura política, institucionalismo e teoria da modernização.

Área de Conhecimento: CIÊNCIA POLÍTICA

ANEXO III

ANEXO – BANCO DE TESES CAPES

DESCRIPTOR: JUVENTUDE/JOVENS E PARTIDOS POLÍTICOS

Autor: GABRIEL DE ABREU GONCALVES DE PAIVA,

Título da dissertação: A UNE E OS PARTIDOS POLÍTICOS NO GOVERNO LULA (2003-2010)

Data de defesa: 01/03/2011

Número de páginas: 176 f.

Modalidade: MESTRADO ACADÊMICO

Área do conhecimento: EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: Educação, Políticas Sociais e Estado

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ, CASCABEL (*campus* Cascavel)

Biblioteca Depositária: UNIOESTE - CAMPUS DE CASCABEL

Orientador: GILMAR HENRIQUE DA CONCEICAO

Palavras-chave: UNE. Governo Lula. Partidos Políticos. Movimentos Estudantis

Resumo: Neste trabalho analisamos a relação da União Nacional dos Estudantes (UNE) com o Governo Lula e a atuação dos partidos políticos na entidade, no período que se estende de 2003 a 2010. Fundamentado em autores como Saldanha (2008), Martins Filho (1987), Bringel (2009), partimos da hipótese que os movimentos estudantis passam por mudanças, sendo equivocado atribuir à participação dos estudantes um caráter genérico e imutável. Após a vitória de Lula, no ano de 2002, a UNE deixou o campo de oposição, para uma relação de colaboração. Por meio das categorias independência e democracia, nosso objetivo foi compreender a relação da UNE com o governo na elaboração, proposição de emendas e apoio aos projetos governamentais. Utilizamos para a realização desta pesquisa documentos dos congressos da UNE, principalmente as teses defendidas pelas tendências de juventude dos partidos políticos no movimento; programas e manifestos dos partidos políticos que atuam na entidade; documentos da UNE que se referem a proposta de políticas à educação superior; fontes jornalísticas da imprensa; reportagens da revista Movimento; como também de documentos e panfletos dos movimentos estudantis. A análise dos depoimentos e dos documentos demonstraram a posição da UNE, representando perspectivas teóricas e políticas que nem sempre aparecem explicitamente, mas quando mediadas por um quadro conceitual, podem contribuir na compreensão das posições assumidas pela entidade. Assim, foi possível compreender, a partir dos discursos e documentos, a função política da UNE na aplicação dos projetos governamentais. Mesmo diante deste quadro a entidade permaneceu sendo disputada

pelas tendências estudantis, organizadas por partidos políticos. Desta forma, realizamos a análise da disputa entre os partidos no interior dos congressos da UNE pelos rumos da entidade. Nas considerações finais demonstramos o processo de cooptação da UNE pelo Estado, procurando evidenciar que seus atos mostram-se condizentes com a política assumida pelo Governo Lula. Todavia, apontamos a ocorrência de um processo de reorganização dos estudantes, que questionaram e romperam com a UNE.

Autor: CARLOS HENRIQUE BARBOSA BUCK

Título da dissertação: A UNE E A MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS ESTUDANTIS DURANTE O ESTADO NOVO.

Data de defesa: 01/10/2012

Número de páginas: 131 f.

Modalidade: MESTRADO ACADÊMICO

Área do conhecimento: HISTÓRIA DO BRASIL

Linha de Pesquisa: Ideologia e Política

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA, *campus* Niterói, RJ

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSO – *campus* NITERÓI

Palavras-chave: UNE; política estudantil

Resumo: Nesta pesquisa, analisamos as estratégias de mobilização política dos estudantes universitários implementadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE) durante o Estado Novo (1937-1945), a partir de um olhar comparativo com as estratégias de mobilização política da juventude postas em prática pelo governo estadonovista. Analisamos, ainda, o processo de constituição da UNE como a associação representativa dos universitários em nível nacional e, como tal, sua interação com o corpus governamental e com as diferentes representações da sociedade civil.

ANEXO IV

ANEXO - RESULTADOS DAS BUSCAS NO BANCO DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS DA USP/DEDALUS

HEDER, F. M. **Socialização para a cidadania**: limites e possibilidades no universo das Organizações Não-Governamentais. São Paulo: FEUSP, 2009, 138p. (Dissertação de mestrado)

Área do Conhecimento: Educação

Resumo:

O objetivo do presente trabalho é analisar uma proposta de prática sócio-educativa de uma ONG chamada Fundação EPROCAD, buscando verificar as potencialidades e limites de suas estratégias socializadoras para a constituição das formas de ser, pensar e agir de jovens das camadas populares enquanto cidadãos. Neste sentido procurou-se: 1) constatar que tipo de disposições de *habitus* políticos a maioria dos jovens pesquisados possuía, classificando-os a partir das categorias cidadão passivo; sujeito à intervenção e sanção de uma ordem político-jurídica que lhe atribui deveres e direitos, mas que não são exercidos, nem questionados, e/ou cidadão ativo; que incorpora em suas disposições a vontade de participação nas esferas públicas de poder, reivindicando direitos e inserindo-se nas relações sociais transformando-as; 2) analisar a ONG a partir de sua história, missão, ações, objetivos, relações institucionais etc, procurando desvendar sua proposta em termos de socialização política dos jovens; 3) examinar a prática educativa desta instituição a partir do conteúdo abordado, das estratégias/metodologias utilizadas, dos sujeitos envolvidos e do tipo de relação estabelecida entre eles, buscando comparar esta prática com o discurso da organização; e, por fim, 4) comparar o tipo de disposições de *habitus* políticos dos jovens pesquisados com o tipo de cidadão que a instituição se propõe a formar, para entender a) as potencialidades e limites do poder de socialização política da ONG sobre os jovens e, finalmente, b) que tipo de cidadão ela contribui para formar efetivamente. A pesquisa de campo se deteve em torno de documentos institucionais, da observação de campo, de entrevistas e do desenvolvimento de uma atividade de dramatização com alguns jovens alunos da ONG. Foi possível verificar que a contribuição da ONG no processo socialização política dos jovens é marcada por uma série de contradições, contribuindo de forma tímida, mas efetiva, para que alguns jovens constituam-se como cidadãos que mesclam características ativas e passivas em suas formas de ser, pensar e agir politicamente no mundo.

Palavras-chave: socialização; cidadania; organização não-governamental; educação não formal.

BRENNER, A. K. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. São Paulo, FEUSP, 2011, 288p. (Tese de doutoramento).

Área do conhecimento: Educação

Resumo:

Essa tese se insere no emergente campo dos estudos sobre a juventude no Brasil. Seu problema de investigação está orientado para a busca de compreensão sobre a experiência de jovens militantes de partidos políticos. Encontram-se em transformação as formas e modos de agir político; novos grupos e demandas políticas engendram maneiras alternativas de mobilização em relação ao que ocorre em espaços tradicionais de engajamento, tais como partidos, sindicatos, etc. Contudo, os partidos continuam arregimentando jovens para seus quadros. Em linhas gerais, investigou-se as experiências militantes, os caminhos percorridos até o engajamento em um partido, as práticas dos jovens nos partidos e sua relação com o tempo. Buscou-se compreender, ainda, a maneira como as experiências partidárias incidem sobre os demais aspectos da vida desses jovens. O estudo foi desenvolvido adotando a perspectiva de investigação qualitativa baseada na realização de entrevistas individuais com jovens universitários que revelaram, através de um questionário inicial, seu engajamento em partidos políticos. Foram realizadas entrevistas com 21 jovens, sendo 10 deles entrevistados em uma segunda etapa, cerca de um ano depois da realização da primeira entrevista. Os jovens estavam engajados em 5 diferentes partidos, todos do espectro político de esquerda: PT, PSOL, PSTU, PCdoB e PDT. A escolha por jovens universitários se deu pela necessidade de realização de recorte que permitisse a entrada em um campo que tivesse alguma delimitação espacial e temporal. Além disso, a militância partidária juvenil é tradicionalmente iniciada no âmbito da escola. A elaboração de critérios de seleção dos jovens a serem entrevistados, que considerou o grau de seletividade dos cursos universitários cursados pelos jovens, permitiu reunir um grupo bastante diverso sob o ponto de vista das origens sociais; jovens de elites intelectuais, de camadas médias e populares estão presentes entre os 21 militantes entrevistados. Os jovens militantes se inserem em diferentes espaços de militância: Movimento estudantil, movimentos populares, organizações sociais, espaços internos do partido, etc; e as experiências incidem de maneiras variadas sobre amizades, relacionamentos afetivos, família, escolhas profissionais e inserção no mercado de trabalho. O tempo de engajamento, as variações de investimento militante e os trânsitos por diferentes espaços de militância partidária compõem um mosaico de experiências que, em alguns casos, permite uma análise do engajamento sob a perspectiva de carreiras militantes.

Palavras-chave: jovens; partidos políticos; movimento estudantil; socialização política

ANEXO V

BANCO DE TESES CAPES DESCRIPTOR: SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA – 120 REGISTROS DE TRABALHOS

Áreas do Conhecimento
EDUCAÇÃO
SOCIOLOGIA
CIÊNCIA POLÍTICA
COMUNICAÇÃO
SERVIÇO SOCIAL

Descritor: Socialização política

Educação – 51 trabalhos

1. COLVERO, KAE STOLL. A NORMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA (1961-1993) ' 01/04/2011 150 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO CFC_

2. AMARAL, MARIA GERLAINE BELCHIOR. A POLÍTICA DE SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFC NO PERÍODO DE 1997 A 2011. ' 01/10/2012 250 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA

Biblioteca Depositária: HUMANIDADES/UFC

3. SOUZA, ANDREA CRISTINA OLIVEIRA DUARTE DE. CAMINHOS DO SINDICALISMO: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DO SEPE/BAIXADA FLUMINENSE ' 01/09/2012 150 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO CFCH

4. MARTINS, THAIS DA SILVA ALVES. A DOCÊNCIA EM SUAS DIMENSÕES PROFISSIONAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS: UM ESTUDO SOBRE A ESCOLA DO PROFESSOR DO SINPRO-RIO (2000-2010) ' 01/08/2012 99 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO CFCH

5. PEREIRA, MARIA GILVANIA VALDIVINO. EXPERIÊNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO: O CASO DE FAMÍLIAS DE TRABALHADORES NO BAIRRO FERRAZÓPOLIS, EM SÃO BERNARDO DO CAMPO ' 01/09/2012 150 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca
Depositária: FEUSP

6. FERREIRA, LINDOMAL DOS SANTOS. CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA PARA A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA ' 01/02/2012 206 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, SÃO LEOPOLDO

Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

7. FURLAN, ELAINE GOMES MATHEUS. O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR INICIANTE DE QUÍMICA ' 01/02/2011 251 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: PUC SP

8. CASTRO, MARCIA CORREA E. ENUNCIAR DEMOCRACIA E REALIZAR O MERCADO - POLÍTICAS DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO ATÉ O PROINFO INTEGRADO (1973-2007) ' 01/04/2011 152 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: DBD - BIBLIOTECA CENTRAL

9. FERNANDES, ANA PAULA CUNHA DOS SANTOS. ESTUDOS E OBSERVAÇÕES SOBRE VIVÊNCIAS DOCENTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR. ' 01/02/2011 145 f. MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, BELÉM

Biblioteca Depositária: PAULO FREIRE

10. CUNHA, MARCIANO DE ALMEIDA. O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR ATUANTES NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: TRAJETÓRIAS, SABERES E IDENTIDADES ' 01/02/2011 225 f. DOUTORADO em EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: PUC SP

11. MORAES, ALESSANDRA CARDOSO DE. ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS: A DOCÊNCIA EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE SÃO CARLOS ' 01/06/2011 210 f. DOUTORADO em EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BCO/UFSCAR

12. IORIO, ANGELA CRISTINA FORTES. SALA DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE REDE DO SUBÚRBIO CARIOCA: ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL? ' 01/04/2012 140 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL

13. CAMPOS, PAULO MARIANO EULALIO. ESTETIZAR A POLÍTICA E POLITIZAR A ESTÉTICA: AS TENSÕES ENTRE ARTE E PRÁXIS POLÍTICO-SOCIAL NA OBRA E AÇÃO POLÍTICA DE GILBERTO GIL ' 01/08/2012 172 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE

Biblioteca Depositária: FACULDADE DE EDUCAÇÃO

14. TRISTAO, ANDRE DELAZARI. INFÂNCIA E SOCIALIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO NOS MOMENTOS DO PARQUE EM UMA CRECHE ' 01/08/2012 137 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS

Biblioteca Depositária: BU

15. LEITE, VANIA FINHOLDT ANGELO. A ATUAÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM CONJUNTO COM OS PROFESSORES NO PROCESSO DE RECONTEXTUALIZAÇÃO DA POLÍTICA OFICIAL NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO ' 01/04/2012 243 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL

16. TAVARES, LUANA SERRA ELIAS. AUTORIA OU REPRODUÇÃO? O COTIDIANO PEDAGÓGICO DE PROFESSORES COORDENADORES NO CONTEXTO DO PROGRAMA LER E ESCREVER - SEE/SP ' 01/12/2012 230 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS, SANTOS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE PÓS-GRADUAÇÃO UNISANTOS

17. LAGES, ILMA LEMOS PINHEIRO. A EDUCAÇÃO INFANTIL EM MONTES CLAROS: TRANSFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS ' 01/08/2012 198 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE

Biblioteca Depositária: FACULDADE DE EDUCAÇÃO

18. BOTH, LAURA JANE RIBEIRO GARBINI. A POLÍCIA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DA PATRULHA ESCOLAR DO PARANÁ ' 01/03/2012 220 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ,
CURITIBA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA PUCPR

19. SLAVEZ, MILKA HELENA CARRILHO. PERCURSOS IDENTITÁRIOS DE
PROFESSORES ALFABETIZADORES NO MUNICÍPIO DE PARANAÍBA MS ' 01/02/2012 180 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE
Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA PUC/SP

20. BRANDAO, NAGELA APARECIDA. O TRABALHO COMO PRINCÍPIO
EDUCATIVO EM UM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA EM MINAS
GERAIS ' 01/08/2011 256 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO
HORIZONTE

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

21. SOUZA, CIRLEI EVANGELISTA SILVA. FORMADORES DE PROFESSORES NO
ENSINO SUPERIOR: OLHARES PARA TRAJETÓRIAS E AÇÕES FORMATIVAS ' 01/08/2011 330 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA

Biblioteca Depositária: SISBI - SISTEMA DE BIBLIOTECA DA UFU

22. OLIVEIRA, NELDA PLENTZ DE. "FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
E O DESENVOLVIMENTO DE CURRÍCULOS INTEGRADOS NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA" ' 01/12/2011 105 f. MESTRADO ACADÊMICO EM
EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL

23. CARMO, RACHEL AGUIAR ESTEVAM DO. O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE
ANÍSIO TEIXEIRA PARA O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO NOS ANOS DE 1930:
UMA REVOLUÇÃO DENTRO OU CONTRA A ORDEM? ' 01/03/2011 195 f.

MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI

Biblioteca Depositária: BCG

24. WERNKE, MARCIA SCHLEMPER. "A EDUCAÇÃO POR TRÁS DAS GRADES:
UMA POSSIBILIDADE DE (RES) SOCIALIZAÇÃO" ' 01/04/2011 171 f. MESTRADO
ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE, LAGES

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL UNIPLAC -

WWW.UNIPLAC.NET/BIBLIOTECA/

25. COSTA, NILCE ROSA DA. EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL DO CAMPO:
NOVOS TEMPOS E SIGNIFICADOS ' 01/05/2011 131 f. MESTRADO ACADÊMICO EM
EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, BRASÍLIA

Biblioteca Depositária: UCB

26. BARBOSA, LIDIANE DOS SANTOS. AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO PROFESSOR DIANTE DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. ' 01/04/2011 134 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CEDU

27. PORTO, RODRIGO ROBERT. SOBRE FORMAS DE SE APRENDER COM O CINEMA: UM ESTUDO A PARTIR DA AGENDA- DIÁRIO DE LEANDRO KONDER ' 01/04/2011 162 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO
Biblioteca Depositária: DBD - BIBLIOTECA CENTRAL

28. SOUZA, KELLY CRISTINA RUSSO DE. OS ARGONAUTAS DA CIDADANIA NO MAR DA EDUCAÇÃO: MOVIMENTOS SOCIAIS, ONGS E FUNDAÇÕES EMPRESARIAIS NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA ' 01/03/2011 214 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO
Biblioteca Depositária: DBD - BIBLIOTECA CENTRAL

- 29. UTZIG, ANTONIA ANGELINA BASANELLA. AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NA PERSPECTIVA FREIRIANA: UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ' 01/09/2011 128 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BLUMENAU
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA "PROFESSOR MARTINHO C. DA VEIGA"

- 30. SANTANA, CLOVIS DA SILVA. JUSTIÇA RESTAURATIVA NA ESCOLA: REFLEXOS SOBRE A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA GRAVE E NA PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ ' 01/02/2011 337 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/PR.PRUDENTE, PRESIDENTE PRUDENTE
Biblioteca Depositária: FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - UNESP

31. AZEVEDO, FERNANDA VICENTE DE. DISCURSO INTELECTUAL E POLÍTICAS EDUCACIONAIS: ORESTES GUIMARÃES E A QUESTÃO PEDAGÓGICA DA NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO CATARINENSE (1900-1920) ' 01/11/2012 125 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS
Biblioteca Depositária: BU

- 32. AUGUSTO, ROSELY CARLOS. APRENDER NA PRÁTICA: NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE LIDERANÇAS CAMPONESAS, NO SERTÃO DO NORTE DE MINAS, EM FINAIS DO SÉCULO. ' 01/02/2011 241 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

33. MAZZEO, CARLA COSTA DA SILVA. PRECONCEITO DE GÊNERO, UMA REALIDADE CONTEMPORÂNEA: ENTRELACANDO CONCEITOS ' 01/12/2012 102 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS, SANTOS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE PÓS-GRADUAÇÃO UNISANTOS

34. SPONCHIADO, JUSTINA INES. DA RELACAO COM A ESCOLA E SEUS SABERES ENTRE CRIANCAS (D)E FAMILIAS DE BAIXA RENDA: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA INSTITUICAO PÚBLICA DA ILHA DE SANTA CATARINA ' 01/06/2012 403 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS

Biblioteca Depositária: BU

35. ANDRADE, MELISSA MARIA DE FREITAS. NEGRITUDE EM REDE: DISCURSOS DE IDENTIDADE, CONHECIMENTO E MILITÂNCIA - UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE NEGROS DO ORKUT (2004-2011) ' 01/07/2012 139 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: FEUSP

36. DINIZ, FRANCISCO PERPETUO SANTOS. RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS, SABER AMBIENTAL-TERRITORIAL RIBEIRINHO E O DESENVOLVIMENTO LOCAL ' 01/09/2012 183 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, BELÉM

Biblioteca Depositária: PAULO FREIRE

37. DAMO, ANDREISA. EDUCAÇÃO AMBIENTAL, QUALIDADE ALIMENTAR E SAÚDE: ESTUDO DE CASO DAS REPRESENTAÇÕES DA FEIRA ECOLÓGICA DA FURG ' 01/03/2012 234 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, RIO GRANDE

Biblioteca Depositária: SIB E BIBLIOTECA SETORIAL SALA VERDE

38. BRAGA, IVE DE SOUZA. A HISTÓRIA DE ANTOINE DOINEL: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO ' 01/09/2012 149 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA PUC/SP

39. NASCIMENTO, JOELMA GENTIL DO. MEMÓRIAS ORGANIZATIVAS DO MOVIMENTO NEGRO CEARENSE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E OLHARES DAS MULHERES MILITANTES, NA DÉCADA DE OITENTA ' 01/06/2012 180 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA

Biblioteca Depositária: HUMANIDADES/UFC

40. GERONASSO, JOCIANE EMIDIA SILVA. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DA ESCOLA BÁSICA SOBRE O BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR ' 01/02/2012 109 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA PUCPR

41. VILHENA, EDNA REGINA ANDRADE. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA: O IMPACTO DA GESTÃO NO COMBATE A EVASÃO. 01/09/2012 142 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, BRASÍLIA

Biblioteca Depositária: UCB

42. BARG, GILMAR. O CURRÍCULO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BLUMENAU/SC NO PERÍODO DE 1997 A 2004: UMA ABORDAGEM BASEADA NOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS ' 01/01/2012 180 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BLUMENAU

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PROFESSOR MARTINHO C. DA VEIGA

43. SBERSE, ANETE JULIA KORNOWSKI. A LEI 10.639/03 E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: DEBATES E TENDÊNCIAS ' 01/01/2012 110 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, PASSO FUNDO

Biblioteca Depositária: UPF

44. CARDOSO, NILTON FRANCISCO. AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO: ADOLESCENTES COM TRAJETÓRIAS TRUNCADAS ' 01/05/2012 268 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: FEUSP

45. SILVA, MARIANA DA. O TEATRO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: ÉTICA, ESTÉTICA E EMANCIPAÇÃO HUMANA ' 01/08/2012 159 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BLUMENAU

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PROFESSOR MARTINHO CARDOSO DA VEIGA

46. LORETO, ELISA SERGI GORDILHO. INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE: ESTUDO DO CURSO DE INFORMÁTICA DE UMA UNATI ' 01/07/2012 101 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA SETORIAL CENTRO I

47. OLIVEIRA, ANA CRISTINA PRADO DE. POLÍTICA PÚBLICA E PRÁTICA DOCENTE: QUANDO E COMO DIALOGAM NO ESPAÇO ESCOLAR - A EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO ' 01/02/2012 140 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL
48. RAITER, GERSON. AS DIMENSÕES SOCIOEDUCATIVAS NO ENSINO DO BASQUETEBOL: O ESTUDO DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVA ' 01/11/2012 87 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BLUMENAU
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PROFESSOR MARTINHO CARDOSO DA VEIGA
49. AGUIAR, ALEXANDRE DA SILVA. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PRIVADOS DE LIBERDADE E O PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS EM UNIDADES PENAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO 01/02/2012 199 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE
Biblioteca Depositária: FACULDADE DE EDUCAÇÃO
50. OLIVEIRA, HELI SABINO DE. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESPAÇOS RELIGIOSOS: ESCOLHAS, NEGOCIAÇÕES E CONFLITOS. ' 01/02/2012 162 f. DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FAE
51. RODRIGUES, JANAINA LUCIA. A EQUOTERAPIA NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA INCLUSÃO SOCIAL. ' 01/03/2012 105 f. MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, CUIABÁ
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFMT E BIBLIOTECA SETORIAL DO IE /UFMT

Sociologia – 7 trabalhos

1. RIBEIRO, SABRINA DE CARVALHO. DINASTIAS POLÍTICAS E PODER LOCAL: O CASO DO MUNICÍPIO DE ARCOS - MG ' 01/08/2012 200 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - BCE - UNB

2. CUNHA, LUCAS DE LIMA E. PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA: ENTRE PRÁTICAS E SOFRIMENTOS DE VIOLÊNCIA EM CASA, NA RUA E NA ESCOLA. ' 01/09/2011 150 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH/UFRGS

3. CANDOTTI, FABIO MAGALHAES. EM DEFESA DA JUVENTUDE: A PARTICIPAÇÃO COMO MEIO DE GOVERNO ' 01/07/2011 200 f. DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA OCTÁVIO IANNI/IFCH E BIBLIOTECA CENTRAL/UNICAMP

4. GABAN, SILVIA. "SABER MAIS, PARA LUTAR MELHOR: CONCEPÇÃO E PRÁTICA DA FORMAÇÃO SINDICAL NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC PAULISTA E AS NOVAS ESTRATÉGIAS SINDICAIS NO PERÍODO 1999-2009" ' 01/11/2011 196 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES

5. SANTOS, MILENA DO CARMO CUNHA DOS. EU SER UM HOMEM FEMININO NÃO FERE MEU LADO MASCULINO: PERCEPÇÕES E SOCIALIZAÇÕES NOS GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO PARA HOMENS ' 01/04/2012 124 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH/UFRGS

6. MOURAO, PEDRO JORGE CHAVES. A SOCIOANÁLISE DA FORMAÇÃO DE UM DEPUTADO ESTADUAL: O CASO TOMÁS FIGUEIREDO FILHO ' 01/03/2012 130 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DE HUMANIDADES DA UFC

7. GARCIA, SIMONE RODRIGUES RUDUIT. CAPITAL SOCIAL E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS: PROJETO ESCOLA ABERTA PARA A CIDADANIA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL ' 01/09/2012 250 f. DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE
Biblioteca Depositária: BSCSH/UFRGS

Ciência Política – 9 trabalhos

1. ROBALLO, JOSE HENRIQUE MACHADO. CULTURA POLÍTICA, SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA E INTERNET: UM ESTUDO DE CASO COM OS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE RIO PARDO/RS ' 01/11/2011 1 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

2. CASALECCHI, GABRIEL AVILA. "SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA E MUDANÇAS DE ATITUDES: A EXPERIÊNCIA DO PARLAMENTO JOVEM MINEIRO 2008" ' 01/02/2012 110 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE

Biblioteca Depositária: FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

3. SALLES, DENISE MERCEDES NUNEZ NASCIMENTO LOPES. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CONFIANÇA NA AMÉRICA LATINA: O PAPEL DA CULTURA POLÍTICA E DAS INSTITUIÇÕES ' 01/12/2012 217 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO IESP

4. MEDEIROS, PEDRO LEONARDO CARDOZO DE. A VOCAÇÃO DOS BACHARÉIS: ESCOLARIDADE E CLASSE DIRIGENTE NO PARANÁ (1995-2006) ' 01/03/2011 99 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA

Biblioteca Depositária: UFPR - SCHLA

5. MACHADO, AMANDA SANTOS. JUVENTUDE, RECONHECIMENTO E JUSTIÇA SOCIAL NAS AGENDAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO BRASIL ' 01/03/2011 138 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

6. LINHARES, BIANCA DE FREITAS. CULTURA POLÍTICA E PERCEPÇÃO TRIBUTÁRIA: UMA ANÁLISE SOBRE A SUSTENTAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA ' 01/04/2011 248 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

7. CUNHA, PATRICIA RODRIGUES CHAVES DA. DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA: UMA PERCEPÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DE JUVENTUDE ' 01/02/2011 1 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

8. DIAS, RODOLFO PALAZZO. ORGANIZAÇÃO E POSICIONAMENTO POLÍTICO DOS BANCOS NO GOVERNO LULA ' 01/03/2012 167 f. MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA OCTÁVIO IANNI. IFCH E BIBLIOTECA CENTRAL/UNICAMP

9. VECHIA, RENATO DA SILVA DELLA. O RESSURGIMENTO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO GAÚCHO NO PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO: AS TENDÊNCIAS ESTUDANTIS E SEU PAPEL (1977-1985) ' 01/03/2011 413 f. DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Biblioteca Depositária: BSCSH

Comunicação – 13 trabalhos

1. LIMA, SILVANIA DE CASSIA. A POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO DA UFG: CONTEXTOS A PARTIR DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO ' 01/01/2011 167 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFG

2. BORGES, PATRICIA DA VEIGA. COMUNICAÇÃO E LEITURA CRÍTICA: ESTUDO SOBRE O PROGRAMA MÍDIAS NA EDUCAÇÃO (PME) ' 01/08/2011 180 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFG

3. OLIVEIRA, ANDRE ROSA DE. ANÁLISE DE PROCESSOS COMUNICACIONAIS ASSÍNCRONOS PARA COLABORAÇÃO EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM ABERTO ' 01/09/2011 216 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: FACULDADE CÁSPER LÍBERO, SÃO PAULO

Biblioteca Depositária: PROF. JOSE GERALDO VIEIRA

4. MELO, CAROLINA ABBADIA. CIDADANIA, ENTRE A REGRA E A RUPTURA: O FLUIDO MOVIMENTO DO VÍDEO POPULAR NO RESIDENCIAL REAL CONQUISTA EM GOIÂNIA ' 01/10/2011 171 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFG

5. SOUZA, GABRIELLA LUCCIANNI MORAIS. SITES DE REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: DO ENTRETENIMENTO À FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA ' 01/12/2011 188 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFG

6. RABELO, LEON EUGENIO MONTEIRO. "INTERNET, ESFERA PÚBLICA E COMUNICAÇÃO: DOIS ESTUDOS DE CASO" ' 01/06/2012 133 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

7. SOUSA, MARCELO IGOR DE. "CIDADANIA, PARTICIPAÇÃO E DELIBERAÇÃO ONLINE: UM ESTUDO DE CASO DOS SITES E-DEMOCRACIA E VOTENAWEB" ' 01/06/2012 222 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

8. MORAES, ADRIANA TEIXEIRA DE. "PARTICIPAÇÃO POPULAR E OS VALORES-NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO: INTERAÇÃO E CIDADANIA" ' 01/11/2012 150 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

9. SIMAO, NUBIA DA CUNHA. "VIOLENCIA E CIDADANIA A RECEPÇÃO DO PROGRAMA CHUMBO GROSSO JUNTO AO JOVEM EM CONFLITO COM A LEI" ' 01/06/2012 174 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

10. PENHA, FRANCISLANDA RODRIGUES. REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DA POBREZA: O PROGRAMA ESQUENTA E O REPOSICIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE OS POBRES NA TV BRASILEIRA ' 01/11/2012 231 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA Biblioteca
Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

11. SANTOS, DENIZE DAUDT DOS. "TERRITORIALIDADE COMPARTILHADA: COMUNICAÇÃO E CIDADANIA" ' 01/06/2012 166 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

12. RIBEIRO, EVA MARCIA ARANTES OSTROSKY. "A COMUNICAÇÃO PÚBLICA COMO PROCESSO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA A PARTIR DAS MÍDIAS SOCIAIS ESTUDO DE CASO: TWITTER MARCONI PERILLO" ' 01/04/2012 156 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS -UFG

13. PIMENTEL, TATIANE DIAS. "ENTRE A TELEVISÃO E A INTERNET: O JORNALISMO E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA" ' 01/03/2012 149 f. MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA
Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS/UFG

-

Serviço social – 2 trabalhos

1. SOUSA, VALMIENE FLORINDO FARIAS.

CIDADANIA E ENVELHECIMENTO EM PARINTINS: UM ENFOQUE PARA O PROGRAMA DE ATENÇÃO INTEGRAL AO IDOSO ' 01/07/2011 163 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SERVIÇO SOCIAL

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS

2. GONCALVES, LILIAN COUTO. INTERSETORIALIDADE: UM DESAFIO PARA À POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE - RS ' 01/01/2011 170 f. MESTRADO ACADÊMICO EM SERVIÇO SOCIAL

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE